

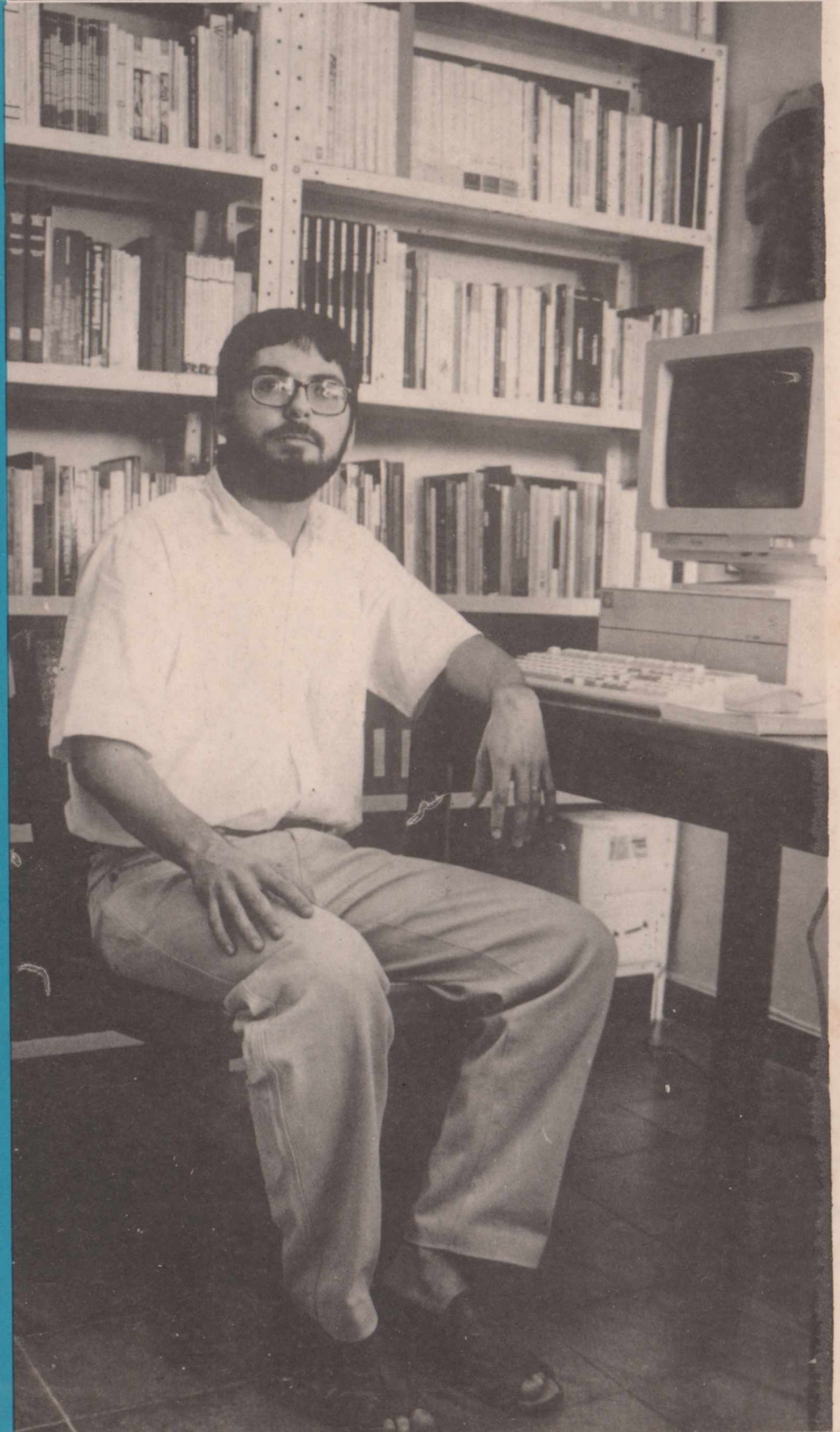
REVISTA CULTURAL

# O GALO

Ano VI - nº 8 - Dez / 94 - Governo do Estado do RN - Fundação José Augusto - Natal-Brasil - R\$ 5,00.

## Jozem guerveiro armorial

Carlos Newton Júnior





FALVES  
SILVA

# A armadura da cultura popular resiste esmaltada no saber das ruas

**O escritor Carlos Newton Jr. abre as portas do Movimento Armorial e reafirma sua proposta original.**

"Os novos Arianos Suassunas e os continuadores da música armorial estão sendo devidamente resgatados do desconhecimento?". Para esta pergunta, do jornalista Alberto Dines, a partir de Portugal, onde hoje milita, a entrevista que o "Galo" traz nesta edição como matéria de capa, com o jovem escritor e poeta Carlos Newton de Souza Lima Júnior, especiais ponderações e oportunas perspectivas.

Como o Projeto CumpliCIDADES, que recebeu abrigo e apoio da Fundação José Augusto em 1993, e que este ano, ao realizar sua contrapartida na Europa (Portugal e Espanha) foi "acarinhada e aplaudida ao longo de um grande tempo", segundo Dines, o Movimento Armorial, criação do pernambucano Ariano Suassuna, acerca do qual Carlos Newton Júnior discorre com autoridade ao longo da entrevista, também guarda gratas surpresas.

Carlos Newton, que acaba de lançar "O Homem Só e outros poemas", paralelamente à criação de uma obra poética e ensaística sobre a cultura centrada no arcabouço do popular, vem escrevendo para jornais e revistas de todo o Nordeste. Vale ressaltar o vigoroso artigo de sua lavra na edição de outubro do Suplemento Cultural de Pernambuco, "Arma, Armadura, Armadilha", onde empreende louvável investigação na arte e na cultura com as possantes lentes do Movimento Armorial.

Nesta entrevista ao professor Marizo Vitor Pereira, seu companheiro do Departamento de Arquitetura da UFRN, onde ensina "História da Arte", e ao jornalista Paulo Augusto, esse seguidor de Ariano e um ser encharcado de brasilidade fala sobre o surgimento do Movimento Armorial, cuja tessitura se faz a partir da heráldica, como arte essencialmente popular, assim como os cantares do Romanceiro, os estandartes do Maracatu, os esmaltes dos brasões e de tudo que lembra povo brasileiro - sejam os Caboclinhos, as Escolas de Samba, o Futebol.

Em seu trabalho, como mostra neste bate-papo, Carlos Newton Júnior vem procurando sistematicamente mostrar o real valor das manifestações artísticas e culturais do povo brasileiro, desmistificando os que apenas querem jogá-lo de escanteio para proveito pessoal. Partindo desde os Astecas, Maias e Incas, e hoje com a cultura genuína tupiniquim, o que a pesquisa e produção de Carlos Newton Júnior prova e comprova é que é preciso resistir para não se verem dizimadas. Com um significativo segmento da intelligentsia, nacional, Carlos Newton Júnior faz coro: é preciso armar a cultura brasileira contra as investidas sempre atrevidas do colonialismo cultural. A luta, que parece inglória, oferece emocionantes bons combates.

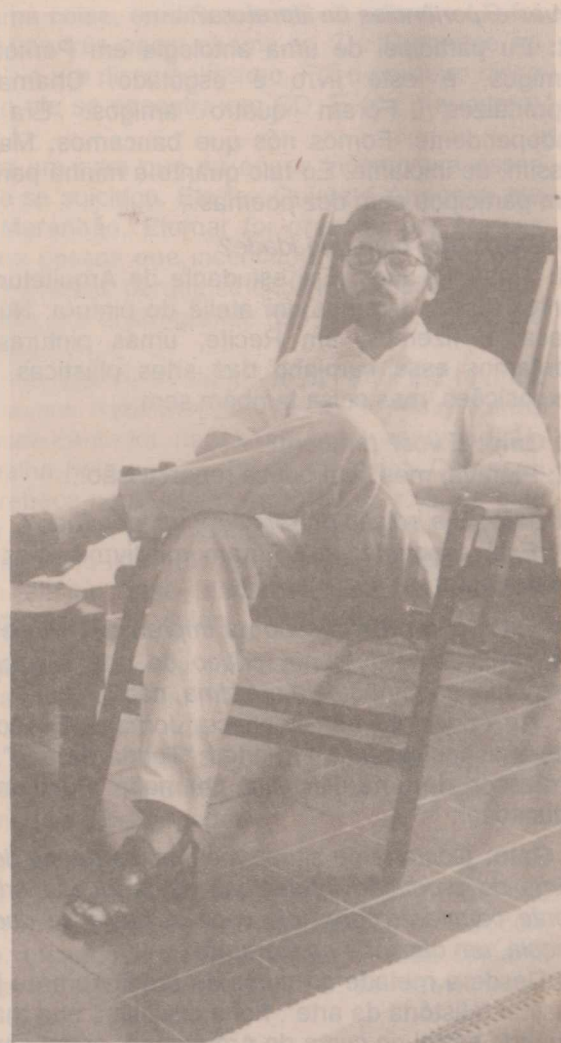


Foto: Eduardo Felipe

**CARLOS NEWTON JÚNIOR, entrevista em 25.10.94**

**Entrevistadores: Marizo Vitor Pereira e Paulo Augusto**

**O Galo:** *Fale um pouco de seus dados biográficos:*

**Carlos Newton:** Nasci em 66, no Recife. Toda a minha formação acadêmica foi feita lá. Me graduei em Arquitetura e Urbanismo pela UFPE, em 88. Depois, me graduei em História pela Universidade Católica, em 1989. Fazia ao mesmo tempo os dois cursos. Um ano depois eu me formei em História. Na época, o vestibular era unificado.

Depois fiz, em 89, uma especialização, na famosa pós-graduação Lato-senso, de teoria da arte. É uma

especialização de um ano. Foi quando apareceu o concurso aqui em Natal, em setembro de 89. Eu soube do concurso para a área de "Teoria e História da Arquitetura", e vim. Era recém-formado, prestei o concurso e passei.

Vim para cá, fui contratado em janeiro de 90.

**O Galo:** *Voltando ao princípio: Quantos filhos são fora você?*

**R:** Sou o segundo de quatro filhos.

**O Galo:** *Tem mais alguém que goste e transe arte?*

**R:** Tem um engenheiro, que trabalha numa multinacional (ele sorri), um engenheiro eletrônico. Eu fiz Arquitetura e História (teoria da arte), depois vem uma moça que é psicóloga e o caçula é médico.

**O Galo:** *Você descobre na sua árvore genealógica alguém transando arte?*

**R:** Meu pai pinta. Ele é um executivo, mas pintava desde menino. E a minha avó materna era uma grande pintora, inclusive chegou a ganhar prêmio, na Paraíba.

**O Galo:** *O que lhe atrai tanto para a literatura? Quando surgiu esse gosto?*

**R:** Foi através do meu pai. Principalmente através dos desenhos dele. Ele brincava com a gente sempre desenhando e contando histórias.

**O Galo:** *E você sempre trabalhou com versos? Escrevia prosa?*

**R:** Quando eu era menino, nas coisas de colégio. Era elogiado. Mas nunca levei à frente, não. Eu tenho umas crônicas escritas quando era adolescente; foram engavetadas.

**O Galo:** *Antes de "O Homem Só", livro mais recente, quais são suas experiências na literatura?*

**R:** Eu participei de uma antologia em Pernambuco com os amigos, e este livro é esgotado. Chamava-se "Poetas aprendizes". Foram quatro amigos. Era uma edição independente. Fomos nós que bancamos. Mas era um livro assim, de iniciante. Eu falo quanto à minha participação. Cada um participou com dez poemas.

**O Galo:** *Isto, com que idade?*

**R:** Tinha 19 anos. Era estudante de Arquitetura, na época. E antes disso, tivemos um ateliê de pintura. Nós abrimos uma casa, e fizemos, em Recife, umas pinturas, trabalhamos, tentamos esse caminho das artes plásticas, fizemos umas exposições, mas coisa também sem...

**O Galo:** *E você também?...*

**R:** Pintava, mas com pouca repercussão...

**O Galo:** *E a edição do primeiro, vendeu tudo?*

**R:** Está esgotada, né? Foram mil livros, mas divididos para quatro autores.

**O Galo:** *E a repercussão na imprensa? Houve alguma coisa? Crítica? Jomard Muniz, crítico de arte e escritor multimídia pernambucano não caiu em cima, não?*

**R:** Na época eu não conhecia Jomard. Eu conheci Jomard, nessa especialização em artes, "Teoria da arte". E ele foi meu professor, de uma disciplina chamada "Fundamentos da Arte-educação".

**O Galo:** *Gostaria de situar você nessa época de 88. Havia um clima de produção intelectual, de produção artística? Para a gente comparar com hoje você já havia se decidido por uma escola, um caminho na literatura?*

**R:** Desde a metade do curso de arquitetura eu já pensava em ensinar "História da arte". Foi a disciplina que mais me cativou. Quando entrei no curso de Arquitetura, entrei sem saber, entrei muito novo, com 17 anos. Isso acontece com muitos jovens. Você entra na Universidade sem saber o que vai encontrar pela frente.

**O Galo:** *Inclusive, essa sua escolha para Arquitetura, essa sua "Carlos Newton Choice"?*

**R:** Ela existiu basicamente porque eu desenhava. Ah, você desenha, então vá fazer Arquitetura.

**O Galo:** *Tanto que você hoje não vive de Arquitetura...*

**R:** É, exatamente. Porque existe uma diferença muito grande entre fazer Arquitetura e desenhar. Quando eu entrei no curso de Arquitetura, eu entrei porque sabia desenhar. Desenhava bem à mão livre. Até hoje eu desenho bem.

**O Galo:** *Quer dizer que não havia essa preocupação de solucionar o problema da moradia no Brasil? Da casa popular para o trabalhador?*

**R:** Não, ainda não pensava, não. Então, quando eu entrei no curso de Arquitetura, eu vi que era uma coisa diferente. Fazer Arquitetura é algo mais do que simplesmente desenhar. O desenho facilita muito, tanto é que eu fui um bom aluno. Me formei com conceitos bons etc. Mas não era aquilo que eu queria. Não queria projetar. Hoje eu projeto para amigos, parentes, uma coisa muito específica. Não me via dentro de um escritório, trabalhando o dia inteiro, com clientes. Não era essa relação que eu queria. Eu queria ensinar. Então, comecei a me dedicar muito mais à parte teórica do curso: História da arte, história da Arquitetura. Fui monitor de História da arte.

E, depois, fiz o curso de História, justamente para me fundamentar nessa parte. Nesse intervalo, entrei na Faculdade de História. Para ter essa fundamentação também da história.

**O Galo:** *E o primeiro livro vai sair nesse meio tempo...*

**R:** O primeiro vai sair mais ou menos por aí. Eu já era aluno do curso de História e de Arquitetura.

**O Galo:** *Eu quero saber a efervescência política da juventude, na época tinha alguma coisa? Esse seu primeiro trabalho tem essa preocupação?*

**R:** Não. Eu particularmente, acho esse meu primeiro trabalho muito fraco. A temática era muito variada. Eram poemas soltos. Coisas que eu escrevia...

**O Galo:** *Mas havia algo filosófico, a nível pessoal...*

**R:** Era, havia. Tinha alguma coisa de lírico. Porque eu acho que não conhecia poesia na época. Não sabia o que significava o verso, não sabia nada.

**O Galo:** *Quem era figura de proa que aparecia naquele momento?*

**R:** Não desse momento, mas depois, eu já formado em Arquitetura, quando eu fiz a pós-graduação, eu me vinculei muito a Ariano Suassuna. Isso na pós-graduação. Porque nessa pós-graduação, eu escrevi um trabalho sobre o Movimento Armorial. Ele já havia sido meu professor. Essa pós-graduação era de um ano e você tinha que apresentar um trabalho, uma monografia. E eu fiz sobre o Movimento Armorial. Então, Suassuna já tinha sido meu professor na graduação de Arquitetura. Eu entrei na faculdade, o professor que me despertou mais atenção foi Suassuna. Ele foi meu professor de "Estética". Então, a partir daí, eu comecei a pensar em trabalhar essa parte da arte, estética. Eu gostei tanto dessa disciplina dele, que eu comecei a pagar outras disciplinas, como aluno especial nos cursos que ele dava na universidade. Porque ele dava disciplinas em vários departamentos.

Então eu fui aluno dele em Estética, no curso de Arquitetura. Depois, eu fui aluno dele no curso de História, da Federal, numa disciplina chamada "História da Cultura". Fui aluno dele, no curso de Letras, em "Cultura Brasileira"; fui aluno dele no mestrado de Filosofia da Federal, com a disciplina que ele deu chamada "Arte popular e arte erudita", como aluno especial; e fui aluno dele depois, nessa mesma pós-graduação em que fui aluno de Jomard, fui aluno de Suassuna, numa disciplina, "Estética".

Então, eu me liguei muito à tendência do Movimento Armorial. Foi quando eu escrevi sobre o movimento. Esse trabalho não chegou a ser publicado. Parte dele foi publicado aqui, pela Cooperativa (Cooperativa Cultural - UFRN: Natal, 1991, "A onça malhada e o espírito castanho", Carlos Newton S. L. Júnior, prof. do Departamento de Arquitetura da UFRN).

Quando eu cheguei aqui, em 90, o presidente da época, prof. José Lacerda Alves Felipe, hoje vice-diretor do CCHLA, através do prof. Pedro Lima, do Departamento, pediu alguma coisa que eu estivesse usando para sala de aula. Então, eu publiquei. Alguns conceitos dessa monografia eu publiquei aqui, mas uma edição em xerox, feita pela cooperativa, naquela Coleção Sala de Aula.

**O Galo:** *E hoje não teria mais exemplares à venda?*

**R:** Tem. Depois, quando eu fui presidente aqui na Cooperativa Cultural, eu modifiquei essa proposta editorial. Hoje, os livros são feitos em gráfica, em off-set.

**O Galo:** *Gostaria que você colocasse qual a importância do Movimento Armorial e de Ariano Suassuna. Ele é um "Dos" ou ele é o principal do Movimento? Tem seguidores? Tem você e quem mais? E a que se propõe o Movimento?*

**R:** O Movimento Armorial foi lançado oficialmente em 70. A data certa é 18 de outubro de 1970. O Movimento teve como idealizador e principal expoente Ariano Suassuna. Desde jovem, Ariano vinha já se preocupando com o problema da cultura popular brasileira e a preocupação de uma arte erudita brasileira, que tivesse como fundamento essa cultura popular. O nacional e o popular.

Ele achava e ainda acha que, no Brasil, um país que foi colonizado, onde você tem nitidamente uma cultura oficial e tem uma cultura marginal, ele achava que o **verdadeiramente nacional seria aquele artista que procurasse se espelhar na arte popular, na arte do quarto Estado.** Então, ele tem muita coisa escrita sobre isso. É difícil até você resumir toda uma teoria que ele fez. Desde 1946 que ele se preocupava com isso.

Em 70, ele reúne um grupo de artistas em Recife e funda esse movimento. Que tinha essa idéia: criar uma arte brasileira, cobrar uma arte brasileira, sem essa idéia de uma coisa muito fechada. Mas que de certa forma não endeusasse tanto as manifestações de fora, como o Tropicalismo fez...

**O Galo:** *E o brasileiro faz, em geral.*

**R:** Faz, em geral. A idéia do Movimento Armorial era primeiro fortalecer o que nós tínhamos, um tronco cultural comum, para depois essas influências virem como contribuições, como coisas que mascarassem, que disfarçassem o processo de colonialismo que existe aqui no Brasil.

**O Galo:** *Há alguma similitude com a semana de 22? Era uma proposta de abraçar a arte?*

**R:** A semana de 22 teve, de certa forma um vertente, com Mário de Andrade, com Manoel Bandeira, depois estudaram, de valorizar o romancista, como Mário valorizou. Então, o Movimento Armorial tinha isso. Era basicamente essa, a idéia: **trabalhar uma arte erudita brasileira que se fundamentasse na cultura popular.**

**O Galo:** *E Armorial etimologicamente, vem de onde?*

**R:** Armorial vem de arma, né? não no sentido de armamento, mas no sentido de brasão. Ele achava, na época em que escreveu o manifesto, que a heráldica era uma arte muito popular. Você encontra a heráldica nos estandartes de futebol, nos clubes, nas escolas de samba, nos ferros de marcar boi. Então, por isso que ele vinculou. Ele vinculou "armorial" a "arma", a "brasão", por isso. Porque dava essa idéia que ele queria. Ele queria uma pintura, uma gravura, uma música forte como os brasões, que cintilasse, que desse essa idéia de cor, de esmalte, muito ligado ao popular.

Então quem participou desse movimento? Gilvan Samico, que fez uma gravura de grande qualidade. Fez se baseando no romancista. Então, Samico pegava os folhetos de cordel e fazia uma recriação. As gravuras dele dessa fase são recriações em cima dos temas do cordel. Um grande escritor da época. Arnaldo Barbosa, que até hoje faz escultura em pedra; o Quinteto Armorial, que foi a grande expressão na música. O Quinteto Armorial tocou até... o último disco do Quinteto Armorial me parece que é de 82.

**O Galo:** *Eu ia perguntar a você se o Movimento transborda de Pernambuco e consegue adesões em outros Estados. Mas, com a música ultrapassou os limites de Pernambuco...*

**R:** Ultrapassou. Inclusive o Quinteto chegou a gravar fora, na Argentina. Teve uma época que, me parece, nos Estados Unidos. Não tenho certeza. E percorreu o Brasil inteiro. Na Música, existiu o Quinteto Armorial e também a Orquestra Armorial. Esta, depois se desfez, por uma discussão teórica.

Quem estava à sua frente era Cussy de Almeida, até nascido aqui no Rio Grande do Norte. Ele era ligado ao Conservatório Pernambucano de Música. E ele dirigiu a Orquestra Armorial durante algum tempo. Depois, houve uma discussão teórica entre Suassuna e ele, e a orquestra tomou outro rumo. E Ariano fundou a Orquestra Romançal, justamente para ficar fora dessa idéia da Orquestra Armorial. Houve uma briga, inclusive Ariano queria que o nome Armorial ficasse com ele, mas Cussy acabou ficando com o nome, que era de Ariano. Hoje, a orquestra toca em casamento... Faz uma coisa bem à parte do que Ariano queria.

A proposta do quinteto era fazer uma música erudita, baseada nas cantigas, nas solfas dos cantadores populares. Então, os instrumentos que o quinteto utilizava: a viola sertaneja, o piva, a rebeca, que era um violino arcaico, que ainda hoje você ouve no Bumba Meu Boi, e o **maribau de lata.** Quer dizer, eram esses instrumentos que ele utilizava. Esse quinteto gravou quatro LP's, fez um sucesso muito grande no Brasil. De certa forma, ele entrou na história da música brasileira.

O Quinteto Violado já vem na esteira do Quinteto Armorial, fazendo uma música mais vendável, mais comercial. Coisa que o Quinteto não fazia. O Quinteto fazia uma música de pesquisa, era uma coisa, erudita mesmo. O primeiro LP foi lançado em CD há uns três anos: chama-se "Do Romance ao Galope Nordestino"; é um disco bellissimo. Foi o primeiro disco do Quinteto, e hoje ele se encontra em CD. É (da gravadora) de Marcos Pereira.

Marcos Pereira era um cara que na época incentivava esses valores. Depois ele se suicidou. Ele fez Quinteto Armorial, ele fez "Papete", no Maranhão, Elomar foi gravado por Marcos Pereira. Ele foi uma pessoa que incentivou muito. Tinha uma gravadora, mas ele acabou, porque se endividou muito, porque não vendia... A máfia era muito grande das multinacionais, ele acabou se suicidando.

O último disco do Quinteto Armorial foi de 82. Mas ele revelou talentos que continuam trabalhando hoje. O Antônio Carlos Nóbrega, esse grande cantor, dançarino, esse grande artista, fabuloso, que trabalha hoje no Sul, foi do Quinteto. Começou tocando violino e rebeca no Quinteto Armorial. E hoje ele está aí. É um cantor que tem participação em novelas. E tem o Joca Madureira, que era o líder, ele também toca hoje sozinho, faz um trabalho, Antônio José Madureira, fez um trabalho individual, gravando discos de violão...

**O Galo:** *Qual a ligação de Elomar com o Quinteto?*

**R:** Elomar faz uma coisa mais ou menos nessa linha. Trabalha com o português seiscentista, que existe no sertão da Bahia. Ele faz recriações em cima disso. De certa forma ele valoriza a cultura popular do sertão da Bahia. Elomar faz um trabalho muito bonito, ao meu ver, de cantor.

**O Galo:** *E a orquestra, hoje?*

**R:** A orquestra, de uns dois anos para cá, eu vi em jornais que a orquestra estava se organizando, inclusive tocando com Geraldo Azevedo, tocando em casamentos. É uma coisa já bem particular de Cussy de Almeida. Ele se desvinculou, desde 1975.

**O Galo:** *Na pintura, alguém prosseguiu?*

**R:** Na pintura, hoje você tem Romero de Almeida Lima. Ele é de Pernambuco. Está fazendo muito sucesso com cenários de teatro no Sul. Saiu até numa reportagem da (revista) Veja. Romero tem uma ligação muito profunda. Hoje ele está trabalhando muito mais com cenário do que com pintura. Começou fazendo pintura, e começou fazendo um trabalho de cenografia e foi muito requisitado. Ele é um artista, vive disso, então começou a fazer. Ele é inclusive sobrinho de Ariano, por parte de mãe. Romero de Andrade Lima, é muito elogiado no Sul. O Dantas Suassuna, que é filho de Ariano, e que tem um trabalho de pintura hoje muito reconhecido. De Pernambuco. Também é dessa geração nova, de artistas armoriais, Mônica Laurindo de Melo. Quer dizer, tem vários artistas.



**O Galo:** Na área de literatura... com você aqui...

**R:** Não, não me coloque, não (risos).

**O Galo:** O cenário de "Uma Mulher Vestida de Sol" você lembra de quem foi?

**R:** Não foi de Romero, não. Eu não sei o nome dela. Posso ver se em casa. Mas ela é inclusive uma pessoa que começou a trabalhar com Romero. Romero na época não pôde. Ele estava fazendo um trabalho em Minas Gerais, e ela fez. Ficou muito bonito aquele cenário (um especial para a Rede Globo).

Então, o forte do Movimento Armorial foi a década de 70, 80. E por que forte? Tinha Ariano, que ele puxava. Ele era um homem, um artista já reconhecido e dava muita força a estes artistas que estavam surgindo.

Em 80 ele parte para uma espécie de exílio literário. Não sei se você se lembra disso. Ele escreveu um artigo de despedida, e deixou de escrever. Ele passou o quê? Quase nove anos sem dar entrevista, se limitou à atividade docente dele. Houve uma série de decepções políticas que ele teve. Chegou a ser secretário municipal de cultura. E nesse artigo ele diz que estava muito decepcionado com o Brasil, com os políticos, que entendiam a proposta do Movimento Armorial, mas não queriam endossar, não queria fortalecer. Não queriam levar avante essas propostas populares. Ele passou, praticamente, nove anos sem dar entrevistas. Fugiu completamente. Disse que tinha terminado, encerrado a vida literária dele.

Na verdade, ele continuou a escrever, mas em casa, não publicou. Tanto é que o último livro dele, "O Rei Degolado", é de 77, que é a continuação de "A Pedra do Reino", o grande romance armorial que estava escrevendo. Quando eu conheci Ariano foi nessa época. Eu conheci Ariano em 88, e ele estava desvinculado dessa história de imprensa... estava dando aula. Só limitava-se a dar aulas. Eu conheci Ariano em 88; 89, 90 já é um ano em que ele volta, inclusive participando ativamente de política, no PSB. Ele volta na década de 90 e começa a ressurgir, inclusive sendo revalorizado. Como eu acho de direito.

**O Galo:** E ele publica esse livro novo?

**R:** Em 89, ele escreveu uma peça de teatro, chamada "As Conchambranças de Quaderna", que não foi publicada, foi encenada. E ele se aposenta na universidade. E quando ele se aposenta, diz que está continuando "A Pedra do Reino", na realidade, é uma introdução a um grande romance que ele vinha escrevendo, desde 1958. E ele quer continuar e acabar agora. Diz que vai lançar no ano que vem, essa continuação da "A Pedra do Reino".

Ele escreveu "A Pedra do Reino", depois escreveu "O Rei Degolado", que é parte da continuação. Chegou a publicar, no "Diário de Pernambuco", em folhetins semanais, uma segunda parte de "O Rei Degolado", que foi lançado em forma de livro. E hoje ele se dedica à conclusão, em casa, escrevendo esse romance.

Agora, ele voltou à cena literária - ele era uma pessoa muito querida, tem um carisma muito grande - , então os convites sempre aparecem. Para dar palestras, para publicações. E ele sempre vem se esquivando.

**O Galo:** Você falou que entrou para um Partido...

**R:** É, o PSB - Partido Socialista Brasileiro. Ele é delegado do Partido Socialista. Ele se envolveu em política nesse sentido. Apoiando Miguel Arraes lá de Pernambuco. Em 90, ele começa a ressurgir. Em 89, ele deu essa entrevista - foi até a Geneton Moraes Neto, ele deu a primeira entrevista após esse longo período de silêncio - , em 89 houve a encenação, também, dessa peça, "Conchambranças de Quaderna", que é o mesmo personagem de "A Pedra do Reino". E há duas semanas atrás ele lançou um romance inédito, que é de 56, nunca tinha sido publicado, por uma editora de Pernambuco, chamada Bagaço. Essa editora pediu a ele, pra levantar o nome da editora. É uma editora nova, pediu um romance. Ele disse: Eu estou terminando esse romance para o ano que vem, mas eu tenho este inédito. Se vocês quiserem, é um romance de 56. É uma história curta, chamada "História de Amor de Fernando e Isaura". E aí eles publicaram.

Ele teve também o "Brasil Especial", na Terça Nobre: "Uma mulher vestida de sol" foi a primeira peça dele, que foi encenada pela Globo. Então é um ano que ele está realmente sendo feliz. O diretor é Luis Fernando Carvalho, e fez um espetáculo muito bonito. Inclusive ele tinha anunciado quando veio para cá, para a aula magna.

**O Galo:** E aquela obra dele que virou filme? "O Auto da Compadecida"?

**R:** "O Auto da Compadecida" tem duas versões cinematográficas, que é uma versão de 69, com Antônio Fagundes e Regina Duarte, e a direção de George Jonas; e tem depois uma versão com Os Trapalhães: "Os Trapalhães no Auto da Compadecida".

Então, com esse livro, ele quer se vincular, de certa forma pretende se vincular a essa proposta estética. Porque se o movimento acabou, porque enquanto movimento ele acabou...

**O Galo:** Porque o Ariano botou essa "Pedra do Reino" em cima?...

**R:** Movimento é uma coisa temporal. Do ponto de vista temporal é uma coisa limitada. Acontece! Enquanto movimento ele aconteceu. Agora, as raízes desse movimento, a herança desse movimento, os caminhos individuais que cada um leva, todos eles vão crescer individualmente. Porque o movimento, pelo menos o Movimento Armorial, não era entendido como uma coisa uniforme ou como uma camisa de força. Cada um tinha sua individualidade.

Se você pegar Samico, ele tem uma proposta completamente diferente de um outro artista do movimento. Se você pegar a pintura de Romero, tem expoentes diferentes. Agora tem uma unidade, a procura dessas raízes, desse romanceiro, é uma herança comum.

Então, como movimento ele se esgotou. Até porque não tinha mais forças. Aí as propostas estéticas do movimento ainda hoje são válidas, para se trabalhar. E é isto que eu retendo fazer. Por isto que aqui você tem esses sonetos armoriais (na obra de Carlos Newton), eu chamo aquilo poemas armoriais. O galope, são coisas vinculadas ao imaginário nordestino, a uma mitologia própria. Isso eu procurei fazer.

**O Galo:** Mas você não se preocupa com quem vai consumir, não? Se a gente vive num tempo de marketing, você foi mais pelo lado da arte em si?

**R:** Eu tenho sempre a pretensão de escrever, não sei se um dia vou escrever alguma coisa que valha a pena. Mas eu acho que nenhum escritor, nenhum artista deve estar preocupado com isto. Eu não sei se é porque eu ensino história da arte e vejo por um prisma diferente. Eu acho que não é a primeira preocupação fazer sucesso e ganhar dinheiro. Eu acho que você tem que expressar o seu mundo.

**O Galo: E Paulo Coelho?**

**R:** Se você expressa e é aquilo mesmo. Se Paulo Coelho faz e aquilo é a expressão dele, para ele está perfeito. Agora, quem vai consumir é outra história. O verdadeiro artista deve estar preocupado com a expressão do seu mundo interior. Van Gogh morreu, vendeu só um quadro. Você tinha na mesma época de Van Gogh um Renoir, que fez um sucesso imenso. E era um grande artista como Van Gogh, só que a proposta dele estava muito mais ao gosto da época.

Eu sempre procuro pautar a minha visão da arte por dois conceitos: o juízo de gosto e o juízo de valor.

Então, os grandes artistas que fundaram a modernidade, os pintores Van Gogh, Gauguin, tiveram uma aceitação péssima enquanto vivos. Se você pegar a história de Gauguin é uma história de um indivíduo que foi rejeitado, morreu lá na Polinésia. E hoje a obra dele é reconhecida. O próprio Ariano é um escritor de poucos leitores. Ele reconhece isto.

**O Galo: E ele não abre mão, para vir com outros atrativos?**

**R:** Não. Se você for olhar bem, será que são muitos os leitores de Guimarães Rosa? Eu acho que não. Tem um alcance, mas não é para todo mundo.

**O Galo: Mário M. González, no livro "A Saga do Anti-herói" estuda a obra de Ariano Suassuna. E a picaresca estudada no livro salienta o Clown, o homem do povo, o palhaço, para dizer as verdades?**

**R:** Isso ele usa, inclusive, desde "A Compadecida..." Ele pega o João Grilo para contar realidades sociais. A obra de Ariano é uma obra que tem uma fundamentação... No teatro se torna mais fácil. No romance, não. Porque o romance dele é grande, então, a pessoa não lê. Mas no teatro já é mais fácil. E o João Grilo é muito conhecido. Ele pega o João Grilo e recria. A obra "A Pedra do Reino" não tem muitos leitores. Mas é considerado pela Academia de Lisboa um dos dez maiores livros em língua portuguesa. E era um livro estudado em Portugal. Eu tenho um livro em xerox, que ainda não chegou no Brasil, é um livro português: "Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista", de Antônio Quadros, um escritor que faleceu há dois ou três anos, que traz todo um capítulo sobre Ariano Suassuna. Depois que ele leu "A Pedra do Reino" veio ao Brasil só pra conhecer Ariano.

O capítulo é "Introdução ao Realismo Mítico de Ariano Suassuna", "A renovação do Édipo Pícaro na obra de Ariano Suassuna". Tem todo um capítulo. E ele termina o texto dizendo uma espécie de súplica aos portugueses para publicar o livro lá. Ele diz: "Há pois que publicar entre nós, com urgência, todos os folhetos de cordel já reunidos nos dois primeiros livros e que um dia formarão a trilogia com o título geral 'As maravilhosas aventuras de Quaderno o Decifrador e a demandada novelosa do rei do sertão'. Que mesmo que ficasse inacabado, como as capelas imperfeitas da batalha, seria sempre uma das obras-primas da literatura em língua portuguesa". Essas duas primeiras partes são "A Pedra do Reino" e "O Rei Degolado". É um livro que foi objeto de tese nos Estados Unidos, que foi objeto de tese na Alemanha - "A Pedra do Reino" - e não tem muitos leitores no Brasil. Já o teatro dele tem uma aceitação bem maior.

**O Galo: Você não vê no Rio Grande do Norte alguma produção em cima do Movimento Armorial? Evidentemente fora você?**

**R:** Eu acho que não. Pelo menos eu não conheci. Outro dia eu encontrei o Dorian Gray na Capitania das Artes, na exposição sobre Lina Bo Bardi, e ele me disse que queria até conversar sobre o Movimento Armorial, que ele tinha algumas coisas, que segundo ele se casavam ou fazia uma referência a isso. Mas a gente não chegou a conversar.

Ele foi um movimento que se restringiu muito a Pernambuco, Paraíba. Não sei se, na época, alguém veio aqui ou teve uma proposta. Que eu saiba, não. O que eu posso dizer é que Zoca Madureira, o líder do Quinteto Armorial, é do Rio Grande do Norte, é potiguar. O Cussy de Almeida também.

A unidade do Nordeste é muito grande, no meu entender esses três estados: Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, os quatro, e Alagoas. Têm uma unidade muito grande.

**O Galo: Seu trabalho continua ainda em cima dessa proposta? E você acha que ainda vai ficar um tempo?**

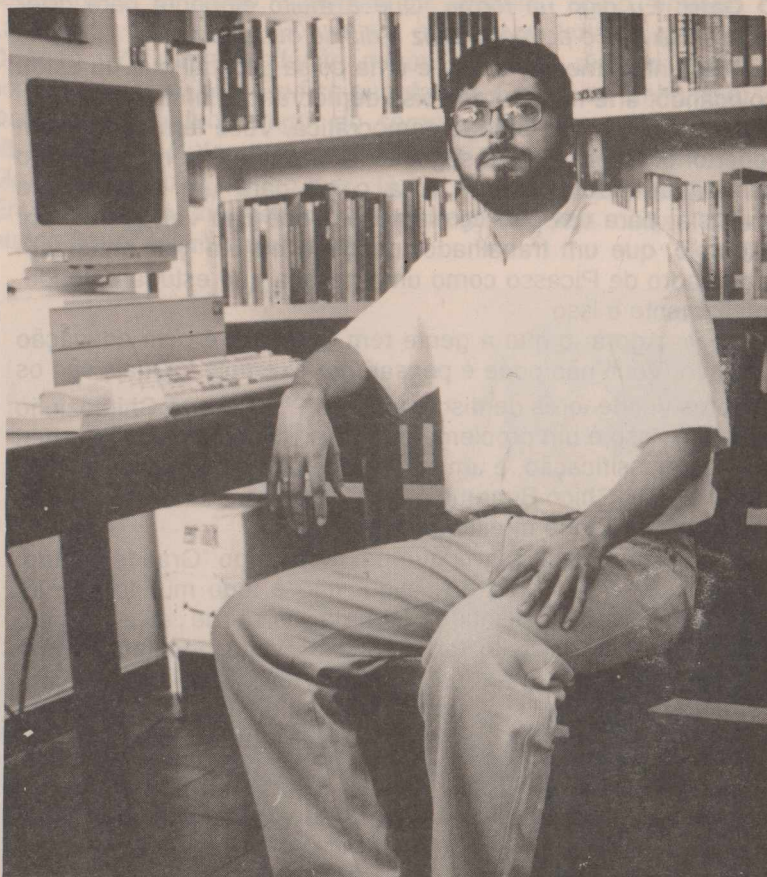
**R:** Eu acho. O que eu produzi, quando cheguei aqui em Natal, nesses cinco anos? Esses trabalhos, que são pequenos, há essa parte da monografia que eu falei...

**O Galo: E todos são encontráveis? Principalmente "A onça Malhada e o Espírito Castanho"?**

**R:** É. Que é um trabalho que hoje eu já vejo com outros olhos, porque ele foi publicado em 91, mas eu escrevi em 90. Eu tinha 23 anos. Você sabe que a gente vai passando, vai amadurecendo, hoje eu já não vejo como um trabalho que talvez eu nem indicasse. Mas é um trabalho que tem umas preocupações. Cometi injustiças, numa série de coisas. Passei esse tempo também escrevendo artigos. Escrevi muitos artigos para a "Tribuna do Norte", até sobre o Movimento Armorial, escrevi muita coisa sobre "A Pedra do Reino".

**O Galo: Houve repercussão?**

**R:** Houve. Eu acho que os artigos eram lidos e as pessoas gostavam. Por exemplo, quando Aluizio Alves foi para a Academia Norte-rio-grandense de Letras, no discurso de posse dele, falando sobre os colaboradores da "Tribuna", ele elogiou. Disse que eu estava, que era um orgulho, entre os colaboradores atuais, ele colocou meu nome. É um orgulho muito grande. As pessoas que eu comentava aqui na universidade gostaram. Só que esses artigos... eu comecei a publicar uma série de artigos sobre o problema da "Pedra Bonita" e "A Pedra do Reino", movimento fanático que deu origem, não digo fanático, um movimento religioso, em Pernambuco, no século passado, que deu origem a esses livros: "Pedra Bonita", de José Lins do Rego, e "A Pedra do Reino", de Ariano, e que deram origem também a um outro livro da época, do século 19, "O Reino Encantado" de Araripe Júnior. Comecei a escrever uns artigos sobre "Pedra Bonita" e "A Pedra do Reino". Só que eu entregava - e isto não é uma crítica ao jornal, não -, mas demorava muito, porque tinha um número muito grande de colaboradores. Começou a ficar um espaçamento muito grande entre um artigo e outro e eu desisti. Publiquei até o sexto. Com esse tema: "Pedra Bonita" e "A Pedra do Reino".



**O Galo:** Quando você fala que o Movimento Armorial procura valorizar as coisas do povo; Alimenta-se nas fontes populares, como vê artistas como Chico Buarque e outros que fazem um trabalho centrado assim? Mas são diferentes em termos de estética? Não é a mesma fonte que alimenta?

**R:** O Movimento Armorial se baseou muito foi no romanceiro popular nordestino. O romanceiro popular, a literatura de cordel, a xilogravura popular. Esta era a fonte primeira. Que eles achavam a mais próxima dessas raízes populares. Agora, isso não quer dizer que você não possa fazer. E na época Ariano até dizia que era muito justo que um gaúcho, um mineiro, procurassem as suas raízes. Que um carioca procurasse.

Na época, quando ele era diretor do Departamento de Extensão Cultural da Federal de PE (UFPE) - foi aí que o movimento tomou força, vinculado à universidade - e ele incentivou muito. Publicou artistas populares, álbuns de gravadores, deu um incentivo muito grande. O movimento foi criado junto à Universidade Federal de Pernambuco, teve um apoio oficial. Ele foi fundado quando Ariano era do DEC-Dept<sup>o</sup> de Extensão Cultural. E depois Ariano foi Secretário de Educação e Cultura, da Prefeitura do Recife, e também deu um incentivo muito grande ao movimento.

**O Galo:** E a nível institucional não ficou nada? Uma cadeira? Uma disciplina?

**R:** Não, infelizmente não. Eu até escrevi, há uns dois anos ou três um artigo sobre isso. O artigo chamava-se "Pernambuco e o Movimento Armorial", mostrando que nem no Centro de Artes ele tem hoje uma repercussão como deveria.

Eu acho - e nesse trabalho que escrevi para o curso de especialização eu digo - que é uma das grandes propostas e uma das coisas mais importantes que se fez, a nível da teoria da arte, depois da Semana de 22. Não sou nem eu que falo. Eu acho que quem falou isso antes foi o maestro Isaac Karabitchewski, que, depois da Semana de 22, foi a coisa mais importante.

**O Galo:** O Movimento Armorial seria uma visão elitista de todo um cabedal popular? Isso aí não afastaria o próprio leitor/consumidor médio de um consumo? De uma Aproximação?

**R:** Tem que se separar aí a elite. A elite não no sentido econômico.

**O Galo:** Eu digo na forma. Que é muito elegante para dizer uma coisa que o povão produz e diz de outra forma.

**R:** Mas, infelizmente, e isso é uma coisa pessoal que eu estou colocando: arte não é uma coisa democrática. Infelizmente não existe isso. Ela não é nada democrática. Você tem que ter um repertório. Quero dizer o seguinte: a arte não é democrática no sentido de que a arte é uma coisa para um público que vivencia, para um público treinado. Você não vai querer, por exemplo, que um trabalhador do porto ou um gari entendam um quadro de Picasso como uma pessoa que estuda entende. Infelizmente é isso.

Agora, o que a gente tem que lutar é pela educação do povo. Você não pode é pensar, por exemplo... Quais são os maiores vendedores de disco no Brasil? É Xuxa, é Chitãozinho e Xororó. Isso é um problema de massificação cultural, ao meu ver. De massificação, é uma coisa que atinge por baixo. Então, infelizmente, Chico Buarque é uma coisa para uma elite, nesse sentido. Não é todo mundo que vai gostar.

Da mesma forma que um livro como "Grande Sertão: Veredas", e a "A Pedra do Reino" não é todo mundo que lê. Então, elite nesse sentido. É uma coisa de elite. Agora, procurar valorizar muito também a vertente popular. Porque sempre se acredita nisso: numa vertente popular e numa vertente erudita. Essa vertente erudita se baseando no popular, recriando o popular. Essa era a proposta do Movimento.

**O Galo:** Quando você falou na década de 60/70, me lembrou assim: Já que o Tropicalismo como movimento fez agora esse ressurgimento, porque eles não pensariam também em fazer

um negócio assim? De 70 para cá seriam 24 anos. Não houve nada discutido nesse sentido, de comemoração?

**R:** Quando o Movimento fez 20 anos, fez-se alguma coisa em Recife, a nível de comemoração. Eu cheguei a escrever um artigo mencionando esses 20 anos, falando do Movimento Armorial. Esse artigos de que falei: "Pernambuco Movimento Armorial" foi nesses 20 anos, eu acho. Houve um vídeo de uma estudante de Comunicação da UFPE; foi um trabalho de graduação dela, falando sobre o Movimento Armorial. Eu me lembro também de uma grande homenagem, quando Ariano Suassuna fez sessenta anos, em 87. Inclusive a universidade lançou um livro, "Suassuna e o Movimento Armorial", fazendo toda uma referência. Um estudo belíssimo, de um professor chamado Jarbas Maciel, que inclusive participou da Orquestra Armorial, e que fez um trabalho, escreveu sobre a Estética Armorial de forma maravilhosa.

Então, essas coisas aconteceram e acontecem.

**O Galo:** Quando fez os vinte anos, né?

**R:** Sim. Foi em 1990, vinte anos de movimento, uma data comemorativa. Não que o movimento tenha existido como movimento até os vinte anos. Ele existiu durante dez anos. Com certeza, enquanto movimento.

**O Galo:** Em termos de Nordeste você mantém contato com artistas sintonizados com o Movimento Armorial? Ou falando-se de Brasil, em outros Estados?

**R:** Não tenho conhecimento. Ficou mais preso ao Nordeste. Você encontra hoje, não trabalhando em cima dessa proposta, mas você encontra poetas que têm uma ligação profunda. Aqui no RGN, por exemplo, o Deifilo Gurgel. Os sonetos de Deifilo são belíssimos e têm uma certa ligação com a cultura, com o povo. As poesias de Paulo de Tarso Correia de Melo, eu acho que também tem um vínculo muito grande com essa herança do romanceiro. Ela está lançando agora, sobre a guerra, o "Folhetim Cordial da Guerra em Natal e Cordial Folhetim da Guerra em Parnamirim", trabalhando com os versos do romanceiro. Então, tem muita coisa assim. O livro que ele lançou, até pela Cooperativa (Cultural da UFRN), o "Talhe Rupestre", também tem um vínculo forte com o popular; ele até fez uma alusão a Otacílio Batista, tem uma preocupação com a nossa herança cultural.

**O Galo:** O Movimento surgiu e disse a que veio. E com o tempo, ele poderia até perder esse nome ou transformar-se?

**R:** Eu acho que ele entrou para a história. Ele faz parte da história da cultura brasileira. Você não pode, no futuro, quando você for falar... É porque a gente fala muito em Semana de 22, não é? Então é uma coisa que já está distante. Mas futuramente, quando se escrever sobre a história da cultura brasileira ou se fala Semana de 22 ou Movimento Regionalista, das décadas de 30/40. Então, mais adiante, vai se falar de Semana de 22, vai se falar de Movimento Regionalista e vai se falar do Movimento Armorial, com certeza.



**O Galo:** *Agora, a gente partiria para o produtor. É uma coisa fácil?*

**R:** Não, com certeza existem dificuldades. Esse livro que eu lancei é uma edição só minha. Eu custeei esse livro. Custeei e paguei com o lançamento ("O homem só"). Dificuldades a gente sabe que existe. Não é até de você fazer, mas é de divulgação. Ele não sai daqui, da região.

A Cooperativa tem uma coleção Sala de Aula, que continua até hoje, inclusive melhorada, do ponto de vista gráfico. Hoje tem uma proposta. Marizo Vitor Pereira, professor do Dept<sup>o</sup> de Arquitetura, faz as capas. Tem uma proposta gráfica muito interessante. Quando eu fui presidente da Cooperativa, Marizo foi vice. Então, nós procuramos modificar muito o livro. Nós tivemos uma preocupação com o livro enquanto objeto gráfico. Porque era uma coisa que não tinha. Ele era feito em xerox, era batido à máquina.

Na minha época nós fizemos um convênio com a Fundação Sócio-Cultural Santa Maria e a Fundação José Augusto para três livros de poesia: o de Nivaldete Ferreira, eu acho que um trabalho de J. Medeiros, e um trabalho que está saindo agora, foi um prêmio que estava parado lá na Fundação. Eu procurei investir também nesse lado. Agora, dificuldades existem. Primeiro, são autores que não são conhecidos, falta de recursos, lê-se pouco no Brasil.

Eu mesmo fiz essa edição própria, particular, de mil livros, não cheguei a vender nem 500, eu acho. Fiz um lançamento aqui na Cooperativa, cheguei a vender 80/90 livros, foi um bom lançamento. Agora, porque o público me conhecia. Os professores, alunos. Depois eu deixei em algumas livrarias como consignação.

**O Galo:** *Não pense somente na Instituição Universitária. Pense no Brasil. O brasileiro não gosta de ler. Como você vê essa barreira?*

**R:** Hoje, está bem melhor. É uma série de fatores.

**O Galo:** *E o livro brasileiro é feito em papel caro, não tem o livro de bolso, com custos mais baratos.*

**R:** Olhe, você veja: aqui na Cooperativa chegaram, no mês passado, uns livros americanos, uns clássicos americanos, custando um real e cinquenta centavos (R\$ 1,50). Quer dizer, chegaram aqui custando isso. Fora a importação etc. Então, clássicos de Moby Dick, de Joseph Conrad, então isso tem o preço do livro. E também tem o problema de nossa educação básica. Eu sei disso porque eu sou professor de adolescentes, de adultos, na universidade, e sei que os alunos não lêem. Eu ensino História da Arte, no Departamento de Arquitetura, e ensino também Teoria da Arquitetura. Então eu sei, porque a gente pega um alunado que vem de um segundo grau deficiente. De muita deficiência. Não tem o hábito de ler. Às vezes, ele mal sabe se expressar.

**O Galo:** *Então quem se propõe a ser autor, mandar uma mensagem, já sabe o que vai encontrar. Não se frustra tanto...*

**R:** Exatamente. Isso acontece: nosso público jovem é um público que lê pouco. Lê muito pouco.

**O Galo:** *Mas aí para reverter essa situação, o que se faz? Você como autor jovem também deve ter um projeto.*

**R:** Eu particularmente, a minha parte, procuro fazer em sala de aula. Procuro incentivar a leitura.

**O Galo:** *Quem sabe quando você for Secretário Municipal de Cultura...*

**R:** Eu nunca aceitarei isso (risos).

**O Galo:** *Que é isso? Ariano não foi?*

**R:** Não, mas o Ariano foi numa época muito particular. E ele não pôde negar porque era um amigo particular dele.

**O Galo:** *Mas, em hipótese, o que você faria?*

**R:** É um problema mais geral. Vem de tudo: das verbas para a

educação, dos salários do professor, das escolas que não existem. É um problema nacional, a nível de Brasil, porque não se investe em educação. É um círculo vicioso. Nessa minha atividade de professor, eu procuro incentivar muito mais o aluno à leitura, do que ficar nessa idéia, de uma aula expositiva. Procuro mostrar a ele esse lado, do incentivo à leitura, que é muito importante.

**O Galo:** *Voltando ao livro de bolso e os clássicos que chegaram baratíssimos. Às vezes, até o estudante que gosta de ler, não pode. Por que o nosso livro não barateia?*

**R:** Acho que é problema de industrialização. Não tem um edição mais voltada para o popular, com os clássicos populares. Agora, justiça se faça: os estudantes não vão à biblioteca. Pelo menos os meus, você tem que ficar em cima. Eles procuram pouco as bibliotecas.

Eu procuro incentivar bastante. Levo os livros para a sala de aula, mostro.

**O Galo:** *Eu perguntaria se você já teve o prazer de despertar num jovem - nesse tipo de jovem que você diz que é tão difícil de ir para a biblioteca -, alguém chegar e dizer que está trabalhando. É um produtor que está seguindo você, partindo do que você fez?*

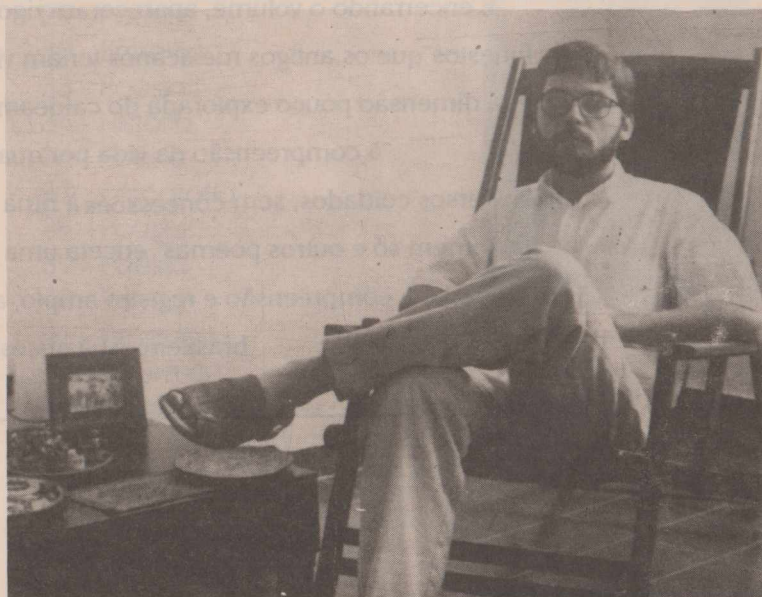
**R:** Ainda não. Agora, sei assim: às vezes eu recomendo determinado livro e sei, porque o aluno diz: gostei, professor. Li e gostei. Isso já aconteceu. Eu recomendo um filme, para fazer uma análise, um livro. Porque às vezes tem filmes, o aluno vai e gosta, e não sabe que foi baseado num livro conhecido, famoso.

**O Galo:** *Em termos de produção nova, para concluir, o que você está fazendo?*

**R:** Atualmente, estou cursando o mestrado de Literatura aqui (na UFRN). Foi lançado o mestrado em Literatura Comparada aqui na universidade, e eu entrei, como aluno. Estou cursando e estou gostando muito.

**O Galo:** *Por enquanto, você tem o pensamento de publicar alguma coisa?*

**R:** Estou fazendo coisas em casa. Acho que nessa Semana de Humanidades, nessas revistas que vão sair, tem dois artigos que eu entreguei. Vão ser publicados na (revista) Vivência nova e em uma revista que Marize Castro está organizando sobre mito, eu acho. Quando me pedem, eu o entrego. Lacerda já me pediu. Poesia eu começo a fazer e guardo. Quando tiver uma produção maior... Eu não divulgo assim poema a poema, não. Eu fico guardando. Então, eu tenho isso. Quando me pedem artigo, eu sempre colaboro. No Galo, a última revista (setembro), que tem na capa o Veríssimo (de Melo), eu tenho um artigo meu, lá, sobre a xilogravura popular. Então, quando me pedem, eu entrego alguma coisa. Mas nunca fiquei assim procurando...





## O bem acompanhado "Homem Só"

\* Paulo de Tarso

"O homem só e outros poemas", de Carlos Newton Júnior, é um livro diferente na paisagem da atual poesia brasileira. Fugindo à visualidade obsessiva, ao laconismo reducionista e ao hermeticismo inconseqüente que tantas vezes caracterizam o presente quadro poético, Carlos Newton retorna destemidamente às fontes ancestrais da poesia para resumir o seu estar no mundo.

O livro inicia-se com "O homem só", dez contos em quadros endecassílabos onde a preocupação de afastar-se do atualmente previsível não está apenas no aspecto formal. Grandes temas filosóficos são revisitados a serviço de uma visão do mundo e uma reflexão sobre o fato poético.

Na segunda parte, "Poemas Armoriais", o soneto é privilegiado em nove deles, encerrando este ciclo um galope à beira mar. A integração desta popularíssima forma poética à forma entre todas a mais culta não aparece gratuitamente. Integra-se à estética armorial, proposta entre as mais brasileiras do nordestino-universal Ariano Suassuna, da qual o poeta é partidário e paladino. Os ícones ancestrais homéricos integram-se agora ao fabulário nordestino e à dimensão pessoal do autor.

E encerrando o volume, apareceram rigorosamente metrificados os "Oito presságios funestos" que os antigos mexicanos teriam visto dez anos antes da chegada dos espanhóis. Uma dimensão pouco explorada do caldeamento cultural do novo continente, indispensável à compreensão da vida por qualquer poeta e homem americano.

Em versos cuidados, sem concessões à rima fácil ou quaisquer pirotécnicas teórico-poéticas, "O homem só e outros poemas" enceta uma ambiciosa e até agora bem-sucedida trajetória literária: a compreensão e registro amplo, a partir de uma rica visão pessoal, do homem brasileiro, sua ancestralidade e seus mitos.

# O Galo Cantou

**P**or quase 4 anos de administração à frente da Fundação José Augusto, chegamos ao 8º número da revista "O GALO".

Infelizmente não conseguimos dar periodicidade às suas edições, mas transformando-a em revista fizemo-la com melhor formato que o jornal que a antecedeu. Sem perder a qualidade técnica que sempre a caracterizou desde seu primeiro número procuramos dar um cunho regional ao seu conteúdo, privilegiando o autor norte-riograndense para divulgar nossa cultura e apoiar o resgate dos nossos autores.

Fizemos um número extra (nº 7) dedicado à Península Ibérica, aproveitando a segunda versão do projeto cumplitUDE de intercâmbio cultural do Nordeste com Portugal e Espanha em edição bilingue.

Em todas as edições, o esmerado cuidado com os textos e a forma. O carinho em todas as fases do trabalho, até a edição final.

O GALO cantou nesses quase 4 anos com muito esforço, mas com muita alegria da recompensa pelo trabalho, pela repercussão do que foi feito e pela sua aceitabilidade em todos segmentos da sociedade.



IAPERI ARAUJO

Presidente da Fundação José Augusto

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
GOVERNADOR  
Vivaldo Costa

**PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO**  
Iaperi Araujo

**CONSELHO EDITORIAL**

Celso da Silveira - Iaperi Araujo  
Edna Duarte - Deífilo Gurgel  
Franco Jasiello

**EDITORA**

Auricélia Antunes de Lima - DRT-257

**PROJETO GRÁFICO**

Gilberto Alves - Falves Silva

**REVISÃO**

Rômulo Robson - Anchieta Xavier

**COLABORAÇÃO**

Socorro Leite - Maria Eleonora  
Maria Cândida Melo

**COMPOSIÇÃO**

Socorro Soares - Meirefran

Redação: Rua Jundiá, 641 - Tirol - Natal - Rio Grande do Norte - CEP 59.020-120 Tel.: (084) 221.2938

A editora de O GALO não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião desta revista.

Fotolitos e impressão: Gráfica Manimbu - Rua Açú, 666-A Tirol - Tel.: (084) 221.2938

## SUMÁRIO

- 03 - Entrevista
- 11 - Editorial
- 12 - Poesia
- 13 - História
- 17 - Poesia
- 18 - Teatro
- 20 - Biografia
- 22 - História
- 24 - Folclore
- 26 - Vanguarda
- 29 - Poesia
- 30 - Entrevista
- 33 - Poesia
- 34 - História
- 36 - Poesia
- 37 - Fotografia
- 38 - Poesia
- 39 - Poesia
- 40 - Poesia
- 41 - Pesquisa
- 42 - Cinema
- 44 - Poesia
- 45 - O Galo Conta
- 46 - Cartas



## O GALO



Capa: Falves Silva e Gilberto Alves

# TRÊS POEMAS rupestres DE SANDERSON NEGREIROS

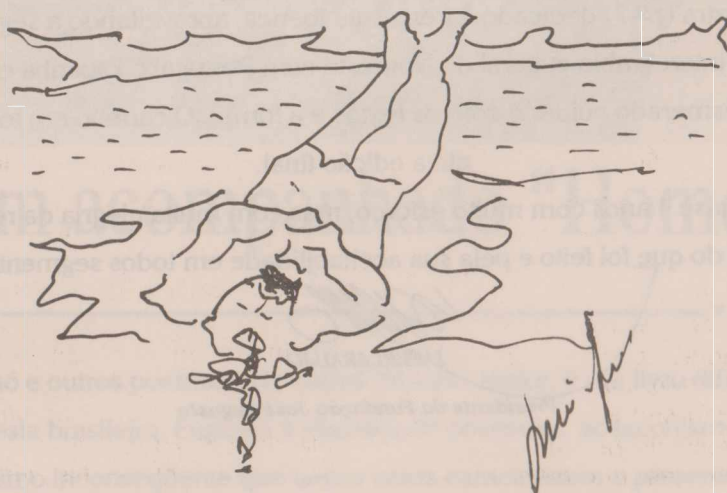
Os almocreves

O crepúsculo sumidoura  
A passagem do tempo.  
Os riachos  
Mudam-se em aragem.

Os almocreves  
Espreitam a lua  
que sussurra espaços de  
Inverno.  
Os almocreves, desérticos.  
Os burros-de-carga sonorizam  
Fechados de avelozes.

Vê-se o branco a caminhar  
Pelas estradas, onde a lua  
Moldura dissídios e lobishomens.  
Sem espera, as alimárias  
Forcejam o frio do quebrar-da-barras  
Para prosseguir em demanda  
Dos cerros do Cariri.

Rio 1965



AS INDICAÇÕES (I)

Diária lei  
De ara e brisa,  
As borboletas  
Fenecem  
Em amarelo.

Deanda a chuva  
Sobre as serras.  
Mansa cruviana  
Lageia-se, sopesando  
Águas, aguaçais.

Esbarro do silêncio  
Florlampejando  
Trovões esturdam  
São finais de bois  
- Mãos de currais.

Lavra a ave o rumo.  
De água e postura.  
Lavoura tenra, flora  
De voo, ave ara  
Seu ninho: a árvore.

Rio 1965

RÉQUIEM

Em abil-maio, tempo por fim  
De águas, e aparente silêncio,  
Chão de aconteceres e malsucedidos,  
Morria o vaqueiro  
Pedro Nicodemus dos Inhamus.  
Rastreado a neblina da serra  
Seu corpo jaz  
Entre algodoads e engolpes  
De arada ventania.  
De xique-xique foi-lhe feita  
A cruz, jansenista,  
A que entraja o caminho  
Do sertão.

Nuvens pós nuvens, tudo cerração  
E remanso de chuvas, as serras  
Alongavam-se. Quando,  
Na rede, remido, o vaqueiro,  
Em véspera esfaqueado,  
Foi em procissão  
Para o escuro.

Cripta de andorinhas  
E gaviões, eis o lugar de quem,  
Pouco outrora,  
Assobiava ao som de armistícios  
E deitava ecos resignados  
Em grutas e socavões.  
Pela serra do Lima  
Pede passagem o alísio  
aboiaador  
De Pedro Nicodemus dos Inhamuns.

Rio 1965



# SINOPSE GENEALÓGICA

## dos Senhores Hereditários da Casa de Cunhaú

*"E aqueles, que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando,  
Cantando espalharei por toda a parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte".*

(LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, Canto I, Estância II)

À memória de JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO,  
Fundador da Casa de Cunhaú, Conquistador do Maranhão.

PAULO FERNANDO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO  
Sócio Correspondente  
do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

**J**erônimo de Albuquerque Maranhão, Capitão-Mor do Rio Grande do Norte, ao conceder a seus filhos Antônio e Mathias de Albuquerque, a 2-5-1604, 5.000 braças quadradas na várzea do Cunhaú e duas léguas em Canguaretama, lançou as bases da Casa de Cunhaú. O engenho construído nessas terras, o qual parece ter sido denominado inicialmente de Nossa Senhora das Candeias, tomou o nome daquela várzea.

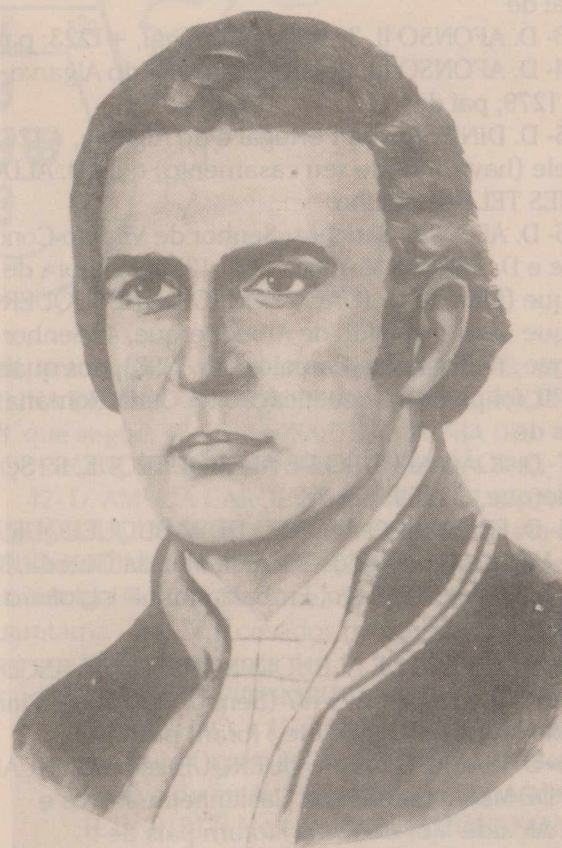
A Casa de Cunhaú remonta aos primórdios da colonização do Rio Grande do Norte, tendo uma história estreitamente ligada à história desse Estado e à da Paraíba, além de sua importante participação na conquista e na colonização do Nordeste Brasileiro, na luta contra os invasores estrangeiros e na expansão da indústria açucareira.

O Engenho de Cunhaú, um dos mais importantes do Brasil e célebre pelos feitos gloriosos que nele se desdobraram, foi o primeiro engenho de açúcar do Rio Grande do Norte e durante parte do período colonial seu principal núcleo de população.

A Casa de Cunhaú, participou decisivamente na Conquista do Maranhão, de 1613 a 1615, com a expulsão dos invasores estrangeiros, tendo sido Jerônimo de Albuquerque seu verdadeiro conquistador. Nela tomaram parte seus filhos Antônio e Mathias, tendo, como refere PEDRO CALMON (*História do Brasil*, V. II, 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1963, pp. 495-496), o Engenho de Cunhaú sido hipotecado para o prosseguimento dessa conquista.

Em razão de seu feito, Jerônimo de Albuquerque acrescentou a seu nome o de Maranhão (cujo uso foi reconhecido pelo Rei Felipe II de Portugal e III de Espanha), que transmitiu a sua descendência. Aparece pela primeira vez com o cognome Maranhão em armistício firmado a 27-11-1614 com o chefe dos invasores, após a vitória sobre eles obtida na batalha de Guaxenduba, travada em 19-11-1614.

Em comemoração dos 380 anos desses fatos, bem como dos 390 anos (também ocorrendo este ano) da fundação da Casa de Cunhaú, publicamos a presente Sinopse Genealógica dos Senhores Hereditários dessa Casa, que inclui uma de suas linhas genealógicas ascendentes e que trata resumidamente da descendência de seu último Senhor, André de Albuquerque Maranhão Arco-Verde (+1857).



André (II) de Albuquerque Maranhão, Senhor de Cunhaú.

Escrever sobre essa Casa Senhorial, rica de conteúdo histórico, expressão eminente do feudalismo luso-brasileiro, é, também, de alguma forma, lembrar o importante papel civilizador de Portugal e a contribuição que brasileiros e portugueses deram para a construção do Brasil.

- 01- MONDRY, descendente dos reis francos em Colonia; pai de
- 02-.....Senhora de raça merovíngia, ela e o Duque MUMMOLIN de Soissons, embaixador em Itália em 540, foram pais de
- 03- Duque BAUGISE II, +588; pai de
- 04- Santo ARNULFO, Prefeito do Paço, +640/1; pai de
- 05- ANSEIESEL, +antes de 679; pai de



06- PEPINO de Heristal, Prefeito do Paço, +714; pai de  
 07- CARLOS Martelo, Prefeito do Paço, +741; pai de  
 08- PEPINO, o Breve, Rei dos Francos, +768; pai de  
 09- CARLOS Magno, Rei dos Francos, Imperador do Ocidente, +814; pai de  
 10- PEPINO, Rei dos Lombardos, +810; pai de  
 11- BERNARDO, Rei dos Lombardos, +818; pai de  
 12- PEPINO, \* 817 ou 818, +após 840; pai de  
 13- HERBERTO, Conde, \* Ca. 840, +900/8; pai de  
 14- BEATRIZ de Vermendois; ela e ROBERTO I, Rei dos Francos, +923 (filho de ROBERTO, o Forte, Conde de Tours, etc.), foram pais de  
 15- HUGO, o Grande, Duque dos Francos, +956; pai de  
 16- HUGO Capeto, Rei de França, +996; pai de  
 17- ROBERTO II, Rei de França, +1031; pai de  
 18- ROBERTO, o Velho, Duque de Borgonha, +1076; pai de  
 19- HENRIQUE de Borgonha, +1066 ou 1071; pai de  
 20- D. HENRIQUE de Borgonha, Conde de Portugal; pai de  
 21- D. AFONSO Henriques, 1º Rei de Portugal +1185; pai de  
 22- D. SANCHO I, 2º Rei de Portugal, \* 1154, +1211; pai de  
 23- D. AFONSO II, 3º Rei de Portugal, +1223; pai de  
 24- D. AFONSO III, Rei de Portugal e do Algarve, +1279; pai de;  
 25- D. DINIS, Rei de Portugal e do Algarve, \* 1261, +1325; dele (havia fora de seu casamento) e de D. ALDONÇA RODRIGUES TELHA foi filho  
 26- D. AFONSO Sanches, Senhor de Vila do Conde, +1329; ele e D. TERESA Martins, +Ca. 1350, Senhora de Albuquerque (filha de D. JOÃO AFONSO DE ALBUQUERQUE, primeiro que usou o apelido de Albuquerque, 4º Senhor de Albuquerque, 1º Conde de Barcelos em 1298), dos quais, no século XVIII, foi pedida a beatificação na Cúria Romana, foram pais de  
 27- D. JOÃO AFONSO DE ALBUQUERQUE, 6º Senhor de Albuquerque, +1354; pai de  
 28- D. FERNANDO AFONSO DE ALBUQUERQUE, Senhor de Villanova de Anços, Alcaide-Mor da Guarda, Mestre da Ordem Militar de Santiago, Embaixador na Inglaterra em 1383; pai de  
 29- D. TERESA DE ALBUQUERQUE; ela e VASCO MARTINS DA CUNHA, +Ca. 1407 (Senhor de Tábua, Pinheiro etc., Alcaide-Mor de Melgaço etc.) foram pais de  
 30- D. ISABEL DE ALBUQUERQUE; ela e GONÇALO VASQUES DE MELO (Senhor de Castanheira, Povos e Cheleiros, Alcaide-Mor de Évora) foram pais de  
 31- D. LEONOR DE ALBUQUERQUE; ela e JOÃO GONÇALVES DE GOMIDE (Senhor de Vila Verde dos Francos, Alcaide-Mor de Óbidos e da Guarda) foram pais de: 32 - GONÇALO DE ALBUQUERQUE (pai de 33 - AFONSO DE ALBUQUERQUE, o Grande, Vice-Rei da Índia, Duque de Goa, Senhor do Mar Vermelho), 32 - JOÃO DE ALBUQUERQUE, que segue  
 32- JOÃO DE ALBUQUERQUE, Senhor de Esgueira em 1454; pai de  
 33- LOPO DE ALBUQUERQUE, Moço Fidalgo; pai de  
 34- JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE, fidalgo português; governou Pernambuco; ele e D. MARIA DO ESPÍRITO SANTO ARCO-VERDE foram pais de  
 35- JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Fundador da Casa de Cunhaú em 2-5-1604, Fidalgo da Casa Real, Capitão-Mor do Rio Grande do Norte, conquistador e Capitão-Mor do Maranhão; em razão de sua conquista,

acrescentou a seu nome o de MARANHÃO; \* Ca. 1548 em Olinda, +11-2-1618; pai de

36- ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, co-Senhor (com seu irmão MATHIAS) de Cunhaú, Fidalgo-Cavaleiro da Casa Real, Comendador de Santo André do Ervedal e da Ilha de Porto Santo, na Ordem de Cristo; Capitão-Mor do Maranhão e da Paraíba; 3º Senhor da Casa dos Bicos, em Lisboa, e 1º Senhor do respectivo morgado; teve a referida Casa em sucessão (por doação) a seu parente D. João Afonso de Albuquerque, neto de Afonso de Albuquerque, o Grande); \* Olinda; + Ca. 1667 em Lisboa, "com opinião de virtude, pois como tal se notou a cera que servio ao seu enterro", deixou desc. em Portugal, a qual, até 1873, o sucedeu no Senhorio da Casa dos Bicos.

36- MATHIAS DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, que segue

36- MATHIAS DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Senhor da Casa de Cunhaú, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Comendador da Comenda de São Vicente da Figueira, da Ordem de Cristo, Cavaleiro Professo de São Bento de Aviz, Capitão-Mor da Paraíba; participou, com seu pai e com seu irmão ANTÔNIO, na conquista do Maranhão; anos depois, ele e seu irmão combateram os invasores holandeses; governou o Pará; dele descendem diretamente os Senhores Hereditários da Casa de Cunhaú; \* Olinda, + Ca. 1685 em Cunhaú; pai de

37- AFONSO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Senhor Hereditário de Cunhaú, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Capitão-Mor de Goianinha, participou no combate à sublevação dos índios no Rio Grande do Norte; em 1711, durante a chamada Guerra dos Mascates, enviou ajuda militar (que não chegou a seu destino) à Nobreza de Olinda; \* Ca. 1660 na Paraíba; pai de

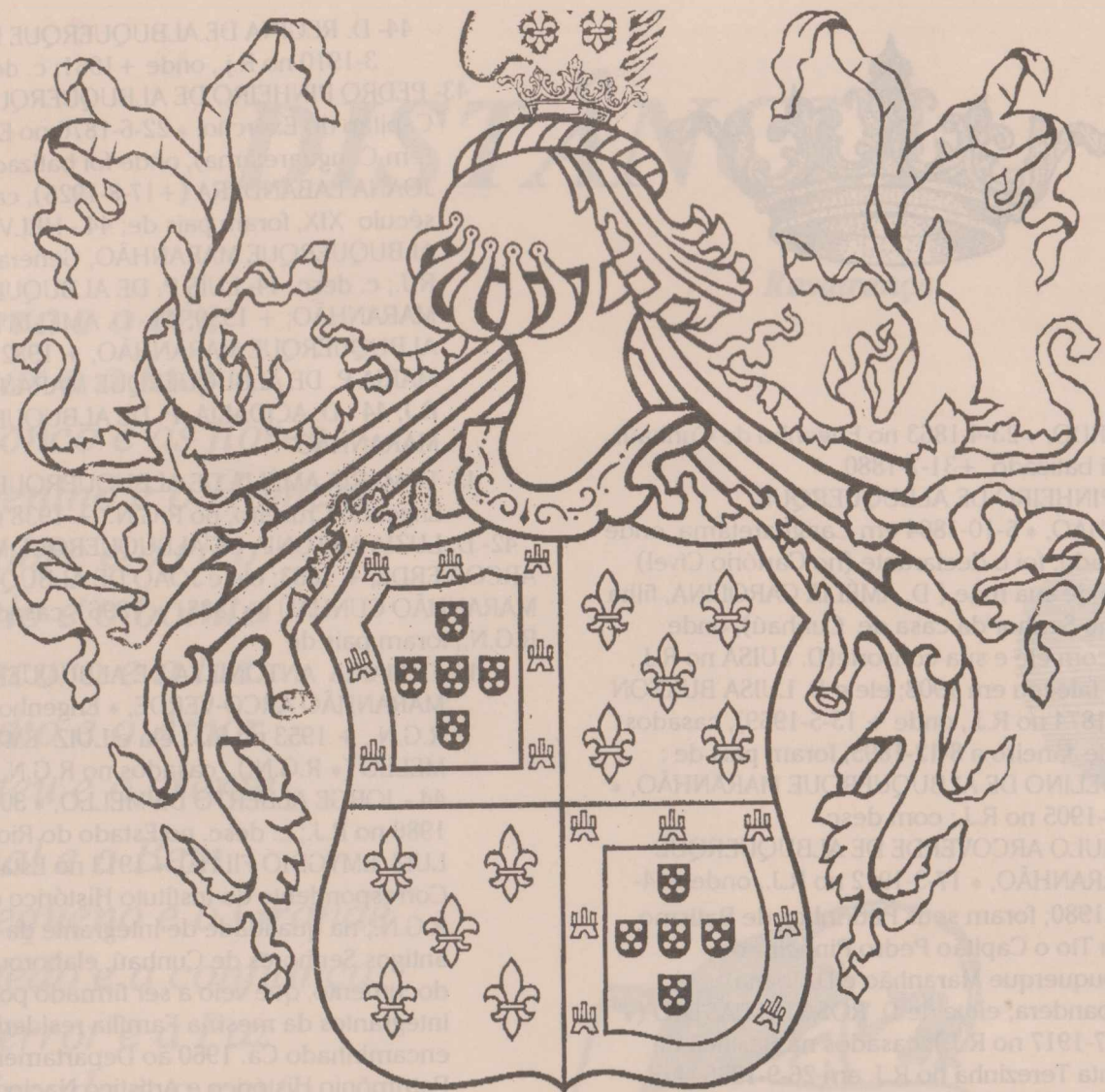
38- GASPAR DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Senhor Hereditário de Cunhaú, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Capitão-Mor de Goianinha, no R.G.N.; pai de

39- LUIZ DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Senhor do Engenho de Belém, em São José de Mipibú, no R.G.N.; Coronel; pai de 40 - JOSÉ IGNACIO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Ten. Cel., \* Ca.1759, +1821

39- ANDRÉ (I) DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Sr. de Cunhaú, que segue

39- ANDRÉ (I) DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Senhor Hereditário de Cunhaú, Fidalgo Cavaleiro da Casa real, Coronel do Regimento da Cavalaria Auxiliar dos Distritos de Arez, Vila Flor, Tamatanduba e Cunhaú; +1806; pai de

40- ANDRÉ (II) DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Senhor Hereditário de Cunhaú, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Coronel Comandante do Regimento de Cavalaria Miliciania da Divisão Sul do Rio Grande do Norte; Chefe do Governo Provisório do rio Grande do Norte em 1817, +25/26-4-1817; sem descendência



40- D. LUZIA ANTONIA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, que segue

40- D. ANTONIA JOSEFA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO; ela e ANDRÉ DE ALBUQUERQUE MARANHÃO (Senhor do Engenho das Estivas, em Arez, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Capitão-Mor das Ordenanças de Vila Flor e Arez, no R.G.N., \* Ca. 1773 ) foram pais de; 41 - ANDRÉ DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Senhor do Engenho de Itapecerica, na Paraíba, Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Comandante Superior da Guarda Nacional; \* 1799, +1895; com desc.; 41 - ANTONIO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO CAVALCANTE, Senhor dos Engenhos de Tamatanduba e de Ilha do Maranhão, em Canguaretama, no R.G.N., Comendador da Ordem de Cristo, Ten.-Cel. da Guarda Nacional; +1865; com desc.

40- D. JOSEFA ANTONIA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO; ela e JOÃO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO (Senhor do Engenho Miriri, \* Ca. 1775) foram pais de: 41 - IGNACIO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Cel.; com desc.

40- D. LUZIA ANTONIA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO; ela e JOSÉ IGNACIO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO (do Engenho de Belém, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Ten.-Cel. de Cavalaria Miliciana, \* Ca. 1759, +1821), foram pais de

41- ANDRÉ (III) DE ALBUQUERQUE MARANHÃO ARCO-VERDE, último Senhor da casa de Cunhaú, Brigadeiro, deputado Provincial no R.G.N., Juiz Municipal e de Órfãos em Vila Flor com alçada no crime; \* Ca.1797, +26-7-1857, em

Cunhaú, em cuja Capela foi sepultado; pai de 42 - D. AMÉLIA CAROLINA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO ARCO-VERDE, +1908, que segue; 42 - D. LUZIA DE ANTONIA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO ARCO-VERDE, +1883, que segue  
42- D. AMÉLIA CAROLINA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO ARCO-VERDE, +18-8-1908, no R.J., ela e ANTONIO JERÔNIMO PINHEIRO (Capitão da 1ª Companhia do Batalhão da Guarda Nacional do Município de Canguaretama - R.G.N.), casados na Capela do Engenho de Cunhaú em 1859, foram pais de

43- ANTONIO PINHEIRO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 15-2-1860 no Engenho de Cunhaú em cuja Capela foi batizado; foi o 2º Secretário Efetivo do então Clube Norte-Riograndense do R.J.; +1917; ele e D. AMÉLIA CONSTANÇA DE SEIXAS (+1909), casados no R.J. em 1891, foram pais de : 44 - EDUARDO \* e + 1892; ANTONIO P. DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 1900, +1919; 44 - D. EPONINA P. DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 1893, +1981 nop R.J.; co desc. 44 - D. ESTHER, \* 1893, +1912; 44 - D. AMÉLIA, \* 1895, +R.J.; com desc.; 44 - D. ELZA, \* 1898, +R.J.; com desc.; 44 - D. EUNICE; 44 - D. EVANICE

43- ANDRÉ PINHEIRO DE ALBUQUERQUE ARCO-VERDE, \* 15-11-1861 no Engenho de Cunhaú, onde foi batizado; ele e D. ANA UCHOA CAVALCANTI, casados em Pernambuco em fins do século XIX, foram pais de: 44 - ANTONIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE ARCO-VERDE, +R.J.; ele e DONA ROMA GUILHERMINA SANTINI (+R.J.), casados em Minas Gerais, Ca. 1920, tem desc. no R.J.



- 43- FELIZARDO, \* 23-4-1863 no Engenho de Cunhaú, onde foi batizado, +31-7-1880
- 43- JOÃO PINHEIRO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 5-10-1864 em Canguaretama, onde foi batizado; foi o declarante (no Cartório Cível) do óbito de sua mãe (D. AMÉLIA CAROLINA, filha do último Senhor da casa de Cunhaú), onde residia com ele e sua consorte (D. LUISA no R.J., quando faleceu em 1908; ele e D. LUISA BUXTON (\* 12-8-1874 no R.J., onde + 13-5-1959), casados no Rio de Janeiro a 8-12-1895, foram pais de :
- 44- ADELINO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 2-2-1905 no R.J.; com desc.
- 44- PAULO ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 17-3-1912 no R.J., onde + 4-12-1980; foram seus Padrinhos de Batismo seu Tio o Capitão Pedro Pinheiro de Albuquerque Maranhão e D. Joana Labandera; ele e de D. ROSA DE CASTRO (\* 11-7-1917 no R.J.), casados na Basílica de Santa Terezinha no R.J. em 26-9-1936 são filhos: 45 - PAULO FERNANDO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 31-12-1942 no R.J.; Sócio Correspondentes do Instituto Histórico e Geográfico do R.G.N., de cuja tribuna fez, em 29-3-1983, pronunciamento em favor da restauração da Capela de Nossa Senhora das Candeias de Cunhaú; na qualidade de integrante da Família dos antigos Senhores de Cunhaú e representando a mesma família, esteve presente na Solenidade (em 1-6-1984, em Natal) em que foi assinado o Convênio de Restauração da mesma Capela e na Solenidade de reinauguração da Capela em 15-2-1986, descerrando (a convite do Dr. Valério Mesquita, Presidente da Fundação José Augusto) a placa alusiva ao fato, juntamente com o Arcebispo de Natal, D. Nivaldo Monte, e com o Dr. Hélio Vasconcelos, Secretário de Educação do R.G.N. (representando o Governador do Estado, Dr. José Agripino Maia), estando presente o Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do R.G.N., Dr. Enélio Petrovich; 45 - D. NORMA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 8-7-1937 no R.J.
- 44- D. ESMERALDA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 11-6-1897 no R.J., onde + 1940; c. desc. no R.J.
- 44- D. HILDA ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 25-2-1900 no R.J., onde + 1974; c. desc.
- 44- D. SYLVIA ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 13-2-1902 no R.J., onde + 1967

- 44- D. REGINA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* 23-3-1910 no R.J., onde + 1961; c. desc. no R.J.
- 43- PEDRO PINHEIRO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, Capitão do Exército, \* 22-6-1870 no Engenho Cruzeiro (em Canguaretama), onde foi batizado; ele e D. JOANA LABANDERA (+ 17-8-1926), casados em fins do século XIX, foram pais de; 44 - HELVECIO P. DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, General de Brigada; + R.J.; c. desc. 44- LUÍS P. DE ALBUQUERQUE MARANHÃO; + 1930; 44 - D. AMÉLIA P. DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, + 1982 no R.J.; 44 D. MARIA P. DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, + 1982 no R.J.; 44 - D. ACIDALIA P. DE ALBUQUERQUE MARANHÃO
- 43- D. MARIA AMÉLIA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, \* Engenho Cruzeiro, no R.G.N., + 1938 no R.J.
- 42- D. LUZIA ANTONIA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO ARCO-VERDE, + 1883; ele e JOÃO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO CUNHAÚ (\* 1835, + 1896), casados Ca. 1860 no R.G.N., foram pais de
- 43- D. MARIA ANTONIETA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO ARCO-VERDE, \* Engenho Estrela, no R.G.N., + 1953 no R.J.; ela e LUIZ EMYGDIO DE MELLO (\* R.G.N.), casados no R.G.N., foram pais de: 44 - JORGE ALBERTO DE MELLO, \* 30-3-1911, + 16-1-1986 no R.J.; c. desc. no Estado do Rio de Janeiro; 44 - LUIZ EMYGDIO FILHO, \* 1913 no Estado do R.J.; Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do R.G.N.; na qualidade de integrante da Família dos antigos Senhores de Cunhaú, elaborou importante documento, que veio a ser firmado por vários integrantes da mesma Família residentes no R.J., e foi encaminhado Ca. 1960 ao Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pleiteando "medidas de restauração e proteção" da Capela de Cunhaú; (o tombamento das ruínas da Capela, passo importante para a preservação das partes remanescentes do prédio, veio a ocorrer em 16-6-1964); c. desc. no R.J.; 44 - D. CLOTILDE ANTONIETA DE MELLO, \* 15-1-1909; c. desc. no R.J.

#### FONTES

Foram consultadas, entre outras, as seguintes fontes:

- ALBUQUERQUE MARANHÃO, Paulo Fernando de - "A Capela de Cunhaú e seu valor histórico" in Revista do IHGRGN, Vols. LXXVII-LXXVIII, Anos 1985-1986, Natal.
- BAIÃO, Antonio - *Alguns ascendentes de Albuquerque e o seu filho à luz de documentos inéditos*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1915.
- BORGES DA FONSECA, Antonio José Victoriano - *Nobiliarquia Pernambucana*, Rio de Janeiro, Bibliotheca Nacional, 1935.
- BRAAMCAMP FREIRE, Anselmo - *Brasões da Sala de Sintra*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1973, Vols. I e II.
- CAETANO DE SOUSA, D. Antonio - *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Nova Edição; Tomo I, Coimbra, Atlântida Livraria Editora, MCMXLVI.
- CÂMARA CASCUDO, Luís - *História do Rio Grande do Norte*, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação (Rio de Janeiro, 1955).
- FERREIRA, Mons. J. Augusto - *Os túmulos do Mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde*, Porto, 1925.
- JABOATÃO, Frei Antonio da S. Maria - *Catálogo Genealógico das principais Famílias*.
- NONATO, Raimundo - *Presença Norte-Riograndense na Alçada Pernambucana*, "Capitulada pelo Pe. JOAQUIM DIAS MARTINS no livro "OS MÁRTIRES PERNAMBUCANOS (...)", Rio de Janeiro, Pongetti, 1971.
- PEREIRA DA COSTA, F.A. - *Dicionário biográfico de Pernambucanos célebres*, Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.
- PEREIRA DA SILVA, Antonio Lambert - "Nobres Casas de Portugal", Porto, Tavares Martins, Fascículo 5.
- PINOTEAU, Hervé - "Les origines de la Maison Capétienne", in *Vingt ans d'études dynastiques*, Paris, Editions Christian, 1982.
- ZÚQUETE, Afonso E.M., e outros - *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Vol.I, Lisboa. Editorial Enciclopédia. 1962.

# *DISTÂNCIA*

*Rosatrança*

*A terra e o céu  
O mar e a Lua  
O tronco e as flores  
O menino e o Homem  
O pobre e o rico  
O feio e o bonito  
O escuro e a luz  
O ódio e o Amor  
O ateu e o crente  
O mal e o Bem  
O pequeno e o Grande  
O medo e a confiança  
O Terror e a Paz  
O Errado e o certo  
O Longe e o Perto  
O Ser e o Ter  
O querer e o Poder  
O plebeu e o nobre  
O analfabeto e o Sábio  
A morte e a Vida  
A fome e a Bonança  
A tristeza e a Alegria  
Eu e Você*

03.11.86



# JESIEL FIGUEIREDO: o incansável trabalhador da arte de representar

\* Maria Eleonora Pereira



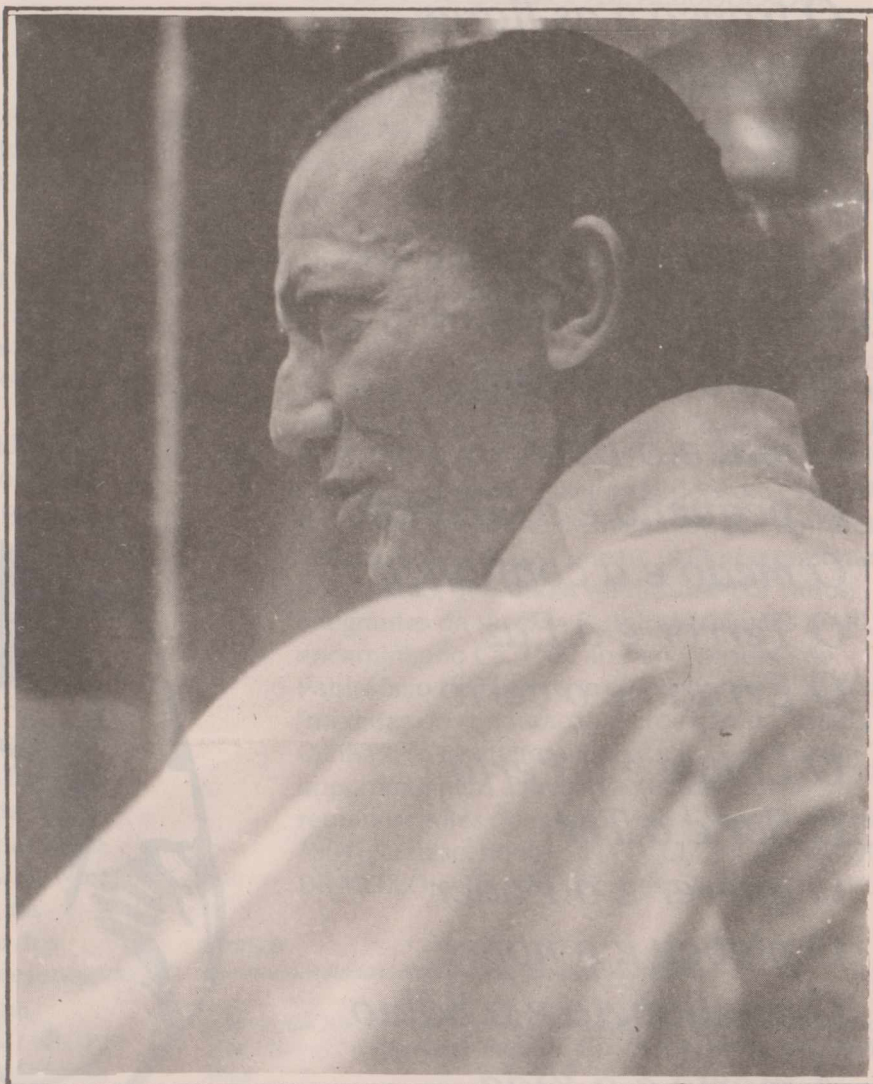
tuar, batalhar, ensinar. Essas três palavras resumem a história de vida de Jesiel Figueiredo, um incansável trabalhador da arte de representar. Se contadas em detalhe, mostrarão a perseverança

e a dedicação de quem sempre acreditou no que fazia, mesmo quando sua família foi contra a sua decisão.

Dedicar toda a sua vida ao teatro, foi a missão do teatrólogo desde os 15 anos de idade, quando subiu ao palco sob a apresentação de Clarice Palma.

A história do Teatro no Rio Grande do Norte não pode ser contada sem citar seu nome. A contribuição de Jesiel Figueiredo não foi só em atuar. Ele tinha uma enorme preocupação em passar adiante seus conhecimentos através de cursos de iniciação teatral e até de formação de platéias. Criou a sua própria companhia de teatro em 1957 e a partir daí começou a protagonizar bons espetáculos com obras de grandes nomes do teatro mundial: de Dias Gomes à Molière. No palco, Jesiel foi ator, produtor, diretor, figurinista ou qualquer outra função que fosse preciso em nome da arte. Na década de 60, fundou o grupo de teatro do Sesi, onde passou a se dedicar ao teatro infantil, levando às cidades do interior do estado, espetáculos como "O Casamento da Baratinha", "A Bela Adormecida", "A Revolta dos Brinquedos" e muitos outros. O teatro lhe rendeu muitos prêmios, até a nível nacional, quando concorreu com outros 43 participantes do Festival de Teatro do Rio de Janeiro em 1968 e ganhou o prêmio de melhor diretor com a peça "Calígula".

Por muito tempo, Jesiel Figueiredo manteve seu teatro instalado num antigo salão paroquial no bairro do Alecrim, onde montou, com muito sucesso, peças como "O Pagador de Promessas", "Dona Xepa", "Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá", entre outros. Quando teve que devolver o prédio, o teatrólogo não desanimou e tentou com o apoio do público fiel, segurar o espaço onde deu tantas alegrias a adultos e crianças. Mesmo não conseguindo, o



ator prosseguiu sua batalha em levar o teatro às escolas públicas, praças e palcos improvisados.

"O Marido da Fidalga" foi o último espetáculo encenado para adultos por Jesiel Figueiredo no Sandoval Wanderley, com o grupo de teatro do Sesi.

Em reconhecimento à colaboração do teatrólogo Jesiel Figueiredo ao teatro do Rio Grande do Norte em seus 40 anos de trabalho, a Fundação José Augusto deu seu nome ao teatrinho do Parque infantil "Cidade da Criança".

O teatrólogo antes de morrer em acidente de trânsito no dia 16 de agosto de 1994, estava em cartaz no Teatro Alberto Maranhão, depois de alguns anos fora deste palco, justamente fazendo o que sempre gostou de fazer: teatro infantil, com o imortal "Conto de Fadas" de Charles Perroux.

Outra justa homenagem lhe foi prestada pelo Governo do Estado, que criou a medalha "Mérito Jesiel Figueiredo" de teatro a ser concedido aos destaques do teatro potiguar nas categorias de autor, ator e produtor.

\* Maria Eleonora Pereira é jornalista.

"Ninguém quer trabalhar sério e os espetáculos são pobres e montados a partir de textos digeríveis".

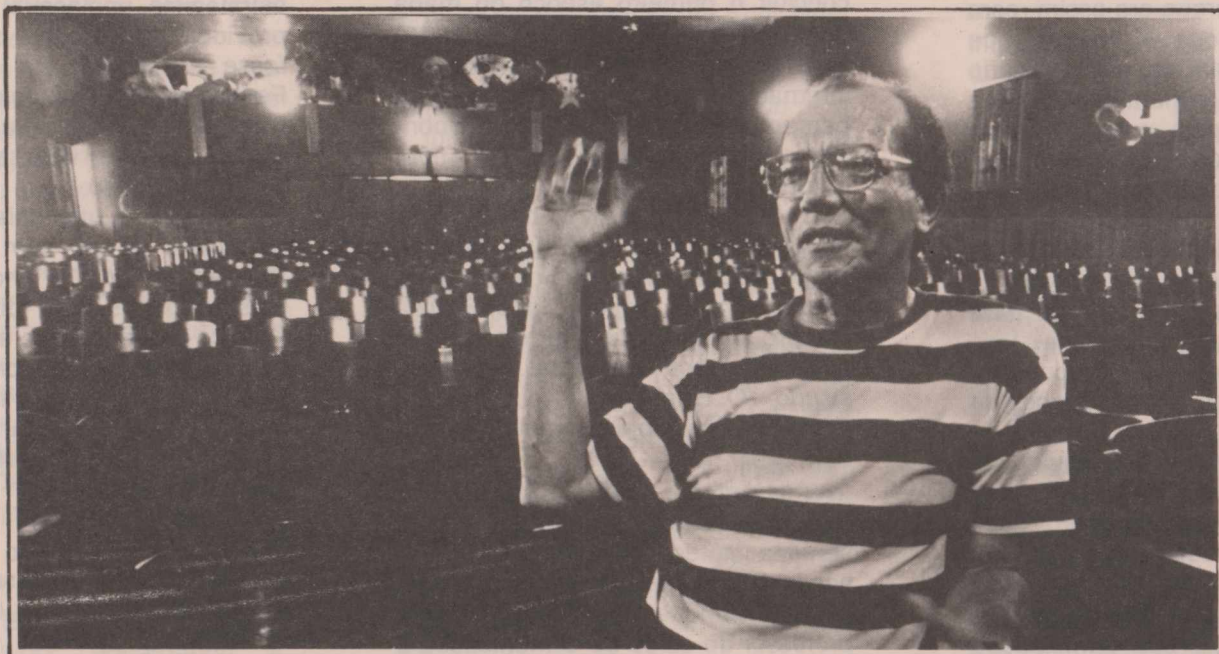
"Temo muito pela extinção do teatro potiguar. Não consigo vislumbrar caminhos e percebo que muitas pessoas que se metem a fazer teatro hoje em dia estão à procura de auto-promoção. Ninguém quer trabalhar sério e os espetáculos são pobres e montados a partir de textos digeríveis". Esta é a análise quase apocalíptica que o misto de ator, diretor, encenador e roteirista, Jesiel Figueiredo, faz do atual teatro do Rio Grande do Norte.

Jesiel Figueiredo - que ingressou na vida teatral aos 15 anos de idade, no final da década de 50 - lembra com saudade do seu início de carreira, com Clarice Palma. "Houve época em que Meira Pires trazia cenógrafos, diretores e atores importantes, o que resultava em ótimos espetáculos", recordou. Infelizmente, eu só continuo montando peças de grandes autores, como Shakespeare, Molière, Aristófanes e Ariano Suassuna", citou. "Mesmo que o espetáculo saia meio capenga, pelo menos o público pode, ao chegar em casa, pensar em cima de um texto de qualidade, escrito por um bom autor".

Para tristeza de Jesiel Figueiredo, seu exemplo não é seguido pelas novas gerações do teatro local. "Talvez por preguiça ou falta de competência, pois nem todo mundo é alfabetizado para ler um Shakespeare, por exemplo", alfinetou. "A juventude hoje está acostumada aos enlatados da televisão e cada vez mais se afasta de coisas e assuntos profundos", constatou.

"Se todos trabalhassem com ânimo e seriedade, o teatro melhoraria", recebeu Jesiel Figueiredo. "O problema é que se você fizer um coquetel, lota de gente ligada ao teatro, mas se você perguntar a cada um o que tem feito ultimamente, menos de 10 por cento terá o que contar", estimou. "Da minha geração, sou o único que ainda não se afastou, e o pior é que esta meninada toda que hoje ocupa os palcos, não tem objetivos muito claros". O último dos moicanos - é assim que Jesiel Figueiredo gosta de se definir. "Evolui muito como profissional de teatro, mas mesmo assim a finalidade do nosso trabalho continua a mesma. Somos bandeirantes desbravando e construindo alicerces para formar novos públicos. Temos que cativar platéias", aconselhou. No SESI, Jesiel faz esta atividade há 22 anos, montando espetáculos para os industriários e suas famílias.

Até o final do ano, todos os domingos, Jesiel Figueiredo apresentará no Teatro Sandoval Wanderley, sempre às 19h30, o espetáculo O Marido da Fidalga. "Desde que estreamos, estamos com casa lotada", garantiu Jesiel. Antes disso, ele e a trupe do SESI participaram de uma turnê no interior do estado, encenando Escola de Mulheres, de Molière. "Me orgulho muito desse trabalho, nesta excursão tivemos dias em que a platéia era composta por pescadores de pé no chão, que aplaudiram e se divertiram bastante", contou.



\* Entrevista concedida ao jornalista Roberto Homem; exclusiva para O Galo, dias antes da morte do Teatrólogo.

# Dr. HÉLIO Só uma lembrança



## Vicente Serejo

**H**élio Galvão. Ou melhor, Dr. Hélio. Porque era assim, com distância respeitosa e cordial, que todos tratavam na redação do Diário de Natal aquele homem franzino, de passo curto e rápido, aquele homem de traços afilados e olhos miúdos, aquele homem discreto, quase sem riso nos lábios.

Na verdade, ele aparecia poucas vezes diante da redação. E quando vinha, em geral, era para atender a algum convite de Luiz Maria Alves e escrever a respeito de assuntos históricos, antropológicos ou etnográficos. Dr. Hélio, como até Sanderson Negreiros o tratava, era definitivo em tudo.

Dele ficaram em mim duas impressões pessoais: uma no seu escritório simples, de poucos móveis e muitos livros, para uma entrevista rápida; e outra de sua participação num seminário sobre meio ambiente e desertificação promovido pelo jornal com a presença de Vasconcelos Sobrinho.

É que a Organização das Nações Unidas havia acabado de concluir o primeiro esboço do mapa da desertificação no mundo e o único brasileiro a integrar a comissão internacional de geógrafos era um pernambucano, Vasconcelos Sobrinho, uma autoridade na flora nordestina.

Luiz Maria Alves havia lido a notícia no jornal o Estado de S. Paulo, o Estadão, sua única leitura de jornal, além do próprio Diário. E dizia sempre, ainda naquele tempo em que o Estadão era um jornal pesado e sisudo: "O Estadão, não diz, como o Globo, mas é o maior jornal do país."

Antes de Vasconcelos Sobrinho chegar a Natal, uma semana antes, pelo menos, já se tinha uma entrevista exclusiva com ele. O repórte Jânio Vidal, hoje professor do curso de comunicação e superintendente da Rede Tropical, foi a Recife só para entrevistar Vasconcelos Sobrinho e confirmar sua

Para garantir a seriedade do evento, Luiz Maria Alves, um estrategista implacável, tomou duas providências: solicitou que o debate fosse realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com mediador isento, e que em nome do Diário de Natal falasse apenas um, Dr. Hélio Galvão.

Ora, a luta unia os dois. Era pelo gosto de um bom combate que aqueles dois homens de personalidades tão diferentes, um católico e outro quase ateu, cético em tudo, era só pelo sabor de lutar que sentavam, às vezes, numa mesma mesa. E deles se ouvia o trinado rascante das armas brancas quando deixam suas bainhas.

O debate foi feito. Vasconcelos Sobrinho mostrou o primeiro mapa da desertificação no mundo. E fez, diante de todos que estavam no auditório da Biblioteca Central da UFRN, uma revelação, pelo menos naquela hora: o semi-árido nordestino era um ponto crítico de desertificação.

Citou números. Mostrou fotografias dos sertões de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Mostrou as cenas incríveis do Raso da Catarina e fez medo: a Mata Atlântica estava quase toda morta, a vegetação em alguns pontos dava os últimos suspiros, era preciso saber plantar e colher.

Dr. Hélio Galvão, como sempre, foi brilhante. E o brilho do seu talento riscava o ar quando ele brandia sua espada sem medo. Falou sobre o sertão e o litoral. O pescador, o homem do mar, e o agricultor, o sertanejo. As civilizações da seca e do inverno, do mar e do agreste. O solo vivo e o solo morto.

Quando o debate terminou Luiz Maria Alves retirou-se rápido ao lado de Vasconcelos Sobrinho. Dr. Hélio ficou dando uma entrevista. Ao sair, viu que apenas o carro da reportagem do jornal estava lá fora. Uma kombi. Pediu carona, meio encabulado. E saímos, ajudados por ele, na direção de sua casa.

No banco da frente da kombi, o motorista e o fotógrafo. No segundo banco, Dr. Hélio Galvão e eu. Foi o nosso único encontro demorado, um pouco mais demorado do que a rápida e seca entrevista do seu escritório. Ele ensinava o caminho. Um olho na conversa e outro nas ruas, atento.

Quando a kombi parou em frente à sua casa, na rua Campos Sales, diante de um lugar cheio de sombras, ele já sentia meu interesse pelos livros. Disse a mim que pretendia anotar, à luz da antropologia e da etnografia, as cartas sertanejas de Eloy de Souza que ele considerava como o mais importante conjunto de observações sobre a vida no sertão.

Saltei. Aceitei o convite. Ele caminhava à minha frente, de terno cinza e gravata escura. Subiu as escadas, falou com alguém que não lembro e eis que surge aquele salão de sua biblioteca. Ele mostra os livros do Brasil Holandês, do Brasil Colonial. Cartas, documentos, microfilmes, mapas e gravuras.

Seu livro sobre a História da Fortaleza da Barra do Rio Grande estava concluído, aguardando a publicação pelo Conselho Federal de Cultura. Ele e Cascudo já não se falavam há tempos. O tempo passava lá fora. A tarde escorria pelos



telhados de um Tirol cheio de acácias e de setembros.

Diante de mim, Dr. Hélio Galvão, o imbatível. Só um instante, inesquecível para mim, fez aquele homem sério libertar o rosto do desenho sisudo: quando invoquei a condição de repórter para, educadamente, perguntar sobre o misterioso silêncio que separava ele de Câmara Cascudo, dois dos homens mais cultos da cidade.

Ele olhou firme pra mim, atirou os olhos calmos e certos nas minhas pupilas e alongou o braço na direção de um arquivo de aço. Num gesto forte, puxou um gavetão que rangia nos trilhos como uma fera ferida. Com o indicador, apontou para o interior do gavetão e disse uma única frase: "tenho aqui a carta que envie a Cascudo". E só. E fechando o gavetão manteve-se de pé como quem avisava que era hora. Compreendi, me dirigi à porta e descí as escadas seguido por ele até a calçada. Apertei sua mão e entrei no carro. Quando o motor roncou e eu olhei Dr. Hélio Galvão, ele já estava quase de costas caminhando para o portão de sua casa. Foi a última vez que conversamos e saí com o convite de voltar outro dia, de preferência um sábado à tarde. Nunca mais vi Dr. Hélio Galvão. De perto, tão próximo que fosse possível conversar com ele.

Anos depois, na sala do apartamento de Oswaldo Lamartine de Faria, no Flamengo, Rio, contei o episódio. Oswaldo era certamente

seu amigo mais íntimo, o único que Dr. Hélio Galvão levava para o alpendre de sua casa, em Tibau, só para conversar noites e noites quando Oswaldo vinha do Rio passar alguns dias em Natal.

Oswaldo ouviu a minha história. Leventou, respirou fundo e saiu na direção de sua biblioteca, mas deixando um gesto para que eu esperasse um pouco. E voltou. Trazia nas mãos um envelope desses tarjados de verde e amarelo. Abriu lentamente e entregou a mim na posição de leitura. Comecei e veio um nó na garganta. Era a cópia, na íntegra, da carta de Dr. Hélio Galvão a Câmara Cascudo. Lí, palavra a palavra. Relí, palavra a palavra. Estava diante de mim não o Dr. Hélio Galvão. Mas, o Hélio, apenas o Hélio, íntimo, verdadeiro, o Hélio de Oswaldo Lamartine. Veio outra vez o impulso do repórter e perguntei se poderia publicá-la um dia. Oswaldo, olhos tristes e olhar magro, disse apenas: fui o portador da carta. Pedi a Hélio, apenas, que se escrevesse fosse cordial. E se achasse que deveria pedir desculpas que fosse corajoso como sempre fora e pedisse desculpas".

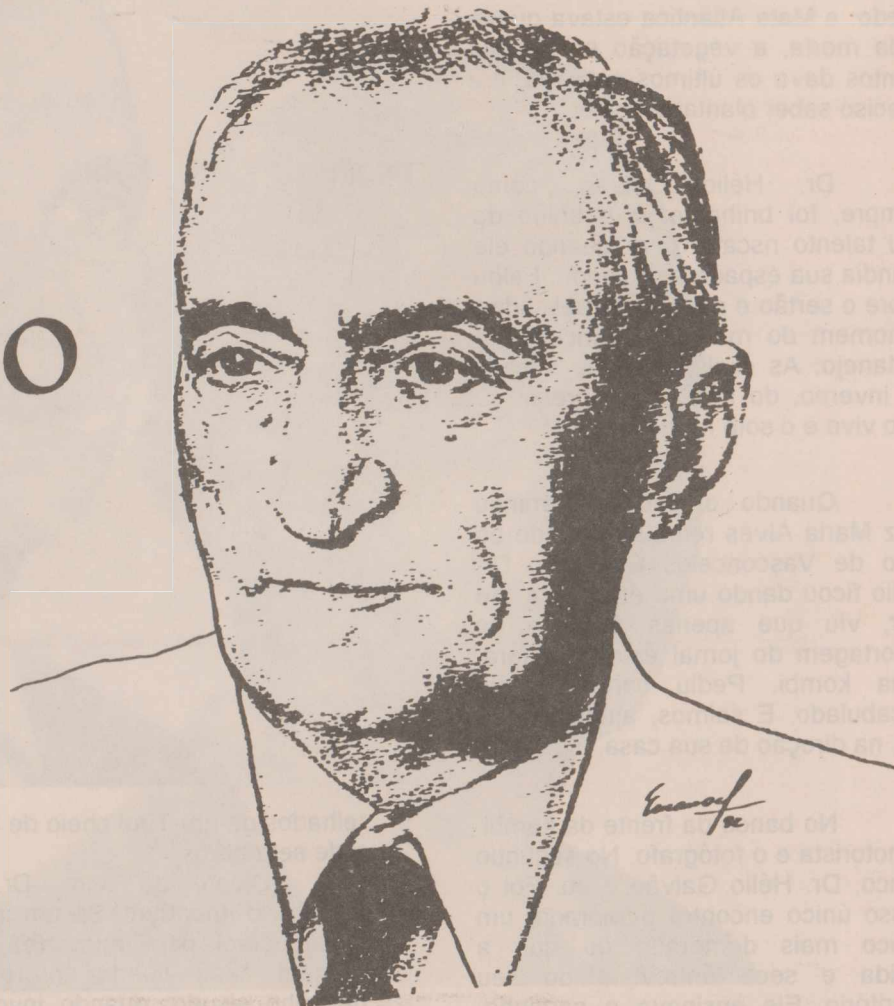
Cascudo recebeu. Leu. Nunca respondeu. O silêncio que separava os dois era invencível. Como a tristeza de Oswaldo, a testemunha silenciosa de tudo.

# JUVENAL LAMARTINE

## Um sertanejo de fibra

*“Observai atentamente cada planta, animal e, até mesmo, o chão em que pisamos. Não queira ser mais sábio que a natureza. Antes, procure aprender com ela”*

(J.L.)



Tarcísio Rosas

Obviamente, não tivemos a oportunidade de conhecer a excepcional figura humana que foi Juvenal Lamartine. Nos anos da minha infância JL era sinônimo de futebol, representado pelo velho estádio do Tirol das saudosas tardes de domingo. Depois, soubemos do Governador trabalhador e austero, injustiçado na Revolução de 30 e experimentado pelo sofrimento na perda de dois filhos em menos de sete meses. Ouvimos do político e agricultor, proprietário de terras em São Paulo do Potengi.

Súbito, nos veio ter às mãos textos de pessoas que o conheceram de perto, que privaram de sua amizade e que, assim, a respeito dele puderam emitir conceitos e ajuizar sobre o alcance de suas iniciativas e empreendimentos. Pessoas como José Augusto, Djalma Marinho, Veríssimo de Melo, Aluizio Alves e Oswaldo Lamartine - seu filho.

São textos claros, objetivos, diretos; unânimes num “mutirão de saudade”, parafraseando este último, por ocasião de uma homenagem à memória do seu pai realizada na Academia Norte-Riograndense de Letras, da qual fôra presidente.

Como norte-riograndense e como técnico integrante da equipe do Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine, da Fundação José Augusto, sinto-me duplamente honrado em desincubir-me deste autêntico “dever de casa”: tecer algumas considerações sobre este antepassado que nos dignifica e engrandece.

Há quem se refira ao passado como uma época em que “não se precisava apor assinatura em documento”, em contraposição a esta em que, para se “confiar” numa assinatura, são necessárias umas tantas laudas de cadastro com o registro em cartório, mesmo assim correndo-se o risco de manipulação por inescrutáveis caminhos para o usufruto indevido por parte de outrem.

Este factual contraste dos tempos vemos saltitar no dia a dia escabroso da maledicência televisiva: escândalos, fraudes, CPIs, etc; eis o que estampam as manchetes comuns que, sintomaticamente, não mais nos escandalizam.

São duas épocas distintas, as que ora tratamos. Algo como cordão azul e cordão encarnado das velhas lapinhas. Quase há uma divisória de tempo, tal e qual antes e depois de Cristo (ou tal e qual antes e depois da bomba - eis a questão, talvez). Como se, com a bomba\*, houvessem rompido simultaneamente a ética e os padrões de convivência.

Não sejamos ingênuos em julgar simetricamente opostos os períodos tratados, seria uma impossibilidade matemática em se tratando de coisas humanas; digamos, não obstante, constituírem momentos personalísticos nos quais, como em supra-sumo, ressaltam características e peculiaridades que os identificam singularmente.

2

“A que vem esta digressão?” - indagará o leitor. Explicamos: **temos** analisado constantemente, através da série **Cadernos do CEPEJUL**, personalidades que copuseram nossos quadros nas artes, letras, na política, na jurisprudência e na administração pública do Estado, cuja participação haja se revestido de inquestionável importância para o processo evolutivo da comunidade noroeste-riograndense. Afora traços específicos, próprios à natureza individual, observamos que a *integridade moral*, a *honestidade* e a *fé a princípios éticos* são a tônica, a nota comum em suas respectivas biografias. Some-se a isso a obstinada devoção às suas responsabilidades.

Pois bem: Juvenal Lamartine confirma a tradição de maneira inconfundível. Pena que este componente não tenha persistido através das gerações e até os nossos dias, nesta fase de ganância exacerbada, “... nesta fase em que, ressalvadas as exceções, a atividade política é um investimento comercial”, como diz o Ministro Aluizio Alves\*\*

Eis, pois, o traço dominante na personalidade de Juvenal Lamartine: a incorruptibilidade e a perseverança.

A propósito, vejamos duas passagens que, cremos, servem como ilustração. Conta Oswaldo Lamartine que certo indivíduo, presidiário junto com Rangel (um dos assassinos do seu irmão, Otávio), propôs “acabar” com ele. Juvenal Lamartine não aceitou e foi definitivo: “Isto não devolveria a vida do meu filho e seria o mesmo que arremedá-lo”.

O outro fato demonstra o espírito inquebrantável “desse homem singular, competente, honrado e bravo”, no dizer de Djalma Marinho. Diz respeito aos últimos anos de sua vida, quando perdeu completamente a visão. Mesmo assim continuou administrando a Fazenda Lagoa Nova, em São Paulo do Potengi, que visitava regularmente, “Sabia, de memória, onde começava e terminava cada roçado e insistia em “reve-lo”, o que fazia a cavalo, em sua velha burra-de-sela que seguia de perto um cavaleiro-guia” (mencionado por Oswaldo Lamartine na apresentação do livro do seu pai, *Velhos Costumes do Meu Sertão*).\*

3

Quando o Dr. Juvenal Lamartine de Faria assumiu o Governo do Estado, em 1928, o Banco de Natal (posteriormente denominado Banco do Estado do Rio Grande do Norte), estava à beira da falência. Para implementar seu plano de ação, contudo, necessitava ele uma estrutura econômico-financeira sólida e

especialmente ágil, notadamente para o desenvolvimento agrícola. Concebeu, então, a “criação de um estabelecimento de crédito agrícola, de bancos regionais, tipo Luzzati, nos municípios de maior importância econômica do Estado e de caixas rurais nos demais, formando todos esses estabelecimentos um sistema conjugado e eminentemente prático”, conforme consta no Livro de Registro de Atas das Reuniões da Diretoria, agosto a dezembro de 1938, citado na pesquisa *BANDERN: Origem e evolução*.\*\*

Em seguida, contratou uma firma especializada - Deloitte Plender, Griffiths & Cia. - para analisar a documentação do Banco. Era preciso reformar os estatutos e toda a sua escrita. É o próprio Juvenal Lamartine quem diz: “...a escrita estava atrasada em mais de dois anos; existiam, no cofre, muitas letras descontadas sem avalistas; outras; vencidas e não protestadas, algumas já prescritas. Além dessas irregularidades, encontraram vales de funcionários, comprovantes de retiradas que faziam de dinheiro do Banco” (Juvenal Lamartine, *O Meu Governo*, Rio de Janeiro, 1933, p. 17).

Em suma, era a falência em perspectiva.

De imediato autorizou a reforma dos estatutos e a reorganização da escrita, mudou o nome de “Banco de Natal” para “Banco do Rio Grande do Norte”, criou uma sobretaxa de exportação para a captação de recursos e construiu o prédio da Rua Tavares de Lira. Tais iniciativas salvaram o banco da falência iminente de que tratamos acima (*BANDERN: Origem e Evolução*, p. 72).

Assim era Juvenal Lamartine, um homem de ação. Sem negligenciar o particular, concentrava especialmente sua atenção no todo, na coletividade. Tinha legítima preocupação com os problemas do Estado e do povo.

Intervindo nas áreas agrícolas, da saúde, educação e demais, seria particularmente lembrado pelo pioneirismo do Rio Grande do Norte na aviação civil e no voto feminino. Fundou o Aero Clube e deu a Natal referência internacional, confirmada por ocasião da II Grande Guerra.

Faleceu em 1956, aos 82 anos de idade, deixando muitos amigos e um exemplo de vida austera e digna.

Eis o que poderíamos dizer a respeito dessa ilustre figura, considerando o curto espaço que nos foi concedido.

**TARCÍSIO ROSAS**

**Sociólogo**

(\* ) O autor se refere à bomba atômica lançada pelos Estados Unidos sobre Hiroshima, em 1945.

(\*\*) Artigo “Evocação de Juvenal Lamartine”, integrado à coletânea *Juvenal Lamartine de Faria, 1874-1956*, 2ª edição, co-edição FJA Coleção Mossoroense, 1994. Natal-RN.

(\* ) Referido em trecho do discurso do Deputado D. Marinho, alusivo ao centenário de J. Lamartine, na Câmara Federal, em sessão de 09/08/74.

(\*\*) *BANDERN: Origem e Evolução*, Centro de E. e Pesquisas Juvenal Lamartine-CEPEJUL, Fundação José Augusto, p. 71, CERN 1985, Natal-RN.

O terror das crianças parece estar visceralmente ligado ao instinto de preservação.

O primeiro medo sentido pelo recém-nascido talvez seja a estranha sensação de espaço ao nascer. Vindo de um ambiente dentro do útero com todos seus limites sentidos e percebidos, o choque do meio externo, amplo, iluminado, barulhento e frio desencadeia reflexos natos de preservação.

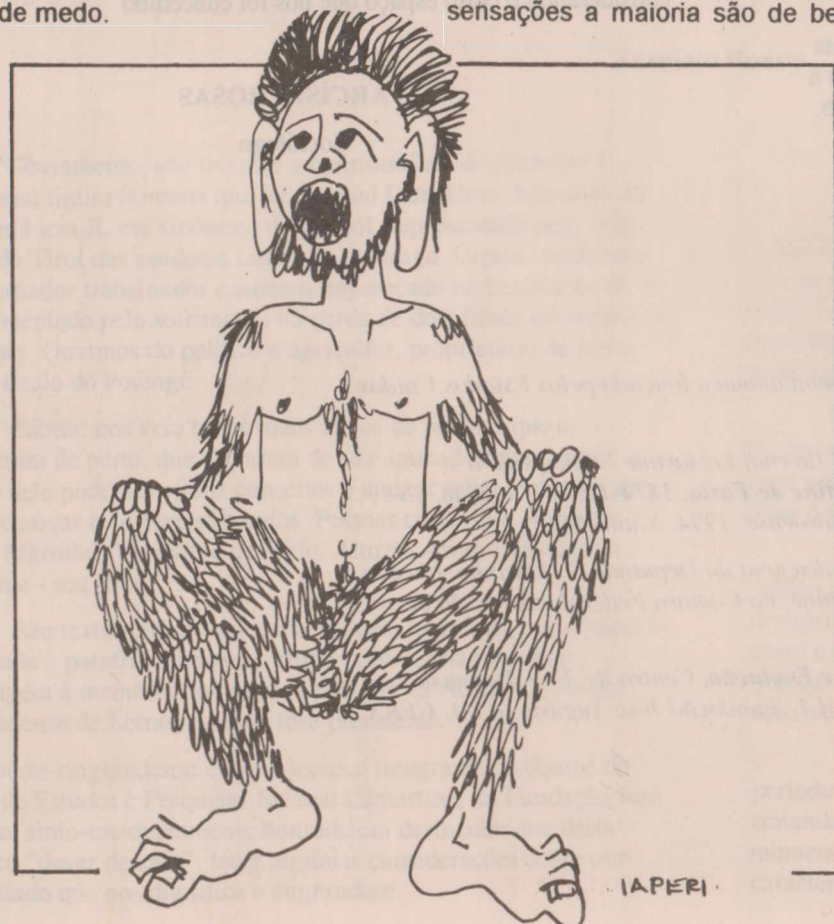
A sensação de vazio é impressionante, comparável aquela sentida numa longa queda livre.

Além da sensação de desamparo, associa-se o desconforto da variação de temperatura, do som e da luz que estimulam sensorialmente o recém-nascido.

Essas sensações provavelmente influenciam na ideação dos primeiros temores. A escuridão e a água, paradoxais já que eram partes do seu ambiente primitivo, natural. A altura, a falta de amparo e a necessidade do aconchego nos braços maternos. Justificativas também do reflexo de Moro, provável presença ancestral dos antropóides.

No primeiro ano de vida, o terror infantil está mais ligado aos fenômenos naturais. Assim eram os temores dos homens primitivos. Esses fenômenos, inexplicáveis no seu entendimento, representavam de início a existência de algo superior, independente de sua ação e que poderiam castigá-los.

A escuridão, os trovões, os tremores de terra e os raios. Sua mente pouco evoluída não abrigava outros temores mais intelectualizados. As forças da natureza ele não podia controlar ou domar e por isso eram motivos de medo.



Depois é que o homem primitivo passou a temer os animais ferozes e os inimigos de seu clã.

A criança na primeira infância à semelhança do homem primitivo apresenta esses mesmos temores. O escuro, a chuva, os raios e trovões, até entendê-los como coisas naturais. Entender outros perigos como quedas ou choques elétricos, muitas vezes demanda experiências não muito agradáveis. O pior é que o medo desses fenômenos, na maioria das vezes, é estimulado por irmãos maiores, amigos ou babás. Utilizam muitas formas de condicionar esses reflexos quando usam o desconhecido como forma de ameaça para estabelecerem uma disciplina ou castigo.

- Vou apagar a luz.

Depois, nas primeiras etapas do desenvolvimento intelectual, o terror ainda é indiferenciado.

Olhe o bicho...

Aí o termo genérico tem um significado muito amplo. O bicho pode ser um animal, mesmo doméstico que a criança encara como uma coisa estranha, uma barata, uma lagartixa ou mesmo um ratinho. Os bichinhos de pelúcia não causam tanto medo por serem inertes, daí estranharem a motilidade e a reação aos estímulos dos animais vivos.

A formação intelectual das crianças baseia-se muito nessa definição explícita da dualidade bem e mal.

O bem é agradável, confortável, claro e branco. O mal é desagradável e todo o oposto, o escuro e o preto. Interessante é a constatação de que como a criança veio de um espaço - o útero - escuro, mas protegido onde as sensações a maioria são de bem estar,

## Aspectos Folclóricos do Terror Infantil

Iaperi Araújo\*

"Quando eu vejo certas peças de teatro para crianças, fico pensando por que as crianças não reagem e montam uma peça para adultos".

Millôr Fernandes



quando desenvolve sua intelectualidade passa a temer a escuridão. Familiares são responsáveis pelo desenvolvimento desse reflexo quando ameaçam, com a escuridão como forma de castigo. Aí a escuridão é identificada com o abandono, a solidão e a fragilidade. Sem ver, o indivíduo fica exposto a uma agressão.

Essas ameaças fazem parte do folclore infantil até nas cantigas de ninar.

"Xô, xô, pavão  
lá de cima do telhado,  
para ver se essa criança  
dorme um sono sossegado".

Imagens indefinidas como o bicho-papão, o papa-figo, o lobisomem ou outras lendárias e fantasiosas figuras estimulam até a criatividade infantil que sem um estereótipo, fixam-na num desconhecido sujo e mal vestido, diferente do seu meio familiar.

- Olhe o véio.

Outra forma até cruel de se usar a imagem do idoso como molde para o temor das crianças. Mesmo assim, figuras como o vovô ou Papai Noel não são enquadradas nessa imagem criada pelos adultos para o mundo infantil pois representam o BEM nessa ideologia-terror.

Aqui a indução a certas atividades fisiológicas geralmente contém uma ameaça que traz inquietação às crianças, mas paradoxalmente funcionam, apesar de estimularem o medo e o pavor.

- Vá já dormir, senão chamo o papão ou então

- Vá tomar banho senão o bicho te leva ou vem te pegar.

As cantigas de ninar mais uma vez veiculam essa ideologia. A cuca, por exemplo:

"Nana neném  
senão a cuca vem  
seu pai foi prá roça  
sua mãe logo vem".

Dessa forma incute-se quase sempre a idéia que o homem é o trabalhador "foi prá roça" e a mãe no mínimo é uma vadia já que não foi trabalhar, mas foi "ali" pois "logo vem".

Imaginem só que até o boi, esse plácido animal foi transformado pelos ludi infantis, num instrumento de terror.

"Boi, boi, boi  
boi da cara preta  
pegue esse menino  
que tem medo  
de careta".

Claro que aí entra um elemento discriminador do boi, o "da cara preta", caindo no mesmo terreno da dualidade bem mal onde o preto e o escuro correspondem ao mal.

Dessa forma e com esse tipo de formação cultural, a criança passa a estabelecer estereótipos e padrões de coisas que podem causar mal ou no mínimo assustá-la.

O desconhecimento, o inexplicável, o escuro e o indefinido são elementos desse terror e as mães utilizam-nos até por uma questão de segurança da própria criança como formadores de sua personalidade.

- Não dê atenção a desconhecidos.

Especialmente porque nos desconhecidos estão os sequestradores, ladrões e molestadores sexuais das crianças.

Dessa forma é bem explicável o medo e o temor da criança perante um desconhecido quando encontra-se sem qualquer acompanhante do seu ciclo de conhecimentos, como acontece nos primeiros dias da Escola ou dentro de uma sala de cirurgia.

O temor do desconhecido está intimamente ligado também ao medo de ser molestado ou no mínimo de ser apartado do seu núcleo familiar.

Os programas infantis pela televisão em sua maioria entendem a criança numa mesma faixa de idade, generalizando a capacidade de entendimento, por níveis abaixo da mediocridade, ou são primariamente infantis, desde a utilização de apresentadoras com vozes, gestos e roupas ridículas em relação a idade que tem ou descambam para a violência com monstros irreais, crimes, sequestros e mortes utilizando-se de heróis ligados às artes marciais que sequer demonstram um cuidado de ternura para as crianças.

Não existe horários seletivos por idade e um desenho extremamente ingênuo pode ser visto tanto por crianças bem pequenas, quanto maiores e vice versa, sem distinção.

O universo doméstico da criança é tentado a ser transformado num cenário de lutas espaciais onde móveis e utensílios são robôs, máquinas destruidoras e inimigos do herói-menino.

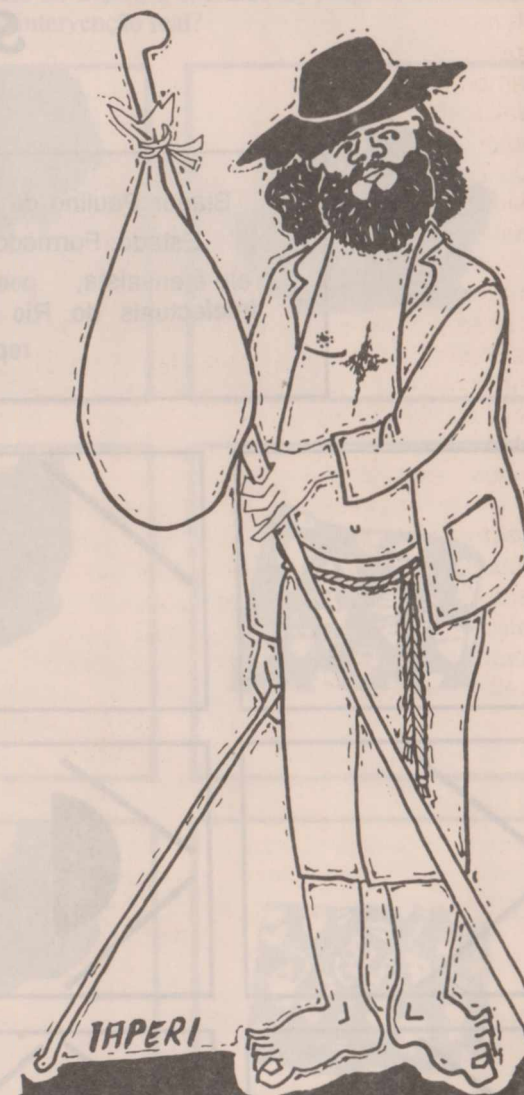
Portanto toda máquina estranha, todo equipamento pode ser visualizado no universo da criança como um inimigo potencial.

Assim podem ser vistos os equipamentos de raio x e de anesthesiologia, os de ultra-sonografia ou qualquer outro.

Ganhar a confiança da criança é etapa primordial no relacionamento. Difícil, por todo um acervo cultural negativo. Conhecê-la antes, junto com seus pais e familiares facilita a confiança. Mostrar as máquinas, ensinar como funcionam pode ajudar a manter em bom nível esse relacionamento.

De qualquer forma, as reações podem ser paradoxais. Toda criança não é uma só criança. Cada uma é um ser diferente, com temores iguais mas com reações diversas pelo próprio tipo de educação, pela dose de carinho que receberam, pela estabilidade do núcleo familiar e principalmente pela sua escolaridade e entendimento.

De uma maneira geral, o conhecer e o entender fazem parte das armas contra o temor.



\* Professor Adjunto do Departamento de Tocoginecologia da UFRN. Pesquisador da cultura popular. Presidente da Fundação José Augusto.

### BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny. O estranho Mundo que se mostra às crianças. Sammus Editorial, São Paulo, 1983.  
BONAZZI, M & ECO, Umberto. Mentiras que parecem verdades. Sammus Editorial, São Paulo, s.d.  
CASCU DO, Luis da Câmara. Geografia dos Mitos brasileiros. CASCU DO, Luis da Câmara. Superstições e Costumes. Ed. Civilização Brasileira.

# BIANOR PAULINO

*“A cultura potiguar precisa de um projeto cultural antropofágico. Que não tenha cajus, dunas e as sujeiras do Potengi.”*

\* Roberto Homem

Bianor Paulino da Costa, natalense de 44 anos, é professor de literatura do Estado. Formado em Letras e concluindo o curso de Filosofia na UFRN, ele é ensaísta, poeta visual, vanguardista e integrante da nova geração de intelectuais do Rio Grande do Norte. No final de outubro, Bianor recebeu a reportagem do GALO para a entrevista a seguir.

**P. O GALO:** Como você se iniciou na arte de construir poemas visuais e quais as suas primeiras experiências na área?

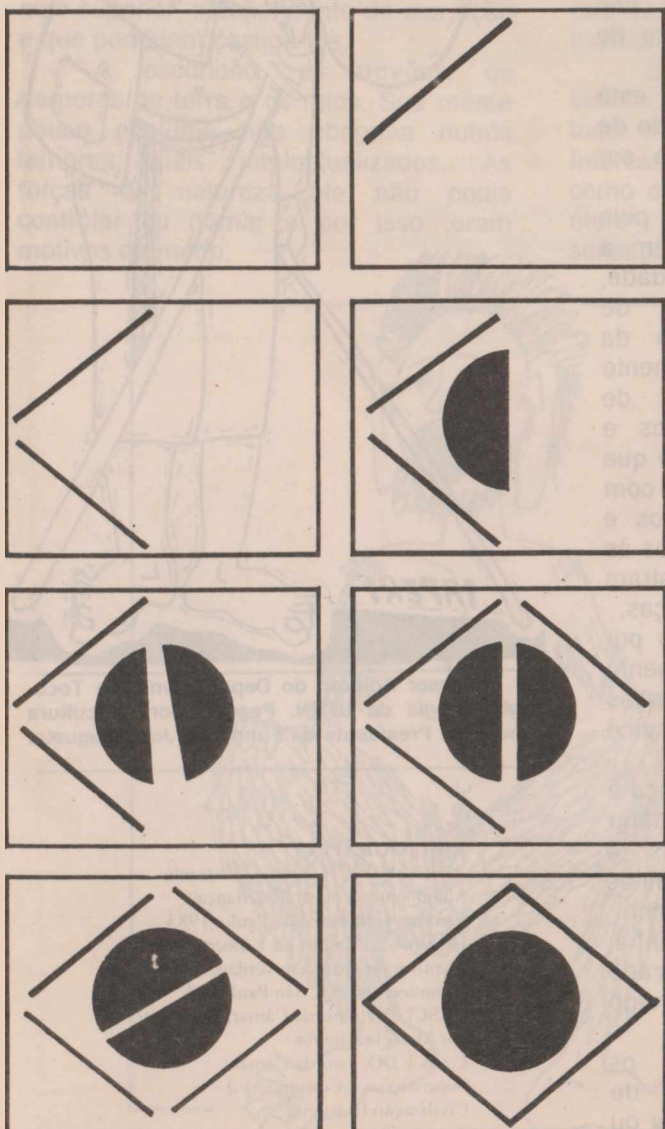
**R. BIANOR PAULINO:** De início, diria que o olhar sempre me atraiu, quer dizer, despertou-me para os relances das estórias em quadrinhos, cinema e para os das artes plásticas. Depois, vieram na sequência as leituras de vanguarda em cima de Maiakovski, Cummings, Duchamp, Mondrian, Joyce, Haroldo e Augusto de Campos, Álvaro de Sá, Moacyr Cirne, Wladimir Dias-Pino, etc. Desse contexto nasceu o poema "Antropofágico" (1990), publicado no livro "Poema-processo: Perguntas e Respostas" do crítico Anchieta Fernandes, que é um texto sem nenhuma palavra: um (des)encadeamento dos traços formativos da Bandeira do Brasil, na qual o slogan "Ordem e Progresso" desaparece antropofagicamente na própria estrutura do poema, numa relação semiótica com o espaço vazio. Saliento nesse poema a mesma elaboração técnica de o "Olho" de Anchieta Fernandes ou de um "Life" de Décio Pignatari, Pignatari, estes trabalhos a nível ainda da palavra.

**P. O GALO:** Trace uma panorâmica destes 26 anos de existência do poema-processo, desde sua criação em 1967, até as experiências que vêm sendo desenvolvidas atualmente.

**R. BIANOR PAULINO:** O poema-processo foi o movimento de vanguarda mais radical que houve até hoje no Brasil, em termos anti-literários. Uma espécie de zen anarko sauvage. Partiu do procedimento poético de que "poema não se faz com palavra, faz-se com processo" ou seja, a palavra pode ser dispensada e o poema pode conter ou não poesia. Com isso colocava uma pedra no calcanhar dos conceitos literários que se baseavam na sujeira verborrágica de um Bandeira, Drumond e de Cabral, poetas oficiais do olímpico brasileiro. Na época o poema-processo foi produzido por mais de trezentos poetas, incluindo lavadeiras e padeiros. Depois, veio a parada tática (1972) como movimento organizado, condição necessária para evitar uma centralização, cujo o maior exemplo foi o concretismo em São Paulo. Mas que "poemas-

Poema de Bianor Paulino: Antropofágico - 1993

Programação Visual: Faíves Silva

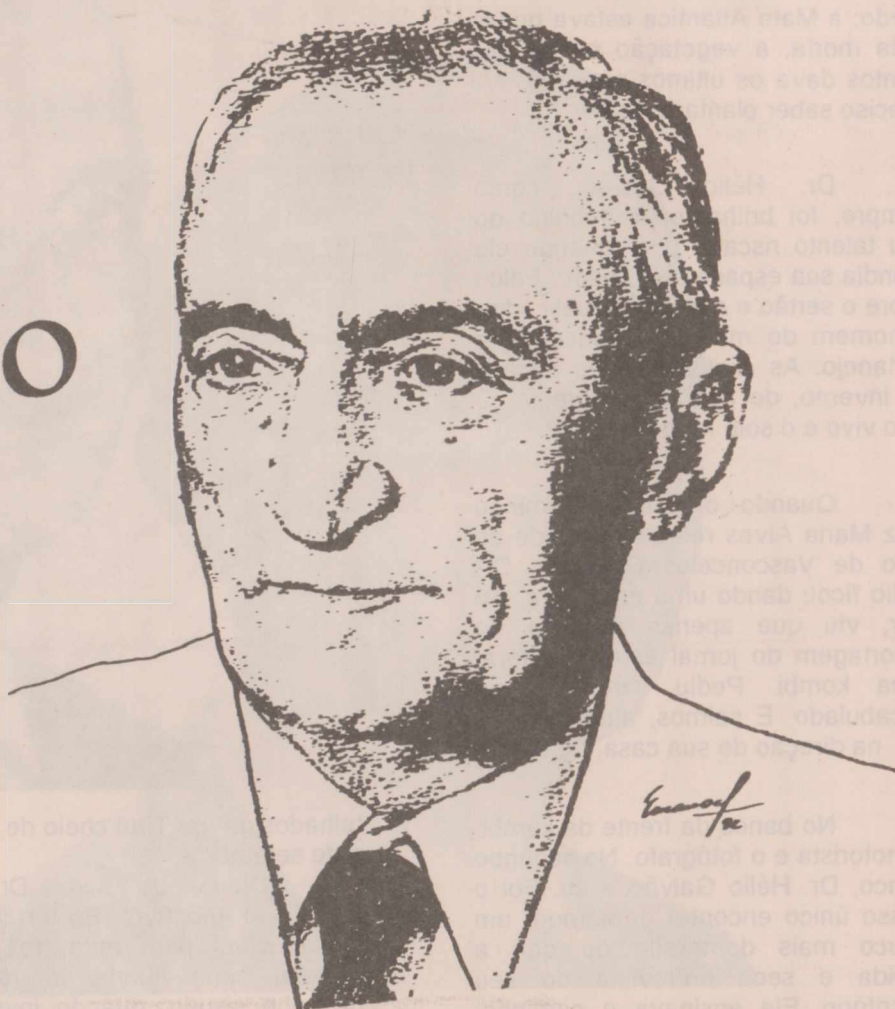


# JUVENAL LAMARTINE

## Um sertanejo de fibra

*“Observai atentamente cada planta, animal e, até mesmo, o chão em que pisamos. Não queira ser mais sábio que a natureza. Antes, procure aprender com ela”*

(J.L.)



Tarcísio Rosas

Obviamente, não tivemos a oportunidade de conhecer a excepcional figura humana que foi Juvenal Lamartine. Nos anos da minha infância JL era sinônimo de futebol, representado pelo velho estádio do Tirol das saudosas tardes de domingo. Depois, soubemos do Governador trabalhador e austero, injustiçado na Revolução de 30 e experimentado pelo sofrimento na perda de dois filhos em menos de sete meses. Ouvimos do político e agricultor, proprietário de terras em São Paulo do Potengi.

Súbito, nos veio ter às mãos textos de pessoas que o conheceram de perto, que privaram de sua amizade e que, assim, a respeito dele puderam emitir conceitos e ajuizar sobre o alcance de suas iniciativas e empreendimentos. Pessoas como José Augusto, Djalma Marinho, Veríssimo de Melo, Aluizio Alves e Oswaldo Lamartine - seu filho.

São textos claros, objetivos, diretos, unânimes num “mutirão de saudade”, parafraseando este último, por ocasião de uma homenagem à memória do seu pai realizada na Academia Norte-Riograndense de Letras, da qual fôra presidente.

Como norte-riograndense e como técnico integrante da equipe do Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine, da Fundação José Augusto, sinto-me duplamente honrado em desincubir-me deste autêntico “dever de casa”: tecer algumas considerações sobre este antepassado que nos dignifica e engrandece.

Há quem se refira ao passado como uma época em que “não se precisava apor assinatura em documento”, em contraposição a esta em que, para se “confiar” numa assinatura, são necessárias umas tantas laudas de cadastro com o registro em cartório, mesmo assim correndo-se o risco de manipulação por inescrutáveis caminhos para o usufruto indevido por parte de outrem.

Este factual contraste dos tempos vemos saltitar no dia a dia escabroso da maledicência televisiva: escândalos, fraudes, CPIs, etc; eis o que estampam as manchetes comuns que, sintomaticamente, não mais nos escandalizam.

São duas épocas distintas, as que ora tratamos. Algo como cordão azul e cordão encarnado das velhas lapinhas. Quase há uma divisória de tempo, tal e qual antes e depois de Cristo (ou tal e qual antes e depois da bomba - eis a questão, talvez). Como se, com a bomba\*, houvessem rompido simultaneamente a ética e os padrões de convivência.

Não sejamos ingênuos em julgar simetricamente opostos os períodos tratados, seria uma impossibilidade matemática em se tratando de coisas humanas; digamos, não obstante, constituírem momentos personalísticos nos quais, como em supra-sumo, ressaltam características e peculiaridades que os identificam singularmente.

processo continuarão a ser produzidos", finalizava o manifesto. Atualmente, todas as experiências visuais que vêm se operando, por todo o país, estão direta e indiretamente ligadas ao poema-processo. Pois a grande contribuição desse movimento, nascido entre Natal e Rio de Janeiro simultaneamente, foi a descentralização poética do eixo Rio/São Paulo, onde os poetas de outras províncias não tinham vez. Temos hoje, como exemplo, as produções visuais divulgadas pela folha "ComunicARTE", em Poços de Caldas, com o agitador cultural Hugo Pontes, o alternativo "Blocos", no Rio de Janeiro, da escritora Leila Mícolis e a revista "Dimensão", em Uberaba, por Guido Bilharinho. Em suma, eis aqui, portanto, uma lista de alguns poetas em plena atividade, nos seus estados: Avelino de Araújo (RN), Raider (SP), Paulo Bruscky (PE), Maymand Sobral (CE), Rubervam do Nascimento (PI), Sérgio Almeida (PR), Almandrade (BA), Márcio Almeida (MG), J. Cardias (RJ), centenas e centenas que não cabem ilustrar aqui.

**P. O GALO:** *O poema-processo é um movimento que veio para se incorporar à cultura nacional ou ele tende a desaparecer com o tempo?*

**R. BIANOR PAULINO:** O poema-processo vai além da mera incorporação nacional, desincorpora o nacional: abraça a informação internacional numa nova (de)codificação de signos e siglas cotidianas. O mundo se torna uma aldeia global telepática. O poema-processo se supera por si mesmo na materialidade do próprio processo poético: dentro de cada condição histórica. Funciona sem cair no vício dos neos e ismos, como expressa Moacyr Cirne: "não haverá um neoproceto como houve um neoconcretismo." As condições processuais de uma ruptura com o tipográfico foram antes ou seriam hoje? Há uma deglutição geral em processo, uma descartabilidade da aura burguesa, promovida ainda pelo poema-processo, que é um movimento recente.

**P. O GALO:** *A quantas anda a literatura potiguar e quais os novos valores que estão sobressaindo nas letras do estado?*

**R. BIANOR PAULINO:** Não acredito numa literatura potiguar, como também não acredito numa Feminina. Acredito numa produção literária ou anti-literária feita por autores potiguares ou até mesmo por outros que não sejam desse estado, mas que estejam radicados e produzindo aqui. Esse é um critério parafraseado do escritor Manoel Onofre Júnior. A produção literária ou anti-literária que ainda domina nessas plagas de Poty, é a poesia de Jarbas Martins, Marize Castro, Paulo de Tarso, Luis Carlos Guimarães, Diva Cunha, numa linha mais tradicional; por outro lado, no poema mais experimental, apresenta-se Franklin e Luis Capistrano, Bosco Lopes, Laércio Bezerra, J. Medeiros, Falves Silva, etc. Na crítica literária dou atenção ao Francisco Ivan, João da Rua e ao Anchieta Fernandes, pela visão poética. Dos novos valores ficam Henrique José, com um trabalho multimeios, Fátima Caspistrano e Denis Touran. Vindo a seguir, pela performance, Sopa D'osso, Cícero Cunha, etc.

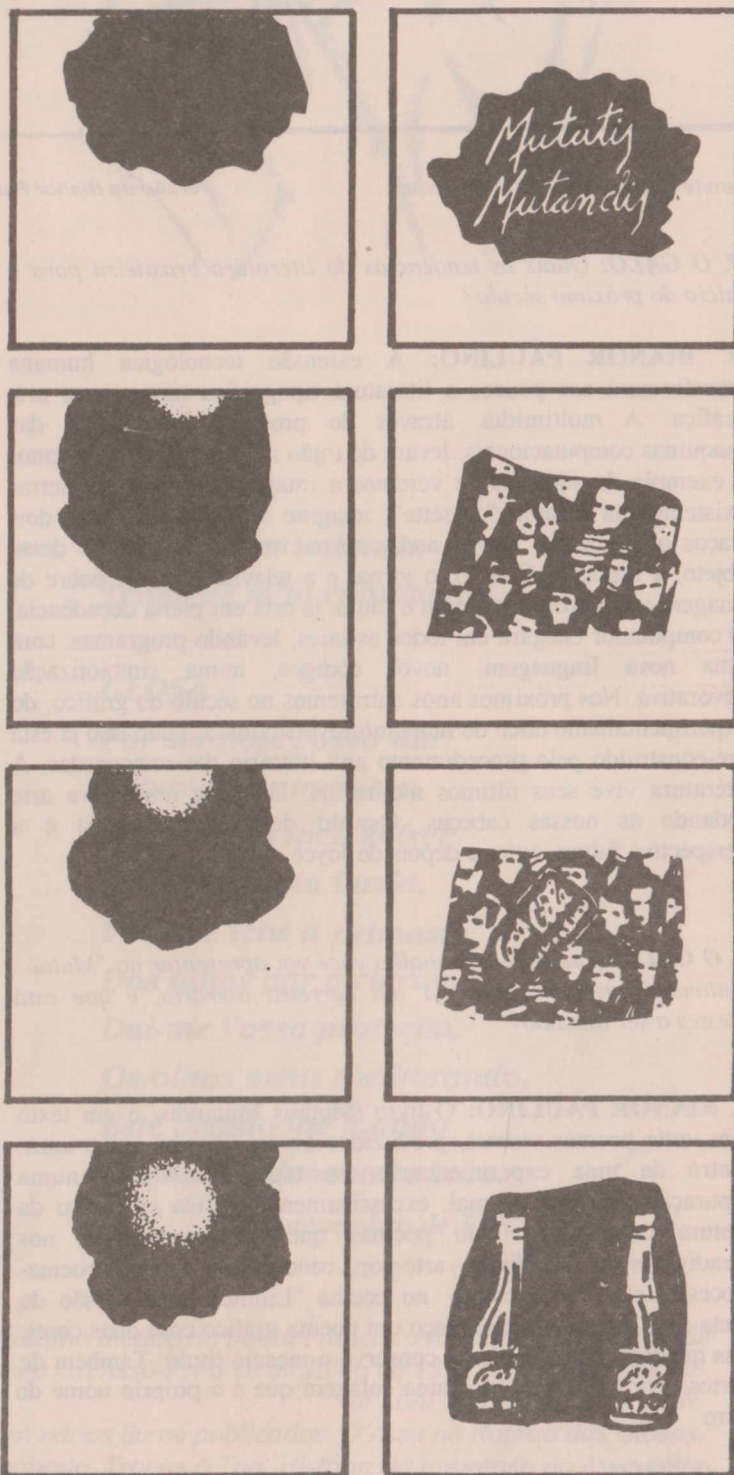
**P. O GALO:** *O que está produzindo a vanguarda natalense, nestes tempos em que a população brasileira elegeu Fernando Henrique Cardoso, dando a entender que está avessa a inovações?*

**R. BIANOR PAULINO:** É muito difícil. Não posso definir a olho nu uma produção natalense de vanguarda hoje. Não sei se há ou não condição histórica para esse desempenho crítico. O processo de vanguarda é polêmico. Talvez pertinente. Levo em consideração uma premissa conceitual do acontecer, uma explosão no percurso do ser humano; mas não vejo nesse momento esse fato condizente. Percebo de imediato uma deglutição geral. Uma antropofagia. Uma anarquia de todos os valores estéticos. Seria isso vanguarda? Por exemplo, na Bienal de São Paulo (1994) tem exposição performática idêntica ao impacto dos ready-made do artista Guarati, na Capitania das Artes (1994). Assim, há uma vasta produção performática na terra de Cascudo. Portanto, isso tudo independe de uma eleição de Lula ou de Fernando Henrique. Direita ou esquerda dá no mesmo retrocesso político-cultural. Arte é

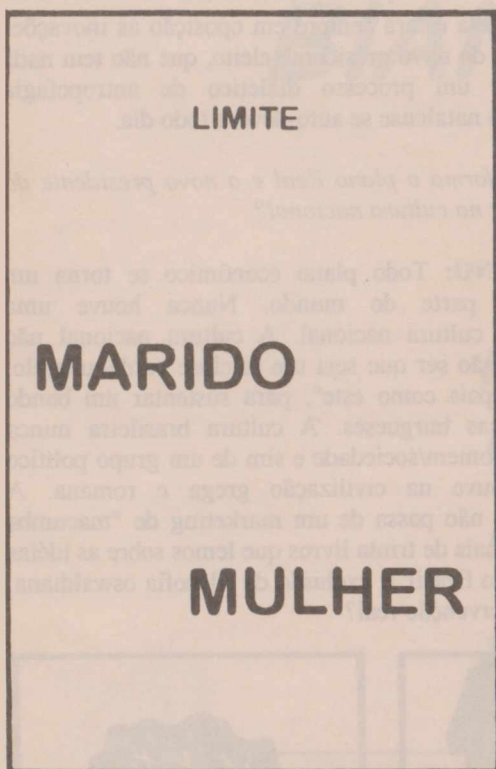
sempre para frente. É o lixo espalhado pelo acaso. Se existir uma vanguarda atualmente ela estará sempre em oposição às inovações liberais e progressistas do novo presidente eleito, que não tem nada a ver. Vanguarda é um processo dialético de antropofagia simbiótica. A produção natalense se auto-devora todo dia.

**P. O GALO:** *De que forma o plano Real e o novo presidente do Brasil podem interferir na cultura nacional?*

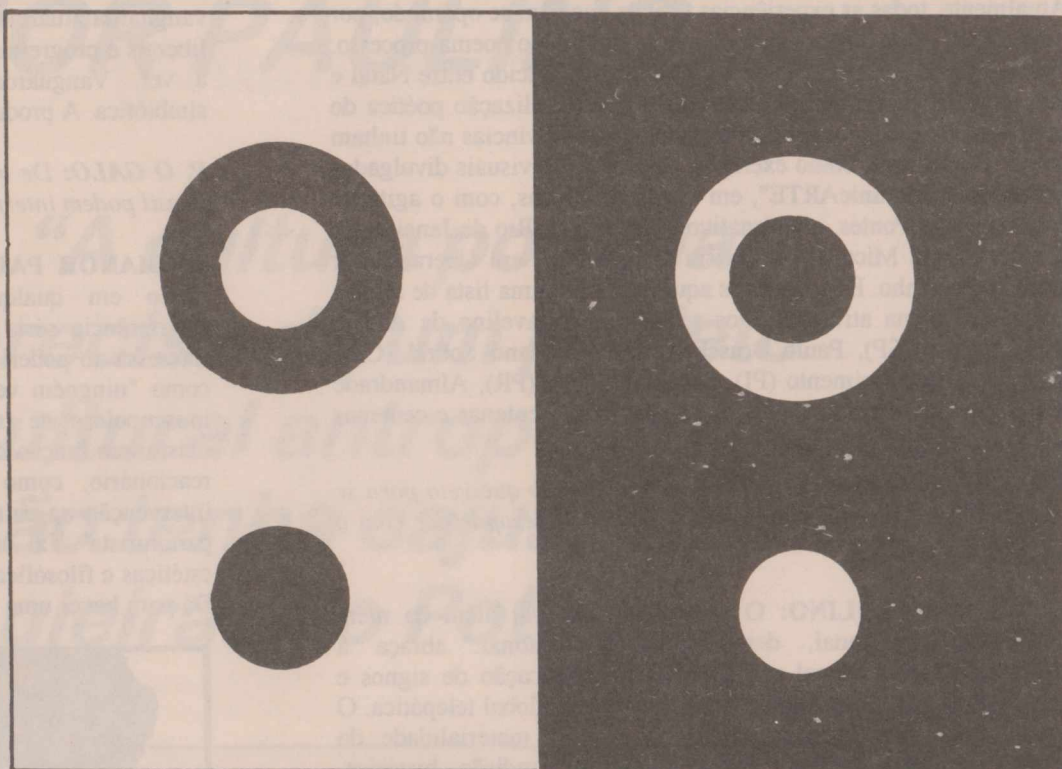
**R. BIANOR PAULINO:** Todo plano econômico se torna um fiasco em qualquer parte do mundo. Nunca houve uma interferência séria na cultura nacional. A cultura nacional não interessa ao poder. A não ser que seja um folclore verde-amarelo, como "ninguém verá país como este", para sustentar um bando inuscupoloso de trouxas burgueses. A cultura brasileira nunca existiu em função do homem/sociedade e sim de um grupo político reacionário, como houve na civilização grega e romana. A intervenção na cultura não passa de um marketing de "macumba para turista". Tai, em mais de trinta livros que lemos sobre as idéias estéticas e filosóficas no Brasil, a exclusão da filosofia oswaldiana. Dá para haver uma intervenção real?



## LIMITE



Limite Poema Original J. B. Gomes



versão de BIANOR PAULINO

**P. O GALO:** Quais as tendências da literatura brasileira para o início do próximo século?

**R. BIANOR PAULINO:** A extensão tecnológica humana transformará aos poucos a literatura tipográfica numa nova arte gráfica. A multimídia, através do processo informático das máquinas computacionais, levará de rojão até o alfabeto. Peguemos o exemplo da sigla "K7" e veremos a imagem sintética das letras existentes na palavra "cassete"; imagine no futuro ela com dois traços ou uma cor, talvez nada, apenas o gesto telepático desse objeto, a intuição. O livro, o jornal e a televisão, que é pobre de imagem e se parece mais com o rádio, já está em plena decadência. O computador chegará em todos os lares, levando programas, com uma nova linguagem: novos códigos, numa simbiotização devorativa. Nos próximos anos entraremos no século do gráfico, do experimentalismo ótico do homem/universo único. Tudo isso já está pré-construído pelo procedimento anti-literário das vanguardas. A literatura vive seus últimos momentos. Já existe uma nova arte rodando às nossas cabeças. Oswald de Andrade ainda é a perspectiva futura, antes e depois de Joyce.

**P. O GALO:** Que tipo de trabalho você vai apresentar no "Mutatis Mutandis" primeiro livro da sua carreira literária, e que está prestes a ser lançado?

**R. BIANOR PAULINO:** O livro /Mutatis Mutandis/ é um texto com vinte poemas visuais, produzidos nesses últimos cinco anos, dentro de uma experimentação, pós-tudo. Trabalhado numa depuração técnica e formal, excessivamente gráfica em torno da ruptura da palavra. São poemas que se desenvolvem nos paradigmas do dadadismo, arte-pop, concretismo, práxis, poema-processo, etc. Por exemplo, no poema "Limite", uma versão do poeta José Bezerra Gomes, faço um poema gráfico com duas cores, dois quadros, dois círculos e conservo o mesmo título. Também de vários textos de Lapi, faço uma colagem que é o próprio nome do livro.

**P. O GALO:** Fale um pouco das suas experiências literárias, os prêmios, as publicações em jornais e revistas e os ensaios.

**R. BIANOR PAULINO:** Minha experiência começou no fim da década de sessenta com a geração marginal. O poeta Fernandão ensinou-me a magia dos bêbados e dos bibelôs, juntamente com o pessoal da "Alcatéia Maldita". Foi meio-tímida de início, mas persistiu como aprendizagem anti-literária. Fiquei sempre na periferia, ouvindo os uivos dos lobos de Lagoa Sêca. Dai em diante conheci o Dailor e o Falves, fui tocado pelo visual, pela marginalização cultural. Comecei a publicar textos a partir desses quatro últimos anos, tanto na imprensa local como na de fora, oficial ou não oficial, fui bem aceito com o meu radicalismo polêmico. Exemplo: Poti, Dois Pontos, Jornal de Natal, Tribuna do Norte, a revista o Galo, os alternativos Sebo Vermelho, Hodos, Blocos (RJ), Garatuja (RS), ComunicARTE (MG), A Margem, etc. Em 1992, consegui com um trabalho ensaístico sobre "A Modernidade de Jorge Fernandes" o prêmio de ensaio Edgar Barbosa, promovido pela Fundação José Augusto. No momento trabalho na elaboração de dois ensaios: um sobre o Poema no Rio G. do Norte, sua ruptura e sua sincronia. O outro é uma relaboração de um texto antigo sobre a "Filosofia da Catástrofe". Estou neste fim de ano participando de várias exposições nacionais e internacionais de poesia visual e arte-correio em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Piauí, Estados Unidos, Canadá, Itália, Japão, Rússia, etc.

**P. O GALO:** O que está faltando para a cultura potiguar ocupar um lugar de destaque no cenário nacional?

**R. BIANOR PAULINO:** Um projeto cultural antropofágico, que não tenha cajus, dunas e as sujeiras do rio Potengi. Um enxugamento geral na máquina cultural, por homens capacitados artisticamente e intelectualmente, formados. Um projeto de ruptura, levando o povo a comer dos "biscoitos finos" de Oswald de Andrade. Primeiro um projeto cultural da fome, da saúde, da habitação, da educação, o resto vem depois.

**MOTE**

*Passei três horas sentado  
Só vendo carro passar.*

**GLOSA**

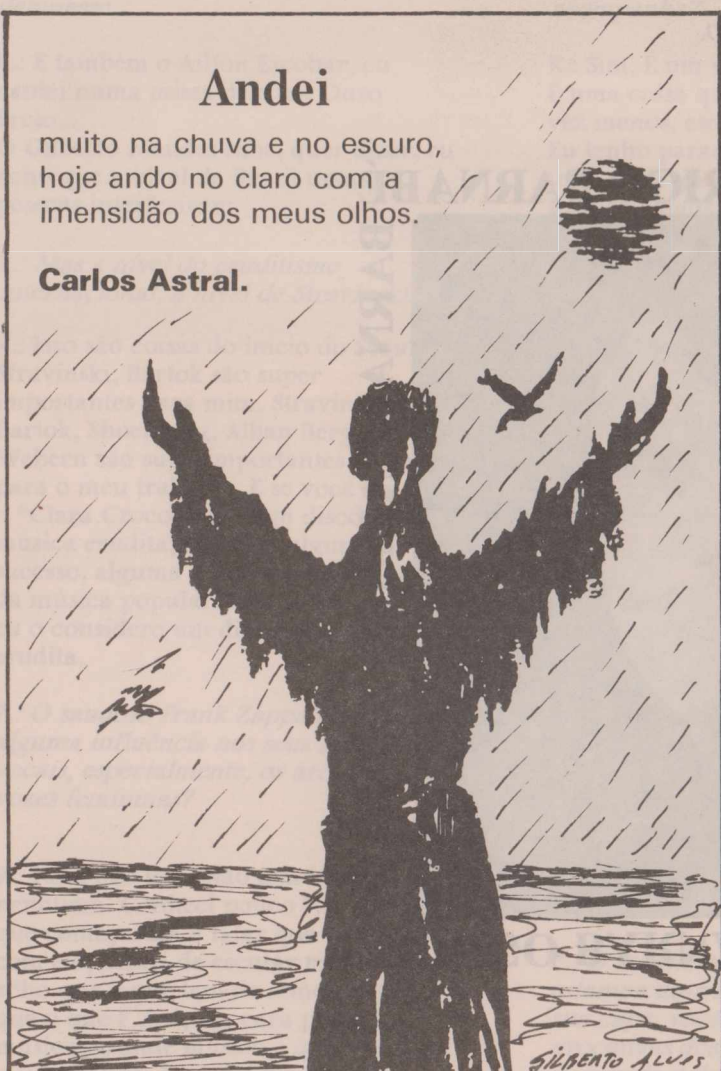
*Fumando como um danado  
No velho cachimbo meu  
Porque isso aconteceu,  
Passei três horas sentado.  
Mudo, sozinho, calado,  
Na minha vida a pensar  
Sem alegria encontrar,  
Para minha animação  
Tive como distração  
Só vendo carro passar.*

*Francisco Amorim  
Outubro de 1992*

**Andei**

*muito na chuva e no escuro,  
hoje ando no claro com a  
imensidão dos meus olhos.*

**Carlos Astral.**

**MOTE**

*Querida Santa Luzia,  
Tende de mim compaixão.*

**GLOSA**

*Por ser hoje vosso dia  
E louvores merecer,  
Dai alívio a meu sofrer  
Querida Santa Luzia.  
Vós que tens a primazia  
Dos olhos dar o clarão,  
Dai-me Vossa proteção,  
Os olhos meus melhorando,  
Este pedido lhe mando  
Tende de mim compaixão.*

*13 de dezembro de 1993*

*(Trabalho inédito do Poeta Francisco Amorim (Chisquito). Ele nasceu em Assu-RN a 10 de Julho de 1899 e faleceu no dia 23 de Abril de 1994 em Natal-RN.*

*Tem vários livros publicados: O Assu no Roteiro das Glosas, Forrobodó, Trovas à Toa, História da Imprensa no Assu entre outros).*

*Adoro nomes  
nomes em Á  
de coisas como RÃ e Imã  
Nomes de nomes como Maria da Fé, Scarlet Moon, Chevalier  
Glauco Matoso e Arrigo Barnabé*

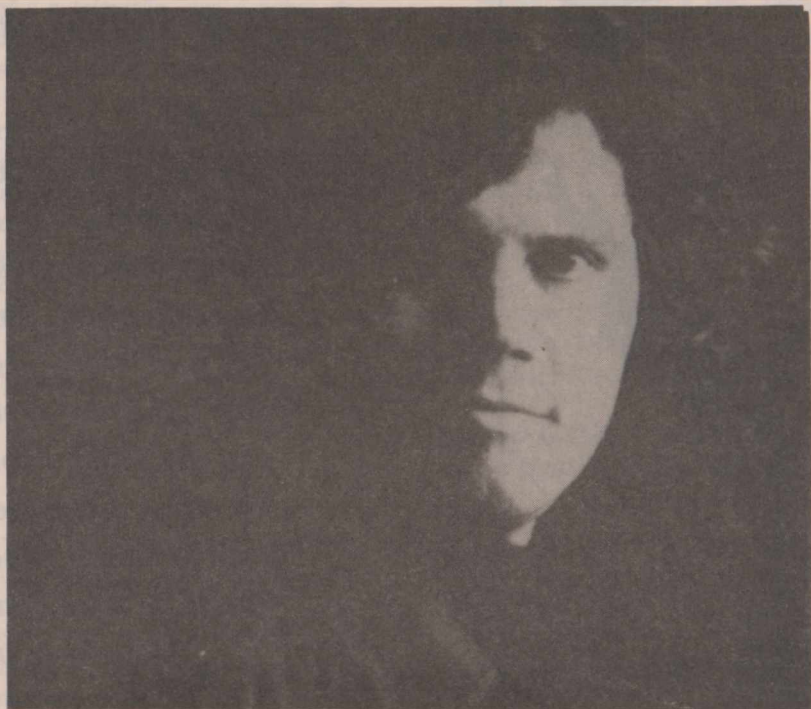
# IGO BARNABÉ ARRIGO BARNABÉ

Caetano Veloso - "Lingua"- CD Veló

*Essa entrevista  
integra uma série à ser  
concluída com outras expressões,  
que participam ativamente da  
formação e da discussão da  
Cultura Contemporânea,  
especialmente, brasileira.  
Os poetas e cantores, ensaístas,  
Haroldo de Campos, Waly Salomão,  
Elomar Figueira,  
Boris Schnaiderman, Arrigo Barnabé.  
Todas foram conduzidas pelo  
escritor/poeta Dácio Galvão,  
Presidente da Fundação Cultural  
Hélio Galvão.*

ARRIGO BARNABÉ ARRIGO BARNABÉ

BARNABÉ ARRIGO BARNABÉ



BARNABÉ ARRIGO BARNABÉ

ARRIGO BARNABÉ ARRIGO BARNABÉ

Matéria de Dácio Galvão  
ENTREVISTA ARRIGO BARNABÉ

**P. DÁCIO:** *Bartok, Stravinski, Schoenberg, Webern, Cage, contribuíram com o seu projeto musical adequando melodia atonal, dodecafonismo, experimentos sonoros a uma possibilidade popular/radical, o que não é fácil. Como isso se processou?*

**R. ARRIGO:** Isso tem muito a ver com os Tropicalistas, principalmente o trabalho dos arranjadores que trabalharam com os Tropicalistas, no caso Rogério Duprat, Damiano Cozela, Julio Medaglia, e também com alguma coisa dos Beatles, é que eles faziam algumas experiências, misturando música erudita com popular e tal.

**P.:** *Mas esse pessoal gerou um clima na sua cabeça para que você detonasse...*

**R.:** E também o Ailton Escobar, eu cantei numa missa dele em Ouro Preto... O Gilberto Mendes sabe, quer dizer, eu acho que a nível de Brasil umas pessoas interferiram.

**P.:** *Mas a nível do eruditismo internacional, a nível de Stravinski...*

**R.:** Isso são coisas do início do Século. Stravinski, Bartok são super importantes para mim. Stravinski, Bartok, Schoenberg, Alban Berg, Webern são superimportantes mesmo, para o meu trabalho. E se você for ver o "Clara Crocodilo" é um disco de música erudita, que teve algum sucesso, alguma repercussão na área da música popular. Mas, é um disco, eu o considero um disco de música erudita.

**P.:** *O saudoso Frank Zappa tem alguma influência nos seus arranjos vocais, especialmente, os arranjos de vozes femininas?*

**R.:** Não, não tem. Não tem influência nenhuma. Conheci pouco F.Z. e depois que começaram a falar que eu parecia com ele, deixei de escutar mesmo. Eu acho que o que tem de semelhante é que o que F.Z. é, um cara puta-músico, grande músico e que conhecia muito, ele conhecia bastante música erudita moderna contemporânea e usava isso no trabalho dele.

**P.:** *O disco da "MOSCA" o álbum de Walter Franco "OU NÃO", o "Araçá Azul" de Caetano, "Clara Crocodilo" de Arrigo, "Tatuagens" de Livio Tratenberg são discos-marcos, pós-tropicália postulando sempre a invenção. Você identificaria atualmente algum trabalho no nível de formulação desses discos citados.*

**R.:** Olha eu tenho escutado pouca coisa. Não sei se existe alguma coisa assim. Eu não conheço. Se tem eu não conheço.

**P.:** *A concreção verbal lhe fascina, especialmente o acústico, o significativo. Arnaud Daniel, Ezra Pound sugeriram-lhe a aliteração, paranomásia sons vocálicos, consonantais. Quando escreve letras essa preocupação ainda lhe acompanha?*

**R.:** Sim. É um negócio que acompanha. É uma coisa que eu tenho feito cada vez menos, escrever letra de música. Eu tenho parado de fazer isso. Mas, é uma coisa que faz parte da minha técnica vamos dizer assim, vou me preocupar com isso, tentar fazer.

**P.:** *Depois do Pós-tudo tropicalista, bossa-nova, atonalismo, qual o rumo, a direção da MPB que vislumbra?*

**R.:** Eu não sei qual o rumo. Olha, eu acho que a tendência é se caminhar para uma diluição das coisas que já foram feitas. Acho que essa é a tendência. A tendência de diluir as coisas.

**P.:** *Possibilitar uma absorção maior da massa, coisa desse tipo.*

**R.:** É, eu acho que, depois desse passo talvez surja alguma outra coisa mas, que está num processo de diluição, do que foi feito.

**P.:** *A nível de radicalizar?*

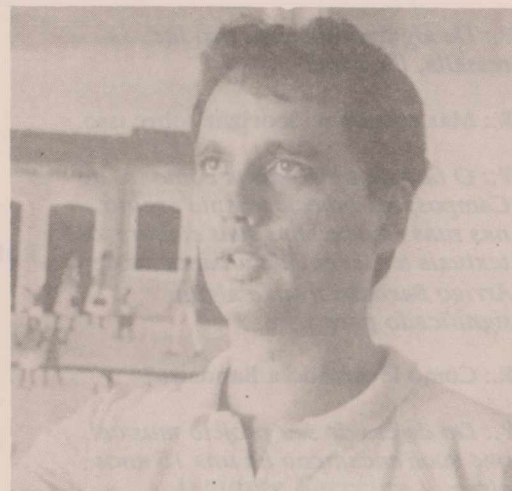
**R.:** É.

**P.:** *O manifesto da Poesia Concreta estampa uma série quadrinizada na sua capa, você se utiliza de estórias evocativas dos quadrinhos de vanguarda, talvez Crumb..e Cia. Como estrutura-se essa manifestação no seu trabalho criativo?*

**R.:** É mais narrativa. Eu uso narrativas semelhantes a estória em quadrinhos. Eu trabalho é mais com narrativa. Tanto que não há uma grande identificação do Augusto e do Haroldo de Campos em relação ao meu trabalho escrito. Eles acham muito mais interessante a minha parte musical do que a minha parte literária. A minha parte literária é uma parte literária ligada com a narratividade, é uma coisa muito mais ligada à prosa, digamos assim, do que à poesia, certo? Estória em quadrinho nesse sentido é como se fazer um roteiro. Story-Board. Então eu puxo ela, para mim, assim, eu penso nas coisas cínicamente. Penso nas coisas muito cínicamente.

**P.:** *Você musicou alguns poemas de poetas importantes: Augusto de Campos, Fernando Pessoa. Qual o critério para essa atitude? Cabaret Dadá..*

**R.:** No caso de Fernando Pessoa, atendendo convite da Fundação Gubenkian, e a Eliza Baygton pediu para escolher um texto. Eu escolhi esse, mas, eu tenho vontade de fazer o "POEMA EM LINHA RETA" que acabei fazendo depois.. Eu musicuei a partir de.. Eu gosto mais do resultado do "poema em linha". E musicuei o "Em baixo da minha porta" de F.P. agora, do Augusto foi uma coisa assim. O Augusto sugeriu que eu musicasse o "Jaguadarte" (Lewis Carol) eu pedi pra ele uma sugestão. Eu musicuei o "Jaguadarte", depois o "Tudo está dito". Eu tinha começado a fazer, a musicar os outros poemas do Augusto também. Isso é um negócio que eu gosto muito de fazer, principalmente



musicar poemas do Augusto. Do Haroldo eu tenho muita vontade de trabalhar também..(com poemas de Haroldo.) Mas isso é uma coisa, que você tem que ter na cabeça, que não é para você fazer dentro do show business. É uma outra coisa. É um outro lado, um outro caminho, sabe? Você não pode misturar isso com o show-business, em primeiro lugar.

*P.: Picasso lhe possibilitou uma alternativa de composição? Picasso lhe deu..*

*R.: Picasso não me deu nada. Não venha com essa história. (risos).*

*P.: Picasso lhe possibilitou uma leitura de composição.*

*R.: Mais ou menos.*

*P.: Marcel Duchamp foi por você performaticamente citado numa "esprayação", se não me engano na Bandeirantes. Estabelecemos uma conexão sua com a literatura de Ezra Pound, Arnaud Daniel. Como é que seu trabalho esteticamente se estabelece ?..*

*R.: Baudelaire. Eu cito Baudelaire no "Clara Crocodilo".*

*P.: Como seu trabalho se projeta nessa questão da visualidade e a relação com dois artistas por você incorporados, contemporâneos da vanguarda pictural mundial?*

*R.: Eu não sei. É um negócio que eu.....*

*P.: O Dadaísmo como movimento, de alguma maneira ele deve ser forte em você. Pelo fato de você ter musicado "O Cabaret", de Pessoa, e pelo fato, não é à toa creio, de você ter esprayado a frase célebre de Duchamp - Não repetir apesar do bis - Isso significa uma conexão sua com esse movimento?*

*R.: É muito interessante a coisa do Dadaísmo. Aquele negócio do inconsciente e tal. É uma coisa próxima do Surrealismo. Acabou gerando uma coisa além, ligada com um período de maconha, LSD..*

*P.: De alguma maneira isso lhe ressalta, lhe atrai..*

*R.: Mas eu não sei teorizar sobre isso.*

*P.: O fato de uma pessoa como A. de Campos, reconhecidamente arguto, nas suas críticas, nas suas elaborações textuais ter levantado a bandeira de Arrigo Barnabé trouxe algum significado para você..?*

*R.: Como levantado a Bandeira?*

*P.: Em defesa do seu projeto musical. que você encampou há uns 15 anos atrás.*



*R.: Isso era uma coisa natural que acontecesse. Tinha muito que ver com Augusto, o que eu fazia. Para mim Augusto foi uma pessoa muito importante. Não só como poeta, mas, como crítico. Acho uma coisa natural mesmo. Eu me considero meio assim, meio formado pelo Augusto.*

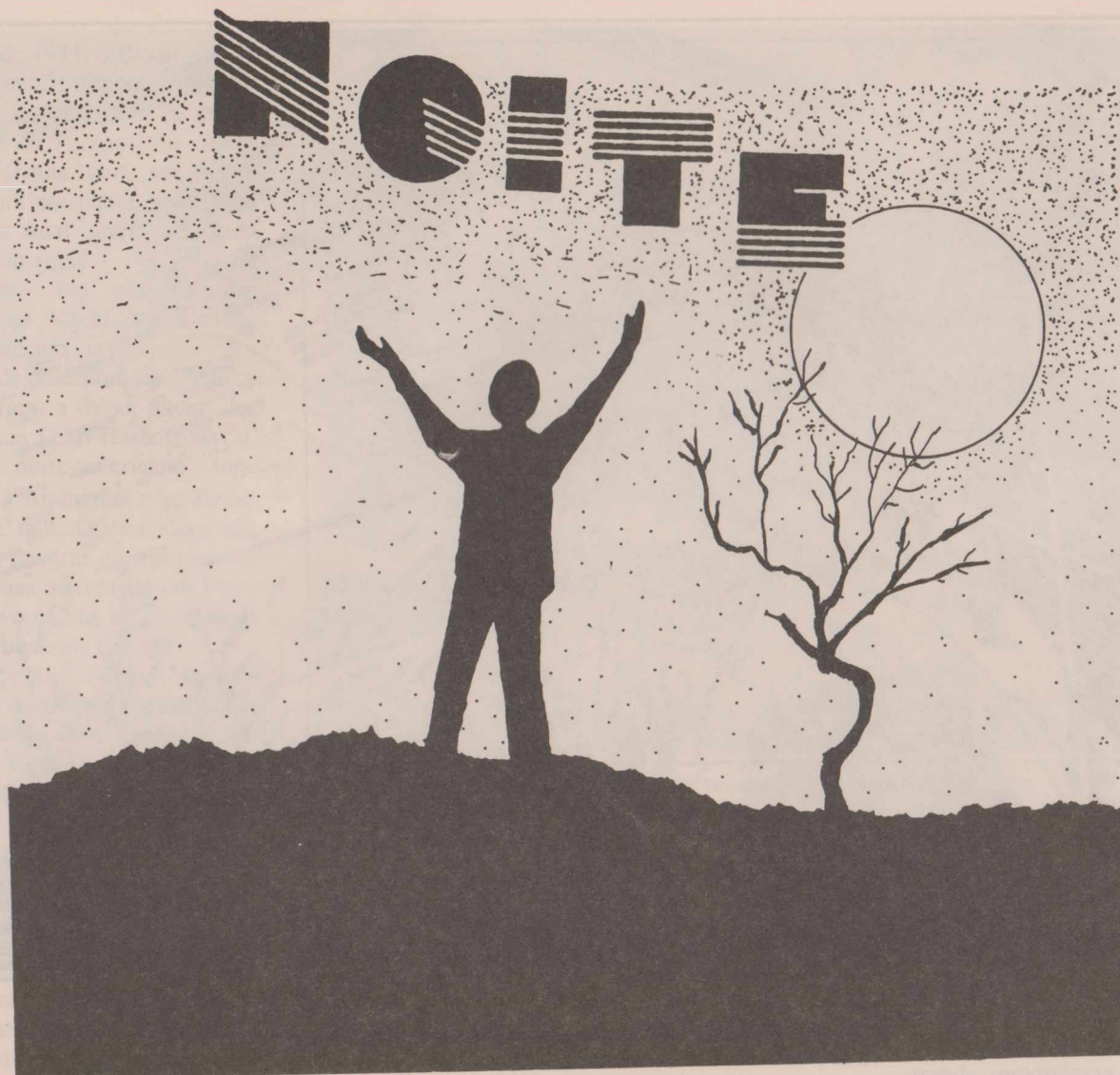
*P.: Por um dado momento, você sentiu a responsabilidade maior de alavancar outro movimento, pós-tropicália ou liderar um outro movimento que viesse a posterizar, o Tropicalismo?*

*R.: Isso não aconteceu. Não aconteceu, no caso da vanguarda paulista. Não é um movimento. Eram pessoas diferentes, se tentou, eu mesmo tentei que isso tivesse um aspecto de movimento. Foi uma coisa artificial, que não deu certo, criar essa idéia, que era movimento. Porque não tinha a minha preocupação, era uma preocupação que tinha muito haver com o pensamento de Augusto de*

*Campos em algum aspecto. Na parte literária era bem diferente. Eu estava muito mais preocupado com uma outra coisa do que Augusto se preocupou, por exemplo. Itamar Assumpção é completamente diferente de mim. "o Rumo", "O Premé", entendeu, era negócio diferente. O que aconteceu era coisa nova e diferente..... Não existia nenhuma intenção programática.*

*P.: Natal, é a 3ª vez que você vem. Como cidade ela exerce alguma coisa além do aspecto, da possibilidade comercial, contratual? Poeticamente ela significa alguma coisa para Arrigo Barnabé?*

*R.: Eu não sei. A primeira vez que eu vim aqui, foi em 1983. Eu estava começando o romance com a Denise e a gente combinou. Ela veio para cá se encontrar comigo. Ficou uma aura de romance. Nada além disso, fiquei muito pouco tempo aqui.*



A noite é um exercício  
De nascer.

Os vidros  
E o jasmim do quarto  
O espelho  
Úmido das conversas  
Entre o rosto e o rosto

O corpo legislado para si  
Rege re-  
Banhos da memória  
O nome entra pela janela  
--- Prima vegetal do tempo

Recém-lido ofega  
Um livro de poemas  
(A beleza suspende  
O saber do mundo)  
Por longe a tavernagem  
Arrota seus vazios...  
O poeta, inofensiva roupa de criança,  
Não serve às sempre  
Perdidas guerras.  
A noite é um exercício.



Campo de aviação da NAF (Instalações da Aviação Naval) Natal, Brasil.  
12 de Janeiro de 1943.

# Os Americanos em Natal durante a II Guerra Mundial

Clyde Smith Junior

**C**om o início da Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939, os Estados Unidos tentaram manter uma posição de neutralidade. Em realidade, os Estados Unidos sabiam que a guerra não só se limitaria a Europa e que um dia o conflito atingiria o continente americano.

Para evitar um futuro ataque, os Estados Unidos começaram a preparar um sistema de defesa. Para esta finalidade, os militares preparavam uma lista das áreas mais vulneráveis a um

ataque do Eixo. Uma das áreas consideradas críticas para a defesa das Américas foi a de Natal. Sua posição geográfica, apenas 1.600 milhas ou dez horas de voo para Dacar na África, levou muitos militares a pensar sobre um ataque iminente. Para os Estados Unidos, um plano de defesa tinha que ser realizado logo.

Sendo que ambos, os Estados Unidos e o Brasil estavam neutros nesta época, a defesa para o continente

americano tinha que ser de uma maneira não ofensiva ao Fixo que podia interpretar como uma preparação para entrar na guerra. Para conseguir este objetivo, o governo norte-americano criou o Programa de Desenvolvimento de Aeroportos. A construção de aeroportos no nordeste do Brasil e especialmente em Natal foi de responsabilidade da Pan American e suas subsidiárias. A Pan American já tinha feito um acordo com o governo dos Estados Unidos. O Brasil também concordou em receber funcionários da Pan American.

Por volta de 1941, o Brasil passou um decreto-lei que oficialmente, aprovou o melhoramento do aeroporto de Natal chamado Campo de Parnamirim. Além deste ato, a Marinha norte-americana também conseguiu permissão para uma base em Natal na atual rampa (chamada Base Neighbor em inglês). Por volta de outubro do mesmo ano, um escritório para o Observador Naval dos Estados Unidos foi estabelecido.

No dia 7 de dezembro de 1941, os japoneses atacaram a base naval dos Estados Unidos em Pearl Harbor, Havaí, e o governo norte-americano logo declarou guerra à Alemanha e ao Japão. Depois deste dia, os Estados Unidos não mais precisavam mostrar uma posição de neutralidade e suas atividades em Natal tinham o objetivo agora de levar suas tropas para o combate na Europa.

Natal ficou numa posição importante e o número de americanos nas duas bases ficou entre 3.000 e 5.000 durante os anos da guerra. Este número não está contando as milhares de tropas que passaram por Natal indo para Europa ou à Ásia. Em alguns dias, Natal tinha o aeroporto mais movimentado do mundo com aviões aterrissando e decolando de três em três minutos.

O Brasil também fez sua contribuição para a defesa de Natal. O Exército, a Marinha e a Aeronáutica todos tinham um grande número de tropas nesta cidade. Uma lista de nomes mostra como Natal foi considerada crítica para a defesa da nação - nomes como Almirante Ary Parreiras, General Gustavo Cordeiro de Farias, General Zacarias de Assunção, Coronel Nilo Horácio de Oliveira Sucupira, etc. No lado norte-americano, nomes como Almirante Jonas Ingram, General Robert



Colocando carga num avião no Campo de Parnamirim, Natal, Brasil. Maio de 1943.

Campo de Parnamirim, Natal, Brasil.



L. Walsh. Além destes nomes, também pode colocar os do Presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt e o Presidente do Brasil Getúlio Vargas. O encontro entre estes dois em Natal no dia 28 de janeiro de 1943 foi um evento de grande importância - o Brasil mandou tropas para a Itália em 1944.

Com o fim da guerra em 1945, as coisas mudaram no Brasil. Natal ficou, pouco a pouco, esquecida. Recife tomou o lugar de Natal em importância no Nordeste. O povo de Natal voltou para uma vida modificada pela guerra. A cidade nunca seria como foi antes da guerra.

Hoje, menos de 50 anos depois, poucas coisas restam do Natal daquela época. Parece quase um sonho. Para a nova geração, é difícil imaginar a cidade com milhares de tropas norte-americanas. Os prédios da Ribeira, hoje quase em ruínas, não indicam o grande movimento dos anos da guerra. Mas talvez fique na memória os dias quando os dois grandes países das Américas se juntaram para trabalhar por uma paz mundial a fim de que nunca mais o mundo entrasse num conflito que deixaria milhões de pessoas mortas ou feridas. Por tudo isto, Natal teve um papel decisivo.

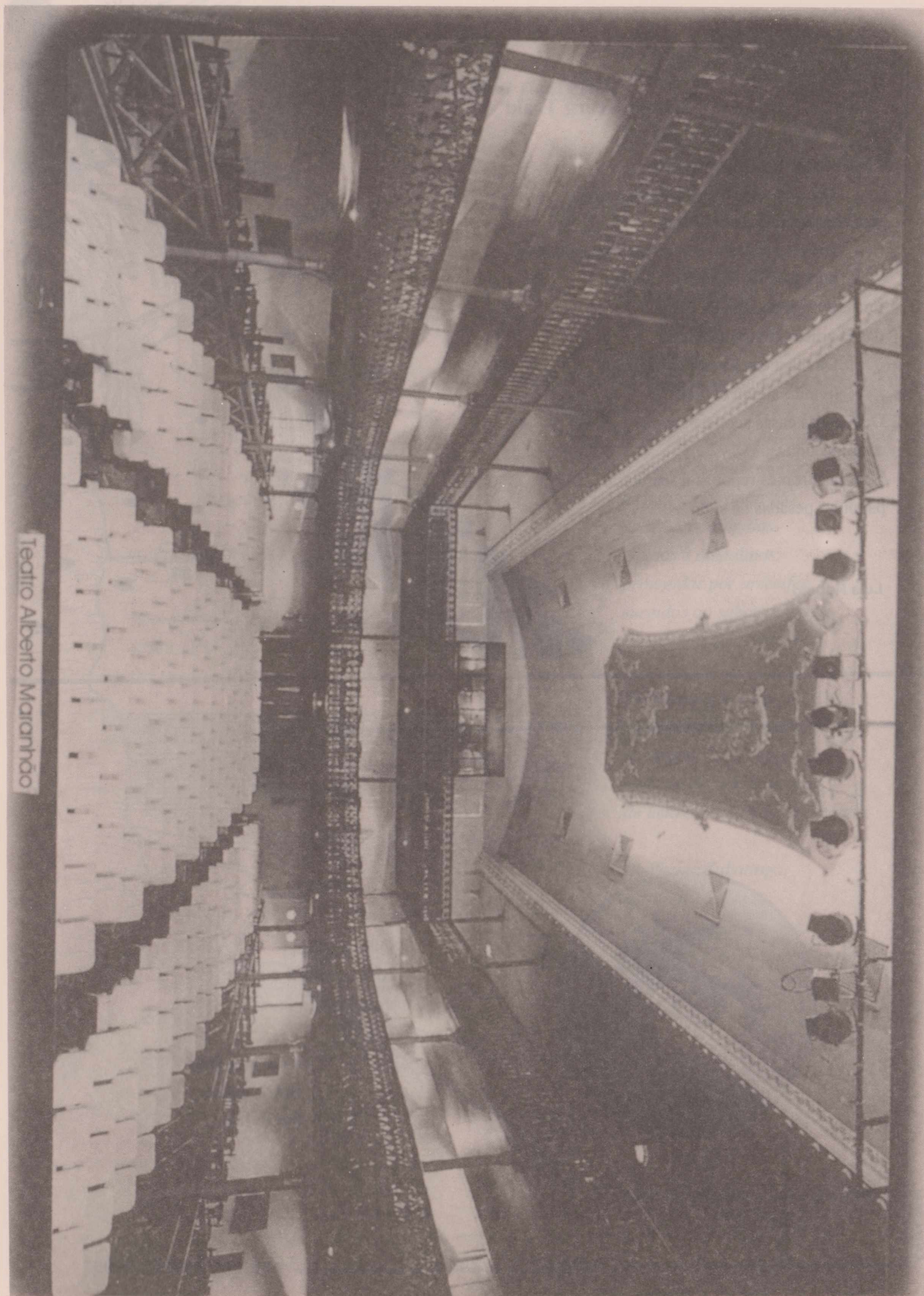
**AUTOR:** Clyde Smith Junior - Ph.D.  
Professor Adjunto IV  
Departamento de História  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

**Autor do livro:** Trampolim para a Vitória: os americanos em Natal-RN/Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Natal: UFRN/Ed. Universitária, 1993.

# SINCRONIA

descontinuidade ruptura  
 percurso épico e a trajetória com guerras escaramuças  
 entretnias convergências entretnias enrêdos  
 interesses limiars ambiciosos  
 engenhos sombrosas casas grandes  
 banzo com choro martírio  
 senzalas imundas inumanas  
 tinindo ferros açoites fluindo sangue  
 pelas pupilas aristocratas  
 entre doces e compotas  
 tabas freguesias datas de terras  
 espichando colonização inexorável inaudita  
 potengi potiguar luso afrofrancolandês  
 manguesais guaxinis monumentos bélico  
 reforma contra reforma calvimathias  
 suplício uruaçu carnificina cunhaú  
 canaviais estouceirados  
 tabuleiros agrestes litorâneos monopolizados  
 rupestres fazendas seridó extrapolando signos  
 múltiplas e arrojadas formas de ferros de ribeiras  
 naus em desenhos medievais  
 singrando mares ares  
 mesmo antes naus francesas não eluciadas  
 ahistoriadas expelindo tuberculosas  
 náufraga do iôdo marinho próprio  
 de uma mistura talássica curadora misteriosa  
 os maçaricos os socós a testemunhar o nada  
 arbustos dunas branquíssimas  
 exalando maresias parindo casas de taipas  
 primeiras fixadas imemorável iconografia

Dácio Galvão

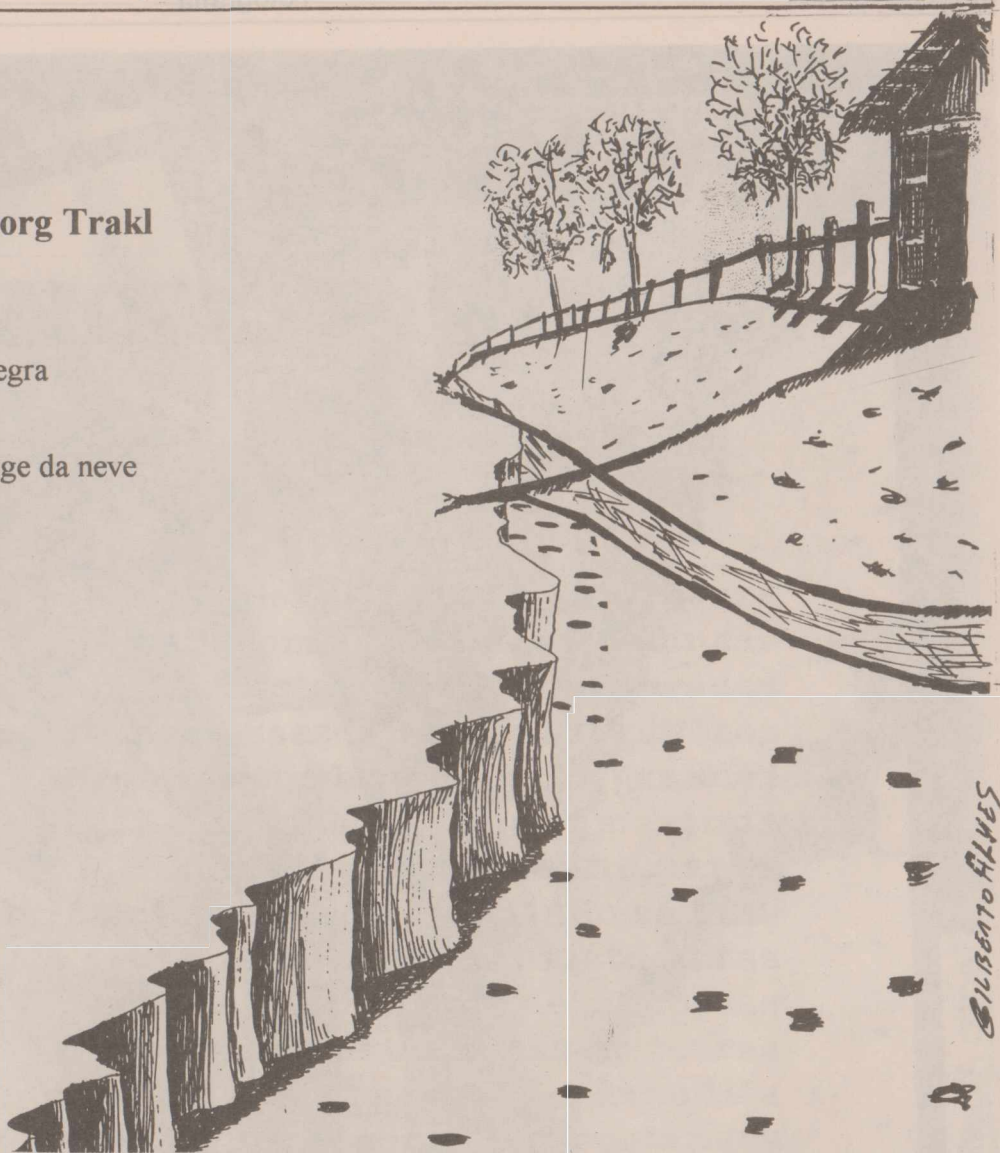


Teatros Alberto Maranhão

**Lendo Georg Trakl**

Caem na terra gotas de orvalho  
 Por isso a terra está bêbada e negra  
 nos bosques que a escurecem.  
 Breves aldeias mal apontam longe da neve  
 numa marca de silêncio branco.  
 um sopro calmo vem de longe  
 das charneças feitas de lendas.  
 Da relva esquia não se esgueira  
 frêmito algum de vida.  
 Dentro das casas aconchegam-se  
 criaturas de Deus.  
 Nas suas fronte repousam secretas  
 papoulas pesadas de sono.

**Luis Rabelo**



GILBERTO ALVES



**REGRA**

Olho a vida  
 com os olhos  
 dos simples

e me arregaço  
 com o sabor  
 dos ávidos

Falves Silva

**AFRÂNIO PIRES LEMOS**

## TABATINGA, jóia potiguar



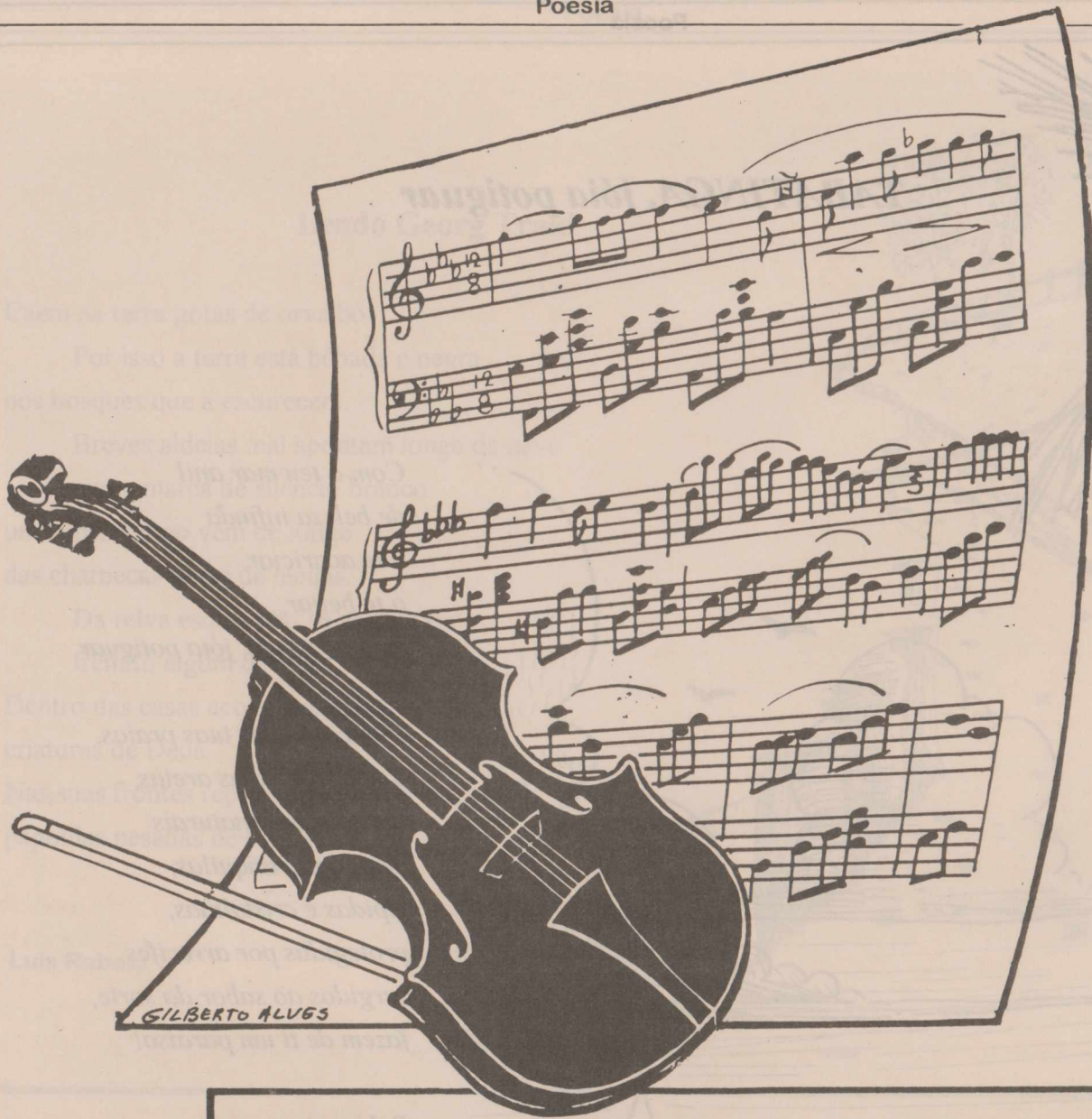
Com o teu mar anil  
de beleza infinda  
a te acariciar,  
a te beijar,  
és, Tabatinga, jóia potiguar.

O encanto das tuas praias,  
a alvura de tuas areias,  
tuas piscinas naturais  
de águas tranquilas,  
tépidas e cristalinas,  
protegidas por arrecifes  
surgidos ao sabor da sorte,  
fazem de ti um paraíso!

Belas casas amplas  
de coqueirais cercadas,  
te elegem, Tabatinga,  
símbolo de vida e alegria  
de uma comunidade abençoada.

Benfazeja Tabatinga,  
magia da natureza,  
cantinho aconchegante,  
que anseja nas noites  
de luar deslumbrante  
ao poeta te cantar!

Maria Sophia Bezerra Vanmutetti  
BRASÍLIA



## CANÇÃO SEM TRÊGUA

Franco Maria Jasiello

Ao Poeta Augusto Severo Neto. Ausência  
Para Lúcia. Presença

*Espaço de Madri luz da Calle de Alcalá noite da Gran Via  
Jerez claro longo afeto nos dedos certos de Lúcia  
Vindima solar íntimo outono de Augusto Severo Neto  
Lábios de Natal sal de Pirangí na Plaza Mayor incólumes signos  
Braços ao redor da vida idade ironia sorrisos resgatados  
Manhã sem confins indecifrável indício de sinos limite da tarde  
Alegria musical instituída em largos labirintos de endereços.*

*Espaço de Madri luz da Calle de Alcalá noite de Gran Via  
Aroma jovem sabor de vinho sangue tinta de calamares  
Lúcia Augusto sábios guias ao poço flamenco das guitarras  
Baladillas Saetas Peteneras Soleares nos vãos de "La Carcelera"  
Liturgia do abraço voz cordas intatas de América e de Espanha  
Ternura laço mútuo de breve exílio em território repartido  
Afirmação teimosa caminhos subtraídos ao tempo pela vida.*

*Espaço sem Augusto sem Calle de Alcalá sem noite de Gran Via  
Atalhos poderão levar-nos aos touros morrendo no domingo  
Cantares urdirão horas taconeando noturna indiferença  
Ausência insistente ferro austero de solidão sem trêgua  
Esquinas e curvas serão suaves apenas por palavras de Castilha  
Itinerários exatos devolverão justas topografias inúteis  
Percurso de passos na cidade transparente nunca mais Madri.*

# O PROFETA CONSELHEIRO E O CENTENÁRIO DE CANUDOS

\*Gutemberg Costa

**E**m 1993, ano passado, o Brasil comemorou o Centenário de Fundação do Arraial do Belo Monte (Canudos), sertão da Bahia e fundada pelo grande líder,

peregrino das Caatingas. Profeta! Assim, o chamo no meu livro, "Profetas do Nordeste". Santo! Para as populações por onde pregou o cearense de Quixeramobim, Antônio Vicente Mendes Maciel (1830 - 1897). Antônio conselheiro foi um líder popular e místico que incomodou o seu tempo. Os poderosos, a Igreja centralizadora e romanizada pelos primeiros missionários franciscanos que aqui passaram. Durante o centenário ocorreram manifestações culturais e seminários em quase todo o Brasil. A Bahia, o Ceará - Sergipe - Rio de Janeiro, São Paulo e entre os Estados o Rio Grande do Norte com um Seminário em Natal. Palestras em Mossoró e Macau, além de exposições de documentos e artes plásticas. A terra de Antônio Conselheiro comemorou o Centenário de Canudos com a 1ª Semana Comunitária na Federação das Associações Comunitárias de Quixeramobim. Do ano passado para cá já foram lançados diversos livros sobre o assunto, como: "Antônio Conselheiro e Centenário de Canudos" do escritor Fernando Câmara - ESAM - Mossoró - 1993, Canudos: "O Assassinato da Liberdade", de Ruy Bruno Bacelar de Oliveira - Editora Engeo Ltda, Vitória da Conquista - Bahia, 1992 - "Canudos - Messianismo e Conflito Social", do escritor João Arruda, Edições UFC/SECULT, Fortaleza, 1993, "Canudos em Cordel", de José Guilherme e "A Guerra de Canudos em Quadrinhos", de Parlim, e "Profetas do Nordeste" de minha autoria, que foi lançado em três lugares em Salvador - Bahia, em setembro passado.

Além de vários livros, tivemos o lançamento do último vídeo "Paixão e Guerra no Sertão de Canudos" de autoria do amigo Antônio Olavo - pesquisador, fotógrafo e cineasta. Só que o vídeo citado, quem tem o privilégio de assisti-lo sai maravilhado com a história real dos acontecimentos. Sobre a vida de Antônio Conselheiro e a cruel e trágica página negra (guerra) de nossa história republicana. "Paixão e Guerra no Sertão de Canudos", é um vídeo-documentário que busca resgatar a história de uma das mais importantes guerrilhas populares no sertão nordestino. O cineasta Antônio Olavo, passou mais de 3 anos nas pegadas do Conselheiro. Percorreu 180 cidades e povoados entre os Estados de Pernambuco, Sergipe, Ceará e Bahia. O citado documentário foi lançado em première mundial no Latin American Festival da Carolina do Norte (EUA), em novembro do ano passado

(1993). A direção e roteiro é do próprio Antônio Olavo. Fotografia e câmara Dom André Benigno. Técnico de som, João do Valle, produções executiva, Ricardo Gaspar e Selma Santos, Assistente de Produção Salomão Soares, direção musical, Fábio Paes. A montagem ficou a cargo de Paulo Pestana e a bela narração ficou com o grande ator José Wilker. Duração de 78 minutos, com vários e sérios depoimentos, entre eles dos historiadores José Calazans e Sérgio Guerra. Do Padre Enoque e vários descendentes dos antigos Conselheiros. Em Canudos, houve o que disse o escritor César Zama: "o requinte da perversidade humana". Degolados homens, mulheres e crianças em meio ao grande e imperdoável silêncio da intelectualidade brasileira e da Igreja. A carnificina foi praticada em nome da República, que acusava os seguidores de Antônio Conselheiro de "monarquistas". Este ano foi celebrada a "XI Celebração Popular pelos Mártires de Canudos" em 7 de outubro no Clube Recreativo de Euclides da Cunha - cidade próxima a Canudos. A história registrará o Centenário da bela cidade comunitária de Belo Monte, conhecida mundialmente como a "Canudos" de Antônio Conselheiro, o profeta que pregava a paz, a liberdade e como disse certa vez o historiador Gustavo Barroso. O Antônio Conselheiro era um "verdadeiro Ghandi Sertanejo". Não ficamos calados durante o Centenário. Canudos não se rendeu como afirma Euclides da Cunha.

## CONSULTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OS SERTÕES - Euclides da Cunha.  
 PROFETAS DO NORDESTE - Gutemberg Costa.  
 CANUDOS - O Assassinato da liberdade. Rui Bruno Bacelar de Oliveira.  
 ANTÔNIO CONSELHEIRO E O CENTENÁRIO DE CANUDOS - Fernando Câmara.  
 CANUDOS - Subsídios para à sua reavaliação histórica. José Augusto, Magaly de Barros, Maria Lúcia, Vanda Maria.  
 QUASE BIOGRAFIAS DE JAGUNÇOS - O Séquito de Antônio Conselheiro. José Calazans.  
 PESQUISA DE CAMPO EM CANUDOS - 1993 - Salvador, 1993 - 1994.  
 ENTREVISTAS E FOTOGRAFIAS DE GUTEMBERG COSTA, com vários pessoas ligadas ao assunto. (arquivo)

\* Pesquisador, escritor, da Comissão Estadual do Folclore (RN) e correspondente do Movimento Popular e Histórico de Canudos-BA.



# Cinema no Interior

Anchieta Fernandes

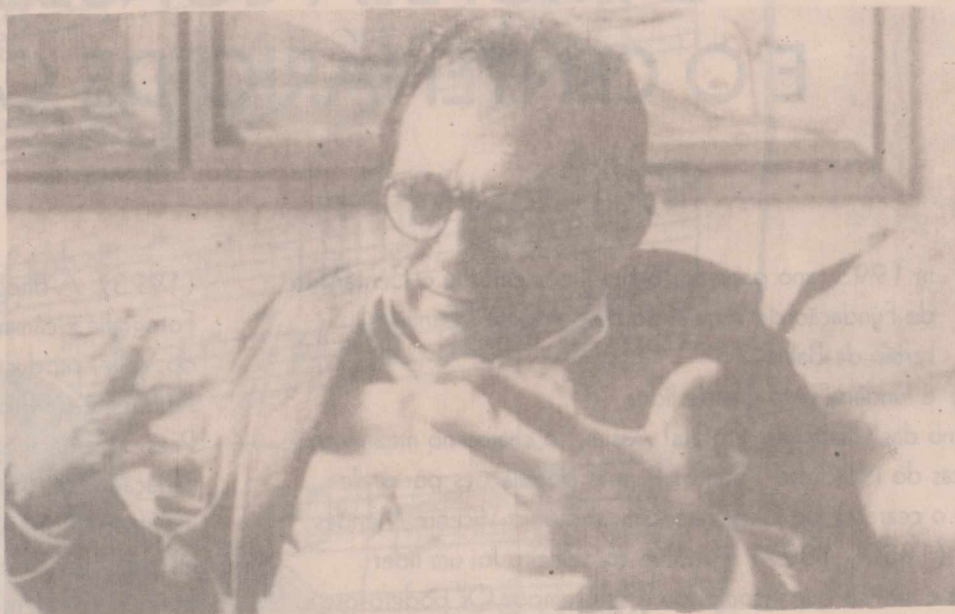
**E**m meu livro "Écran Natalense Capítulos da história do cinema em Natal", eu começo assim o capítulo 11 ("Filmes feitos no RN"): "A contribuição do Rio Grande do Norte ao cinema nacional, em termos de produção, começa com um filho de Canguaretama: Gentil Roiz. Foi este norte-riograndense que, em meados da década de 20, fundou em Recife, juntamente com Edson Chagas, a produtora Aurora Films, responsável por uma série de filmes onde se valorizou os elementos da cultura regional nordestina. Em 1924, com uma câmara inglesa de objetiva 6.3, comprada a prestações, a Aurora estreou com o filme "Retribuição", roteiro e direção de Roiz(...)".

Em homenagem aos 70 anos do 1º filme da Aurora, realização de um homem do interior do nosso Estado, e que estaria então, segundo Alex Viany, iniciando "o primeiro surto de profissionalismo cinematográfico no Brasil", falemos um pouco da presença do cinema no interior do Rio Grande do Norte.

É bom registrar desde logo, que, a exemplo da cidadezinha do filme "Cinema Paradiso", muitas cidades do interior tiveram seus cineminhas (alguns, mais de uma casa exibidora). Mas antes tinha os exibidores itinerantes, que iam de cidade em cidade mostrando aqueles maravilhosos filmes preto-e-branco dos primeiros anos do século XX. No ano de 1910, por exemplo, sabemos que um destes exibidores itinerantes passou pela festa de Santana em Caicó, exibindo no prédio da Prefeitura Municipal a primeira sessão de cinema da cidade.

Parece que os exibidores gostavam de mostrar a novidade cinematográfica nas festas de padroeiro. No mesmo ano de 1910, João Galvão escreveu de Mossoró ao chefe político e fazendeiro Cel. Rozendo Gurgel, de Caraúbas, pedindo condução para transportar máquina de projeção cinematográfica, tentando fazer a primeira mostragem de cinema na minha querida cidade natal, por ocasião da festa do padroeiro, São Sebastião, em janeiro. A coisa não deu certo, possivelmente porque Caraúbas não tinha energia elétrica na época.

Em 1928, Ismael Siqueira Varela inaugurou a luz elétrica em Caraúbas, inaugurando também as primeiras sessões de cinema na cidade, tendo seu filho Lucas Siqueira como o operador. Os filmes eram mostrados no prédio do Teatro São Sebastião, que



Cineasta William Cobbett, nascido em Assu

havia sido mandado construir por José Cromácio de Brito, e onde apresentava espetáculos uma sociedade dramática caraubense. Anos depois, na década 60, precisamente a 17 de julho de 1963, foi inaugurado o primeiro cinema de Caraúbas, o Cine Fátima, de propriedade de Manoel Romão Batista. Atualmente, sem o Cine Fátima, uma vez por mês é mostrado um filme na Casa da Comunidade.

As décadas 20,30 e 40 testemunharam a multiplicação de cinema em cidades do RN. Em 1923, quando Lajes foi elevada à categoria de Cidade, passou a ter um cinema, de propriedade do poeta e jornalista Luís Patriota. A 27 de dezembro de 1936, o Coronel Celso Dantas inaugurado em maio de 1966, à rua Cel. Martiniano, Caicó contava já com três cinemas: o São Francisco, o Alvorada e o Pax.

Sobre o São Francisco, escreveu Ailton Medeiros: "Inaugurado no início dos anos 60, o São Francisco foi considerado numa determinada época o cinema 'da elite caicoense'. No filme inaugural só teve acesso à sua pequena, mas confortável sala, aqueles que portassem um dos 450 convites expedidos pelo proprietário da casa, Severino Modesto. A direção do cinema, no convite, fazia uma exigência: traje a rigor e sapato Fox" (v. "O Poti", 06/04/1986).

O cinema Pax foi homenageado por um seridoense de fama nacional, Moacyr Cime, como título de um dos seus livros, publicado em 1983. Quanto ao Cinema Rio Branco, em determinada época foi considerado o maior cinema

do Estado, pois comportava um público de 1.335 pessoas. Hoje, o prédio do Rio Branco é um supermercado.

Mossoró foi outra cidade que teve bastante cinemas. E muito cedo, aliás, quase na infância da 7ª Arte: em 1908, Francisco Ricarte de Freitas inaugurava seu Cine-Teatro Dr. Almeida Castro, na chamada Capital do Oeste. Quando começavam a espocar foguetões na praça do Almeida Castro era sinal de que a fita havia chegado de Aracati; à noite haveria sessão de cinema, lembrou Lauro da Escóssia no livro "Memórias de um Jornalista de Província". O Cine Almeida Castro foi o que primeiro exibiu cinema falado em Mossoró, o que ocorreu a 22 de novembro de 1933, apresentando a película "Ama-me Esta Noite", com Maurice Chevalier e Jeanette McDonald.

Um ano antes desta primeira mostra de cinema falado em Mossoró, havia sido inaugurado na cidade o Cine Glória, cujos proprietários, Bonifácio Costa e Cornélio Mendes, deixaram existir "uma segunda classe, ao relento, por trás de sua tela. O leiteiro aparecia pelo avesso pelo que os espectadores (e eram muitos), resolveram contratar o professor Lídio Freire da Rocha, que se encarregava de fazer a leitura das legendas em voz alta. Por conta disto o locutor recebia alguns cobres tomados da platéia".

Depois do Glória, foi a vez do Cine-Teatro Pax, de propriedade da empresa Cine-Teatro Mossoró S/A (Jorge de Albuquerque Pinto), localizado à Praça Rodolfo Fernandes, e

inaugurado a 23 de janeiro de 1943 com o filme "A Formosa Bandida". O Pax continha 1.200 cadeiras. A 28 de maio de 1955, mais um cinema inaugurado em Mossoró: o Caiçara, dispondo de equipamento de proteção dupla, marca Philips. Depois, no final dos anos 60, foi inaugurado o Cine Cid (de um grupo liderado pelo político e empresário Dix-Huit Rosado).

Nos anos 70/80, desenvolveu-se em Mossoró pelo menos duas iniciativas interessantes: a exibição do Cinema de Arte no Cine Caiçara; e a implantação, pela Fundação Ozelita Cascudo Rodrigues, do Projeto A Escola Vai ao Cinema, onde se exibiam filmes brasileiros destinados aos estudantes de 1ª e 2ª graus. Também tem sido organizados cineclubes em Mossoró: o Glauber Rocha, o Florarte (da Escola Superior de Agricultura de Mossoró - ESAM).

Assu teve também a presença de cinemas. Em seu livro "Assu da Minha Meninice", Francisco Amorim relembra: "A primeira projeção cinematográfica a que assisti foi pelos idos de 1911. O cinema funcionava em um pequeno armazém localizado à rua do Córrego, hoje denominada Marinheiro Aureliano. (...) Não muito tempo depois apareceu outro cinema que fez as suas exibições no sobrado de Sebastião, à praça Pedro Velho. (...)

Lembro-me, também, de um outro cinema que fez uma temporada na cidade. Veio, creio, das bandas de Caicó. O seu dono era Belizio Ferrer e localizou-se no prédio da rua São João. "Na década 40, foi inaugurado o Cine-Teatro Dr. Pedro Amorim (o operador da máquina era Pedro Medeiros), que se tomava presença no noticiário no início dos anos 90, por se ter apresentado em seu palco (precisamente nos dias 03 e 04 de dezembro de 1990) uma peça de teatro de sexo explícito, "A Tara de uma Médica".

Outros cinemas a serem registrados: Benvenuto Pereira inaugurou um em Currais Novos, a 26 de outubro de 1941 (durante a década 80 começou a se afirmar o Cinespacial, com mostra de vídeos). Macaíba teve o seu Cine-Teatro Independência (a idéia de instalar um cinema em cidade de Auta de Souza foi de João Casé, quando também instalou a luz elétrica na cidade), e depois o Cine Cometa e o Cine Paroquial. Também desde os anos 40 tiveram cinemas: Apodi (Cine Odeon), Areia Branca (teve primeiro o Cine São Raimundo, localizado à Praça Luiz Batista da Costa, e cujo proprietário era Raimundo Custódio; depois o Cine Miramar, também conhecido como Cine-Teatro Coronel Fausto, por ser localizado à rua Coronel Fausto, homenagem a um dos prefeitos de Areia Branca, Luis Fausto de Souza, que era sogro do gerente do Miramar, Artur Paula; e o proprietário do cinema

era Francisco Souto Sobrinho), e mais: Canguaretama, Taipu, Acari, Jucurutu (o grande incentivador do cinema na cidade foi seu Zito - João Eusébio Filho -, primeiro mostrando filmes no Clube das Mães, à rua Vicente La Cava, e depois inaugurando o Cine São Miguel, que funcionou em 1962 e 1963, tendo como operador Apolônio Tavares de Medeiros, e passando inesquecíveis seriados como "O Homem de Aço", que fez a alegria adolescente de minha cunhada Geraldina), Martins (o prédio hoje é sede de um banco), Ceará-Mirim (Cine-Teatro Ritz), Santa Cruz (Cine Santa Rita), Jardim do Seridó (Cine São Pedro).

Macaú teve os seguintes cinemas: São Luiz, cujo proprietário era José Oliveira, em sociedade com o Dr. Luiz Evangelista; Cine-Teatro Éden, cujo proprietário era Joaquim Marcelino do Vale; Cine Moderno, cujo proprietário era Joaquim Vieira de Paiva; e o Cine Dois Irmãos cujos proprietários eram os irmãos José e Pedro Araújo.

Na década de 70, Alto do Rodrigues veio a ter cinema. Nova Cruz veio a ter cinema nos anos 50, quase com o mesmo nome de um dos cinemas de Macaú: Cinema Éden, cujo proprietário era Paulo Silva Bezerra e o operador era Ernesto Daniel.

São José de Campestre também teve cinema. Um filho da cidade, Osório Almeida, crítico de cinema, se lembra do primeiro filme em cinemascopo mostrado em São José de Campestre, no Cine Paroquial: "O Céu por Testemunha", com Burt Lancaster e Deborah Kerr (final dos anos 50).

Em São José de Mipibu, segundo informações fornecidas por Afrânio Lemos, conhece-se uma bela História da presença cinematográfica na cidade. Começada em 1933, quando João Gomes, conhecido por Joca, comprou um projetor cinematográfico, adaptando-o sobre um capuz de um carro. "Em locais previamente escolhidos e divulgados, Joca chegava com seu carro, seu projetor e pendurando em algum ponto, um alto-falante, projetava em paredes lisas ou tela de pano os primeiros filmes que o povo mipibuense viu. Joca trabalhava na cidade e, a pedidos, visitava Monte Alegre, Nísia Floresta, Goianinha, Vera Cruz e outras cidades, que contactava antes, desenvolvendo um serviço pioneiro em toda a região".

E Afrânio Pires Lemos continua. Historiano o cinema mipibuense: "Um dia tudo se acabou. Foi quando, no Centro Artístico Operário um outro mipibuense instalou um cinema, conhecido como o 'Cinema de Décio', por ser este o nome do proprietário. Corria o ano de 1941 e Décio não contava com capital suficiente para um cenário à altura de seu ideal. Tampouco o serviço de luz e força da cidade, tinha potência suficiente para fazer funcionar

o mecanismo, transformado num vexame as primeiras projeções.

Às pressas instalaram no quintal, motor que, gerando energia própria, pôde levar à tela a história de 'Rebeca', forçando a sessão a prolongar-se até as duas horas da madrugada. Ganhou o nome de 'Cine São José' e contribuiu com momentos inesquecíveis para o deleite popular. Três anos depois fechou. Reabriu, meses mais tarde, em prédio próprio, fazendo do 'Cine São José' o marco histórico, no setor, na cidade. Até porque outras tentativas foram feitas, nenhuma com substância e todas fadadas ao fracasso".

Através do seu Circuito Popular de Cinema, o Cine-Clube Tirol, de Natal, desenvolveu um trabalho de divulgação cinematográfica no interior, em 1991, mostrando filmes em Janduís (com a colaboração do Cine-Clube de Janduís) e Augusto Severo (com a colaboração do Núcleo Cineclubístico de Augusto Severo).

O interior do Estado, além de ter divulgado a 7ª Arte nos muitos cinemas que existiram, também foi motivo de enfoque de câmeras cinematográficas. Em 1924, com o título "Cine-Jornal do Rio Grande do Norte", sob a orientação do jornalista Anfíloquio Câmara, nascia em ritmo documentário a produção cinematográfica do Rio Grande do norte. Dividido em 13 partes diferentes, o filme incluía Ceará-Mirim, Muriú e a cultura da cana de açúcar, as salinas de Macaú, Mossoró e Grossos, e também Macaíba.

Em 1947, o cinegrafista Isaac Rosenberg filmou os serviços da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte. Em setembro de 1954 esteve no Rio Grande do Norte outro cinegrafista, Cláudio Carvalho, da Meldy Films, do Rio de Janeiro, que filmou o II Congresso Nacional do Algodão, realizado em Currais Novos e Cruzeta, e as festas comemorativas das Bodas de Ouro do Desembarcador Tomás Salustino, em Currais Novos.

Em 1973, o cineasta William Cobbett realizou nos municípios de Patu e Assu o filme "Jesuino Brilhante". Em 1978, o cineasta Augusto Ribeiro Júnior realizou em Natal e Caicó o filme "Boi de Prata". No começo dos anos 80, a Diocese de Mossoró mandou realizar um documentário fílmico sobre os problemas de migrações no Vale do Assu e parte das Vilas Rurais na Serra do Mel.

---

\* Anchieta Fernandes  
é escritor e crítico de artes

---

# MENINO de RUA

(ou: Balada da Infância Clandestina)  
Ronaldo Cagiano (\*)

As ruas, vielas e praças do meu País  
expõem a vergonha nacional.  
chaga aberta, ardente rescaldo da miséria humana:  
são os meninos de rua, as meninas das esquinas,  
é a pátria de infantes desgarrada, envilecida, fatalizada  
como fósseis do futuro inatingível.  
Contemplo com angústia o rigor e o lodaçal  
dessa história sem fim,  
impune condição, sem solução e sem sorte,  
que medra pelas plagas desse torrão brasilis.  
Vejo, isto sim, um saara social,  
uma hiroshima urbana,  
vejo um vietnã nos morros, uma sarajevo nas periferias.  
E mais do que a miséria que envergonha  
é a carne ardendo de explícitas dores quotidianas.  
Nossos olhos, já tão povoados de carnificinas,  
nossas cabeças, já tão perplexas de escândalos,  
ainda se entorpecem do proselitismo insano das elites  
e o poder miasmático, ostentando inescrupulosos  
planos que destilam a esmo.  
Mas esse Brasil continua vivo, embora perdido  
nas sarjetas, metido no caos, espremido na verdade  
crua dos obituários,  
entupido nos bueiros imundos dos sonhos malogrados.  
Há uma overdose de descaramento  
e escárnio nos palácios de Brasília.  
Brasília, ilhabrasil deste país agonizante,  
nação famélica, de sobrevida aviltada  
com sua cidadania de arremedo e prosperidade desativada.  
Onde abandonaram as fantásticas promessas  
e onde jazem os refrões empoeirados  
do "País do Futuro" e do "gigante adormecido",  
se o que vemos nessa infância sem rumo  
é uma legião desassistida engrossando  
estatísticas de sal e fel?  
Oh, crianças de um país de antagonismo...  
Da Candelária à Praça da Sé,  
De Vigário Geral ao Carandirú,  
Do Nordeste árido aos calçadões,  
de todos as latitudes e todos os meandros,  
esses filhos do "talvez" e do "quem sabe?"  
mendigam o pão, imploram o teto, gritam socorro  
e são tão inaudíveis e tão agredidos  
quanto os desterrados da Bósnia  
ou os alijados da Etiópia.  
São meninos e meninas  
de um Brasil que clama, insone e sem culpa,  
pelo prato, pela cama, pela casa, pelo salário.  
Morremos com eles a cada dia,  
numa liturgia desagradável  
porque suas vidas desafiam nosso comodismo  
e denunciam o pouco-caso que viceja  
pelos quatro cantos.  
Por isso Betinhos e Morellis,  
nessa sanha de grão e mãos unidas,  
ajudam-nos a espantar o fantasma  
e a agrura ancestral de todo um povo.  
Sai da rua, Brasil!

(\*) Mineiro de Cataguases, reside em Brasília há 14 anos. Publicou três livros: Palavra Engajada, Colheita Amarga & Outras Angústias e Exílio. Tem participado de várias antologias e obteve prêmios em vários certames literários. Colabora em diversos jornais e revistas.

# O Galo conta

## LAS CASAS

O mais recente trabalho do professor Itamar de Souza, Bartolomeu de Las Casas. Um contestador da Colonização Espanhola na América, foi muito bem recebido na Espanha, pela Ordem Predicadores Provincial de Andalúcia, sediada no Convento de Sto. Tomas de Aquino, em Sevilla.

## PROJETOS

O Programador visual da Revista O Galo Gilberto Alves realizou projetos gráficos para os livros AZUL PONTO 2, de Afrânio Pires e Jânio Varela; Auto do Guerreiro de Iaperi Araujo (Poemas sobre André de Albuquerque Maranhão) e Pequena História do Forte dos Reis Magos, de Hélio Galvão.

## CHISQUITO

O filho do poeta Francisco Amorim, engenheiro Tarcísio Amorim, convidou a editora de O Galo para coordenar a edição de livros de Chisquito - Uma Coletânea - que será publicado no próximo ano. O lançamento deverá ocorrer por ocasião do primeiro aniversário de morte do poeta assuense. O trabalho deverá ser feito em parceria com a Prefeitura Municipal do Assu, Fundação José Augusto e de Cultura e Meio Ambiente de Macaíba.

## BÁRBARO

Encontra-se na Dumbo Publicidades os originais do livro do jornalista e publicitário Everaldo Gomes Porciúncula. A edição é uma parceria com a Federação das Indústrias do Estado. Esperamos que seja lançado no mês de fevereiro de 1995 quando o grande "Bárbaro" faria aniversário de nascimento. A editora dessa revista, o escritor Celso da Silveira, o presidente da Fundação José Augusto Iaperi Araujo e os companheiros da Dumbo no maior empenho para que o trabalho seja de excelente qualidade.

## PRÊMIO

Lançado o prêmio Nacional de Poesia Auta de Souza promovido numa parceria da União Brasileira de Escritores, Fundação José Augusto e Fundação de Cultura e Meio Ambiente

de Macaíba. O autor premiado terá o trabalho publicado. As inscrições poderão ser feitas de 1º de março a 31 de maio de 1995. Os trabalhos deverão ser entregues na Prefeitura Municipal de Macaíba. Av. Governador Geraldo Melo S/N. Macaíba-RN. Informações pelo fone; (084) 271.1255.

## HORTO

Encontra-se na Gráfica Santa Maria os originais do livro da Auta de Souza, que deverá ser lançado nos primeiros meses de 1995. Será a sétima edição num trabalho integrado entre a Fundação José Augusto, Gráfica Santa Maria. A edição é da FUMAC.

## EXPOSIÇÃO

Os artistas do estado, Falves Silva, Anchieta Fernandes, Bianor Paulino, Ney Leandro de Castro, Franklin Capistrano, Luiz Rabelo e ainda Dailor Varela, Jorge Fernandes e Moacyr Cirne participaram de exposição, no Piauí, no mês de dezembro. Ao total foram 50 nomes que representaram o Rio Grande do Norte na Exposição de Poemas Visuais.

## URUASSU

Os 350 anos do mortício de Uruassu serão comemorados pela FUMAC. Contatos já estão sendo mantidos no intuito de fazer dessa data uma grande comemoração. O município de Canguaretama também se prepara para os festejos de Cunhaú. No mês de julho.

O Estado deve ficar atento, ou melhor, o País inteiro, pois caso os mártires sejam canonizados poderemos ter, bem perto de nós, os primeiros Santos brasileiros, reconhecidos pela Santa Sé.

Brasília, em 5 de outubro de 1994.

Ao Sr. Iaperi Araujo,  
Presidente da Fundação José Augusto.  
Rua Jundiá, 641  
Tirol - Natal-RN. 59.020.120.

Meu caro Presidente,  
Quero agradecer-lhe  
penhoradamente pelo envio do número especial do Galo que li com o maior prazer por causa da rigorosa seleção do material publicado, variando dos temas e a excelente apresentação gráfica de que veio revestido esse número tão especial, dedicado à apresentação de Natal e da Cultura do Rio Grande do Norte.

Conhecia O Galo como jornal poético predominantemente dirigido por umas das nossas melhores poetas femininas, cujo nome me escapa no momento; finalmente já lá se vão três anos que me afastei do Estado.

Quero felicitá-lo pela direção dinâmica e abrangente que vem impondo à Fundação que às vezes cai em mãos menos cuidadosas, para infelicidade nossa.

Sempre o apreciei, embora tivéssemos pouca oportunidade de nos conhecermos melhor, o que muito perdi e lamentei.

Expressando-lhe o meu alto apreço pela sua pessoa, aproveito o ensejo para renovar-lhe a elevada consideração em que o tenho.

Cordialmente seu,  
Nestor dos Santos Lima



A editora da Revista O Galo, jornalista Auricéia Antunes de Lima, tomou posse na presidência da Fundação de Cultura e Meio Ambiente de Macaíba. A solenidade compareceram os presidentes da Fundação José Augusto e Hélio Galvão, respectivamente, Iaperi Araujo e Dácio Galvão, poetas, escritores, jornalistas, autoridades, artistas e a comunidade macaibense.

O Conselho da FUMAC é constituído por Olímpio Maciel Filho, Everton Duarte, Cícero Almeida, Racine Santos, Dácio Galvão, Jansen Leiros, Júscio Marcelino, João Batista Xavier, Edna Duarte entre outros expressivos nomes da cultura do Estado. A presidente da FUMAC apresentou seu plano de trabalho para 1995. Na ocasião houve a apresentação de uma peça de teatro, por um grupo local e o jogral com poemas de Auta de Souza.



# Cartas

Prezado Dr. Iaperi,

Desejo manifestar-lhe minha satisfação pela publicação na Revista Cultural "O Galo" (que tem por Editora uma jornalista dinâmica e de reconhecida competência) do artigo "O Engenho de Cunhaú, de autoria do Historiador Olavo de Medeiros Filho (do IHGRGN), que com um trabalho sério e constante vem trazendo notável contribuição à história do Rio Grande do Norte.

Desejo também cumprimentá-lo por sua atuação em prol da cultura e particularmente agradecer o apoio a iniciativas referentes à antiga casa de Cunhaú bem como seu zelo pela augusta memória de meu tio tetravô André de Albuquerque Maranhão, cuja conduta ilibada e grandeza moral honram o Rio Grande do Norte, do qual foi um dos maiores heróis.

Aproveito a oportunidade para formular-lhe, bem como a sua família e aos funcionários da F.J.A, os melhores votos de uma feliz Páscoa.

Com todo o apreço

Paulo Fernando de Albuquerque Maranhão  
Rio de Janeiro

Prezada senhora,

Tendo tomado conhecimento do "O Galo" através de uma visita ao Centro Cultural de São Paulo, venho nesta requerer a minha inclusão como assinante franqueado deste conceituado veículo cultural, pelo qual eu e meus filhos já nos sentimos agradecidos.

Sem mais para o momento, me despeço fornecendo meu endereço.

Atenciosamente,

Antonio Carlos Duarte Gomes  
São Paulo

Senhor Presidente

Parabenizamos a essa Entidade pela edição do 6º número da revista cultural O GALO, ocorrido nesse dia 17 próximo passado e no ensejo apresentamos nossos escusas pelo não comparecimento a data de lançamento, tendo em vista motivos de ordem superior.

Atenciosamente,

Radir Pereira de Araújo  
Natal-RN

Saudações Literárias

Chegou até minhas mãos um exemplar de "O Galo" e isto deixa-me muito emocionado por saber que neste país ainda existem sementes de cultura que nós desconhecemos... Chegou o momento de começarmos um "REFLORESTAMENTO CULTURAL" e dar ênfase a um MOVIMENTO ECOLÓGICO CULTURAL sólido... para isso preciso saber se o "GALO" ainda está cantando... e gostaria imensamente de receber estes brilhantes exemplares...

Caso não exista mais lembrem-se que PHOENIX renasceu das cinzas...

Um abraço, até breve...

Cláudio de Lima

Diretor Cultural Espaço Artístico  
Soma  
Indaiatuba-SP

Prezada Editora

Estamos lhe entregando uma edição do Ecoarte, jornal da Universidade de Bagé, Rio Grande do Sul e que tem uma proposta humanista de Ecologia ampla. Com participação de especialistas e poetas ele vem resistindo em seu recado de acordar a sociedade para a solução de suas grandes tensões. Possui um caderno básico, um noticiário do Centro de Artes e a colaboração do Grupo Cultura Sul, de nossos poetas integrantes de nosso Projeto Ecoarte.

Gostaríamos de receber regularmente sua preciosa e original publicação "O Galo" que tem nos deixado encantados pela proposta moderna e a forma não convencional e poética. Agradeceríamos o envio enquanto nos colocamos abertos à contribuições.

Atenciosamente,

Elvira Nascimento  
Editora do Jornal Ecoarte  
Bagé-RS

Prezados Senhores,

Solicitamos enviar para minha pessoa "O Galo".

Gostaria de continuar recebendo a revista para enriquecer a nossa "coletânea de jornais alternativos do Brasil.

Atenciosamente,

Silva Barreto  
São paulo-SP

Senhora Editora:

Venho comunicar que gostaria de Receber (1) exemplar da Revista Cultural O GALO, desta Fundação José Augusto, por cortezia. E também quero Informar-me o preço da assinatura anual. Tenho o desejo de fazer parte nesta revista como colaborador. Envien-me as informações sobre ser Colaborador da mesma. Quero a resposta desta carta urgentemente.

Atenciosamente,

José Rodrigues de Arruda  
Escritor - Serrinha

Escritor José Rodrigues de Arruda  
Serrinha

Prazados Senhores:

Sou universitário, 25, e ao examinar o congênere Vagalume, tomei conhecimento do periódico O Galo, o que me leva a solicitar de V. Sas., uma assinatura desse veículo cultural.

Sendo o que se apresenta para o momento e na expectativa de resposta, subscrevo-me.

Atenciosamente,

Marcos José Michels  
São Paulo-SP

Senhor Presidente,

O Conselho Municipal de Cultura, em sua última sessão plenária, aprovou, por unanimidade, propositura apresentada pelo Conselheiro Getúlio Pereira de Araújo, no sentido de encaminhar cumprimentos a V.Sa. pelo lançamento do número especial da revista O GALO, em Portugal e na Espanha.

Cumpre-nos ressaltar que o autor da propositura assinalou o importante trabalho histórico-cultural que V.Sa. vem realizando à frente da Fundação José Augusto.

Assim sendo, manifestamos protestos de elevada estima e real consideração.

Sueli Lima de Freitas  
Secretária  
Goiania-GO



Primer telefone de Natal  
1911

EXTERNO VELADO DE  
ALUGUERDO MENSUAL  
EM REAL DE CINQUENTA MIL  
REIS ANUAIS DE CINCO MIL  
REIS MENSUAIS REPUBLICA  
REPUBLICANA DE BRASIL  
CIVIL GRANDE DO NORTE  
EM 1911

# 1º Telefone de Natal

Foto: Gilberto Alves



Domício  
12/1986  
K/86